

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LUÍS DE CAMÕES
OBRAS
COMPLETAS

COM PREFÁCIO
E NOTAS DO PROF.
HERNÂNI CIDADE.

VOLUME IV
OS LUSIADAS (I)



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA

**OBRAS COMPLETAS
DE
LUÍS DE CAMÕES**

COLECÇÃO DE CLASSICOS SA DA COSTA

Autores portugueses

Autores estrangeiros

A' venda :

SA DE MIRANDA — Obras completas, 2 volumes

FRANCISCO MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*

JOAO DE BARROS — Panegíricos

TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias

DESCARTES — Discurso do método, Tratado das paixões da alma

DIOGO DO COUTO — O soldado práctico

FREI LUIS DE SOUSA — Anais de D. João III, 2 volumes

HOMERO — Odissêa, 2 volumes

FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*.

M.^{me} DE SÉVIGNÊ — Cartas Escolhidas

ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, 2 volumes

HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, 4 volumes

FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*

MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*

MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*

FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*

LA BRUYÈRE — Os Caracteres

AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *Selecção*

FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*

GIL VICENTE — Obras Completas, 6 volumes

BOCAGE — Poesias, *selecção*

AMADOR ARRAIS — Diálogos

HOMERO — Ilíada, 3 volumes

JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito

FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldela

JOAO DE BARROS — Décadas, *selecção*, 4 volumes

DIOGO BERNARDES — Obras Completas, 3 volumes

CANCIONEIRO DA AJUDA, vol. I

CAMÕES — Obras Completas, I, II, III e IV volumes

FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, volumes I e II.

DIOGO DO COUTO — Décadas, *selecção*, 2 volumes

A seguir:

CAMÕES — Obras Completas, vol. V (último).

FREI LUIS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, volume III.

CANCIONEIRO DA AJUDA, vol. II

Cada volume 20\$00.— Tiragem especial 90\$00

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA



Luís de Camões
OBRAS COMPLETAS

com prefácio e notas do
prof. **Hernani Cidade**



VOLUME IV

OS LUSÍADAS

(Cantos I a V)



LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

*Desta obra tiraram-se 200 exemplares
em papel Leorne, da Companhia do
Papel do Prado, numerados e rubricados.*

*Todos os exemplares são autenticados
com a rubrica do editor.*

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

———— 1947 ————

Composto e impresso na casa
BERTRAND (IRMAOS), L.^{da}
Travessa Condessa do Rio, 27
———— **LISBOA** ————

PREFÁCIO

I

A HISTÓRIA DO TEXTO D'OS LUSÍADAS

A semelhança do que temos feito nos volumes que contêm a Lírica e o Teatro de Luís de Camões será o prefácio d'Os Lusíadas, em grande parte, a rápida exposição da história externa do seu texto, história que não é, segundo se vai ver, sem complicação que alicie a curiosidade e sem interesse para a história da cultura portuguesa.

Diga-se desde já que, apesar de publicada em vida do Poeta, ao contrário do que succedeu à quase totalidade da sua restante obra, também Os Lusíadas têm sido objecto de alterações no texto, evidentemente errado na edição princeps — e isto sem o remédio de

manuscrito autêntico por que seja possível autorizar a correção. Mas detenhamo-nos desde já nesta questão.

I — Os pretensos manuscritos do poema

O Licenciado Manuel Correia, que se inculcava amigo de Camões e preparou a primeira edição comentada do poema, que veio a ser publicada em 1616 por Mariz, aludiu a um livro de mão com letra de Camões, onde afirmava encontrar-se a expressão flor clícia em vez de flor cefisia, que é a lição da edição princeps. Infelizmente levou tal ms. sumiço que nem sequer anima a rebuscas, e nisto, como aliás em tudo o mais que Manuel Correia nos diz do Poeta e da sua obra, é preciso acreditá-lo sob palavra.

Possui a Biblioteca Nacional um ms., de Luís Franco Correia, o mesmo a que mais uma vez aludimos e recorremos nas notas e variantes dos volumes anteriores da obra do Poeta. Contém poemas vários de autores quinhentistas em grafia da mesma época, entre os quais alguns apontados como de Camões pela indicação marginal, em letra mais recente: Cam. não anda. Entre eles figura o I Canto d'Os Lusíadas, interrompido pela nota: não continuo porque saiu à luz.

Assim, com toda a aparência de anterior à primeira edição do poema, faz-se bem ideia da preciosidade que ele constituiria, se os méritos intrínsecos da sua lição como tal o confirmassem. Mas longe disso.

Desautorizam-no erros graves no léxico, na gramática como na métrica, formas que seria erro ainda maior transferir da responsabilidade do péssimo copista para a responsabilidade do grande Poeta.

Outros mss. ainda são os dois que Faria e Sousa diz ter encontrado em Madrid, caso que festeja exclamativamente, como é seu costume:

«Bueno Dios, como favoreces las honestas ocupaciones!... Me hallo más contente que um ignorante, más loco que un enamorado, más soberbo que un rico!»

Dos dois mss. continha um apenas os primeiros seis cantos, nele se declarando que se furtaram a Luís de Camões da obra que tem começada sobre o descobrimento e conquista da Índia por os Portugueses...

O camonista entusiasta forregeia neste ms. variantes de palavras e versos e insere na sua edição as estrofes que contém a mais — 46 completas e duas metades.

Que confiança pode merecer tal ms.? Teria sido iludida por qualquer mistificador a sua

boa-fé — mais do que ele próprio é acusado de iludir a nossa? Se, na verdade, as estrofes acrescentadas foram da pena do Poeta, bem se comprehende a sua eliminação: destoa da sua normal sobriedade por exemplo, a enumeração minudente de alguns castelhanos mortos em Aljubarrota, não faltando a rivalidade amorosa entre dois deles... Comenta Faria e Sousa com razão:

«Verdaderamente hizo el P. bien en quitar descripciones de golpes varios desta grande fabrica, por mostrar a los grandes escritores passados é venidero un nuevo camino i una elecion nueva...» (1).

O outro ms. é intitulado: *Lusíada* de Camões, agora novamente reduzida, por Manuel Correia Montenegro. É datado de Salamanca, 1620, e dedicado ao Duque de Bragança. Declara Montenegro que, tendo encontrado aquella obra, resolvera restituí-la e emendá-la de muitos erros. Um dos objectos da restituição e emenda, por exemplo, foram os versos *exdrúxulos* e agudos que mudou em graves, porque aqueles se lhe afiguravam mui mal parecidos. Pelo mesmo critério subjectivo trocou por outras algumas

1. *Lusíadas*, ed. de F. e Sousa, I, pág. 313.

palavras que lhe pareceram mal soantes; e uma vez a mão adextrada nas irreverências da... colaboração, não se ficou por aqui: entre as interpolações a que sujeitou o texto, meteu no número das bandeiras que Paulo da Gama mostra ao catual, a que representa a tomada de Azamor, por D. Jaime de Bragança... 15 anos depois da viagem do Gama!... Montenegro empenhava-se em que o desrespeito pelo Autor d'Os Lusíadas equilibrasse, no desaforo, a lisonja perante o magnate a quem dedicava a sua redução...

Finalmente, acrescentemos ao parágrafo dos mss. a mistificação a que as misérias do exílio obrigaram o pobre Filinto: — o poeta quase faminto procurou comprador para um ms. d'Os Lusíadas corrigido por Camões e comentados por ele, Filinto. Pertence hoje à Camoniana da Biblioteca Nacional, para onde veio do Brasil.

Como se vê, faltam-nos elementos que possam autorizar, não dizemos já com o selo da autenticidade camoniana, senão tão somente com a respeitabilidade de uma cópia cuidadosa, modificações que poderiam melhorar os erros que na ed. princ. escaparam à revisão e desde os primeiros anos de vida do poema andavam ligados ao problema de que a seguir nos ocuparemos.

2 — As duas edições datadas de 1572.

Foi Faria e Sousa, o devotado camonista que passou um quarto de século em convívio espiritual com o Poeta, através da obra que largamente manuseou e comentou, quem primeiro notou a existência de duas edições diferentes do poema, ambas datadas de 1572. Fê-lo, todavia, já na sua segunda Vida do Poeta, póstumamente publicada em 1685; aí notou entre as duas edições diferenças «de caracteres y ortografia; de erratas que ay en la primeira que se ven emẽdadas en la segunda; y de algunas palabras en que mejoró lo dicho.»

Não é preciso dizer como logo o seu fervoroso culto pelo Poeta lhe explicou o facto: fora tão grande o êxito editorial, que o mesmo foi aparecer o poema no mercado que logo se sumir arrebatado pelo entusiasmo voraz do leitor, a quem houve de oferecer, no mesmo ano, a segunda edição. Este juízo perfi-lharam-no o Abade de Sever e o Morgado de Mateus, na sua ed. monumental de 1817, e ainda, no nosso tempo, a rápida venda da 1.ª edição está na base da explicação que acerca da dupla edição foi exposta por Alexandre de Albuquerque.

Foram os editores de Hamburgo (1834), Barreto Feio e Gomes Monteiro, os primeiros a explicar o curioso mistério editorial pelo desejo de corrigir os erros da 1.^a edição, na verdade numerosos, segundo logo o pôs em maior evidência o inventário que deles fez o académico Mendes Trigoso.

Percorridos sete exemplares com a data de 1572 à lupa de análise mais minuciosa, chegou mesmo José Feliciano de Castilho a afirmar, em 1848, em carta a Inocêncio Francisco da Silva, a existência não apenas de duas, senão de três ou quatro edições. Mas logo a tese oposta de Silva Túlio (Archivo Pittoresco, IV, 1870), que afirmava ter havido apenas uma edição, durante a tiragem de cada uma das folhas da qual se foram fazendo correcções, deu a explicação plausível das aparências que iludiram J. F. de Castilho.

Houve, na verdade, correcções durante a mesma tiragem, mas também houve duas edições independentes, como o demonstram não apenas as diferenças da lição do texto, senão também as do material empregado — portada e letras capitais — disposição tipográfica da página que insere o alvará do privilégio, além de outros pormenores de factura e tipo que não escapam ao olhar dos técnicos.

Quanto às diferenças textuais, logo na

1.ª estrofe começa numa o 7.º verso: E entre gente remota... e na outra: Entre gente remota... Ainda na mesma estrofe, ás terminações em am da 3.ª pessoa dos perfeitos, corresponde a outra com terminações em ão. Daquela primeira diferença provém o indicar-se por E e a edição cuja portada tem o pelicano com a cabeça virada para a esquerda do leitor, e por E a que o tem com a cabeça para a direita.

3 — Qual das duas edições é a primeira? Por quem, quando e com que intuito foi publicada a segunda?

Pode ler-se sobre o assunto o estudo de José Gomes Monteiro, na ed. monumental de 1880, de Emílio Biel; o de Tito de Noronha, publicado no mesmo ano e intitulado — A Primeira Edição d'Os Lusíadas; a Introdução que o Prof. José M. Rodrigues escreveu para a ed. fac-similada da Biblioteca Nacional, de 1921; As duas edições d'Os Lusíadas de 1572, de Alexandre de Albuquerque; finalmente, a Introdução de Eleutério Cerdeira à ed. monumental do poema da Companhia Editora do Minho, de 1940, reproduzida e acrescentada no opúsculo Duas grandes fraudes camonianas, Barcelos, 1946.

De princípio foi tida como princeps a ed. E por suas mais graves incorrecções — ou porque como tal a considerava F. e Sousa. A ed. E e, vinda depois, ou não evitara, dado que fosse intenção do ed. corrigir a anterior, apresentar-se ainda incorrecta, ou não se acautelara, na hipótese de fraude, contra as correccções por que se denunciasse a diferença. O Morgado de Mateus, tolhido pelo prestígio da ed. que julgara a princeps, editou aquela a que ligou o nome pelo seu texto incorrectíssimo, o que logo lhe valeu as censuras da crítica, contra ele publicando o francês Mablin Lettre à L'Académie Royale des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades — Paris 1825. Assim lá persistiram vários erros: Mercúrio como filho de Maria, em vez de Maia (II, 56); Febo (o Sol) e não Febe (a Lua) como provocando o crescimento dos mariscos (VI, 38); o epíteto de ensífero dado ao Oriente em vez de a Oriente (VI, 85).

Sem nos determos na pormenorização do problema, observamos que o princípio por que foi considerada princeps a ed. E não deixa de valer para que como tal se julgue a E e. Aquela parece, na verdade, corrigir esta em pormenores formais, de ortografia e syntaxe, registados pelo Prof. Rodrigues (Ed. da B. N.), posto deixe passar erros de subs-

tância, bem mais graves. Explicariamos o facto por uma revisão de gramática, a que o Poeta fosse alheio. Já não parece tão facilmente admissível que edição com propósito de correcção, além de deixar ficar numerosos erros comuns, outros acrescentasse que pioravam o texto primitivo.

Este argumento e ainda o de se apresentar mais gasto, segundo afirmam os técnicos, o tipo da ed. E, parecem autorizar a conclusão, agora geralmente aceita, de que fosse esta a segunda.

Foi o trabalho, já citado, de Tito de Noronha que radicou e generalizou a convicção da prioridade da ed. E e. Mas qual a data da ed. E? e com que intuito teria sido publicada?

Há quem lhe atribua a data de 1572 (Faria e Sousa) ou a que marca o termo da actividade do editor António Gonçalves — 1576, considerando-a determinada pelo objectivo do lucro, que não pelo desejo de corrigir a primeira, pois que, na verdade, contém erros muito mais graves e ainda bastos. Assim pensa Alexandre de Albuquerque, supondo como F. e Sousa rápida a venda da primeira edição, que poderia ser tão rápida, que logo no mesmo ano fosse necessário reimprimi-la. Nem custa admitir o êxito do poema, pois a

circunstância de ser publicado já implica, no tempo, a celebridade do Poeta, nem custa admitir qualquer daquelas datas. Também parece mais plausível a hipótese do intuito do lucro e menos aceitável a contrafacção fraudulenta, pois que as diferenças procuraria o defraudador mais cuidadosamente evitá-las. O que se não antolha tão bem provado é a exclusão de qualquer das outras datas durante os 10 anos de privilégio.

Há quem a considere posterior à ed. dos Piscos (1584). Como esta mutilava o poema, sentir-se-ia a necessidade de o restituir em sua integridade, mas isto discretamente, em ed. que seria muito semelhante à princeps, com ela confundida se subtraísse à censura. (Tito de Noronha, Gonçalves Guimarães e Eleutério Cerdeira). Esta hipótese provoca a objecção das diferenças entre a ed. princeps e a contrafacção, perante as quais o autor da fraude seria mais sensível do que o público leitor.. Como aventurar-se tão desacauteladamente contra a censura? José M. Rodrigues objecta que entre E e P (Piscos) há lições comuns, o que, sendo P ed. incompleta, leva à conclusão de que P supõe a anterioridade de E, que lhe serviria de modelo. A verdade, porém, é que apenas aponta uma dúzia de lições comuns, entre as quais só uma de im-

portância—começavam por tornavam (20, I) — o que torna muito mais provável que a lição seguida fosse a de E e e fossem derivadas de erros casuais as semelhanças com E.

É finalmente o mesmo camonista que supõe outra hipótese, assente sobre tais identidades: a ed. E foi impressa entre 1582, data em que termina o privilégio, e 1584, data de P. É nesta época que se estabelece em Lisboa o impressor espanhol Andres Lobato, em cuja tipografia o moço da capela do Paço, Afonso Lopes, imprimiu, em 1586, a 2.^a ed. das obras de Gil Vicente e em 1587 os autos de António Prestes e Luís de Camões (Enfatriões e Filodemo). A portada de E figura igualmente naquela edição de Gil Vicente. O editor teria estabelecido diferenças propositadas, para que não houvesse dúvidas de que se tratava de edição revista... pelo Poeta.

A fraude assim concebida não só escapa às objecções baseadas sobre as variantes das duas lições, como as transforma em prova do intuito comercial que a determina. Mas que impede então de transferir a impressão para o ano de 1572? O mesmo intuito comercial levaria o editor a fazer outra edição, apenas renovando parte do tipo, por qualquer razão aproveitando portada parecida, já utilizada em 1550, na Compilaçam das obras de Gil

Vicente, e por falta de revisão do Autor (porque não contra ele a fraude?...) deixando escapar os graves erros que se sabe.

Como se vê, não é fácil captar a certeza, no confuso entrebater das hipóteses. E quem sabe lá, se uma outra hipótese não daria a chave do mistério?: A censura da ed. dos Piscos que mutila o poema, é assinada por Bartolomeu Ferreira, que o deixa ileso em 1572. Em 1595 novamente o texto sai segundo o original. Assim, se sob o mesmo clima de intolerância do Demónio do Meio — Dia († 1598), é possível a reprodução do texto, salvo pequeníssimas alterações, porque não seria possível que os mesmos censores que mutilaram uma edição promettessem vista grossa sobre a do texto de 1572, em contrafacção que evitasse o escândalo da duplicidade censória — e que os livreiros saberiam vender a quem menos precisasse de ser preservado do... paganismo das estrofes eliminadas? Ao lado da edição ad usum Delphini, os padres censores consentiriam, mas sem o pôr de evidência, fosse estampada a edição integral que 12 anos antes circulara livremente, que 11 anos depois livremente circularia...

4 — A edição dos Piscos.

A edição chamada dos Piscos é a segunda em data — 1584. Dois anos antes terminara o prazo do alvará que protegera a de 1572; e sem que este fosse transferido para a mãe do Poeta, ainda viva no ano seguinte, em que a beneficiaria a tença de 15\$000 reis concedida ao filho, surge a edição da iniciativa de Manuel da Lira: Fr. Bartolomeu Ferreira, o censor benévolo da ed. de 1572, é, na verdade, quem agora subscreve, como qualificador do Santo Ofício, a censura do poema. Em 1572 julgara que era digno de se imprimir, porque o Autor com os mitos apenas pretende ornar o estilo poético, ficando sempre salva a verdade da nossa santa fé». Em 1584 escreve que, assim emendado como agora vai, não tem cousa contra a fé e os bons costumes. Outros censores quinhoavam as suas responsabilidades — Licenciado Manuel dos Quadros, D. Paulo Afonso e o P.^e Jorge Serrão, S. J.

As emendas eram verdadeiras mutilações, determinadas por escrúpulos religiosos, morais e políticos. O respeito da fé procura evitar a designação de deus ou deuses às entidades mitológicas. São os de cima, os ídolos, os senhores; é qualquer forma pronominal

como todos, cada um deles; é ainda o próprio nome Vénus, Baco. É tudo menos o nome tabu. Clara dea por que o Poeta designa Venus substitui-a a ed. por a nunca feia...

Aludia Camões aos apóstolos — os mandados de Deus — que na Metrópole ocultavam a ambição do mando e riquezas sob humilde manto:

E vós outros que os nomes usurpáis
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a Santa Fé?

119 — X

M. Correia escreveu em seus Comentários que esta estrofe, por não ser bem entendida, fora interpretada e caluniada por mordaz contra os Padres da Companhia. Mas enganaram-se todos — acrescenta.

Por Apóstolos eram designados os padres da Companhia de Jesus, e, por sua tradução em mandados de Deus, o Poeta parece, na verdade, a eles aludir. Certamente os não censurava na generalidade, pois não ignorava a actividade missionária que por todo o Descoberto os inacianos vinham exercendo, e ao martírio de um deles — Gonçalo da Silveira — consagra ele alguns versos do poema

(X-93); mas bem parece haver alusão aos irmãos jesuítas Gonçalves da Câmara nas estrofes VIII-55 e IX-28, além da já citada. De aqui a eliminação, desta última (X-119), precisamente a alusiva aos mandados de Deus — e assim a de mais suspeito significado.

Os zelos políticos levaram à eliminação da estrofe X-25, que acusa D. Manuel de avaro e inico para com Duarte Pacheco, e da última do canto III, que desculpa as fraquezas de D. Fernando, mas agora por zelos não políticos, senão morais, que determinaram outros e mais graves cortes — o de todas as estrofes que mais fulgiam do lume sensual do Renascimento.

Foi o poema expurgado das estâncias do II canto, que descrevem a deusa Vénus impetrando de Júpiter a protecção para os Portugueses, assim como foram modificadas outras e mesmo criada uma, para tornar possível transferir a resposta de Júpiter para uma voz que do alto vinha, dirigida não já a Vénus, senão aos mareantes.

Em vez da estrofe:

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione...

infligiu-nos a Censura esta:

Orava o ilustre Gama desta sorte,
Quando ũa voz que do alto vinha,
Dizendo-lhe:—«Não temais ver a morte
Tão propínqua a ti e tão vizinha.
Anima-te e esforça, varão forte,
Que tal empresa a tal varão convinha».
Ouvindo isto o Gama atento estava
E a voz que bem se ouvia assim soava.

*Eliminadas as estrofes seguintes, salta a
nova ed. para a 44, assim modificada:*

Famosos Portugueses, não temais
Perigo algum jamais em Lusitanos,
Nem que nenhum que eles possa mais
Em quantas gerações houver de humanos...

*A mesma mão irreverente cortou, no
Canto V, do episódio do Adamastor, a es-
trofe 55, porque nela ressoavam os beijos pa-
gãos do gigante nas faces, olhos e cabelos da
ninfa; e nem é preciso dizer que o mesmo
peguilhento pudor não deixaria sem cortes,
no Canto IX, o episódio da Ilha dos Amores.
As estrofes 71, 72, 73, 78 e 83 foram apaga-
das como lumaréus do Inferno.*

Outros cortes ainda se fizeram, e alguns de todo inexplicáveis. No Canto V, por exemplo na descrição da Tromba Marítima, dir-se-ia que o censor julgou falho de gosto poético o realismo directo das estrofes 19 e 20, e passou logo à comparação: Qual roxa sanguessuga...

De tais estragos parece terem-se vingado os manes do Poeta, pondo na edição que lhe mutilava a obra o ridículo que para sempre a tornou risível: vem-lhe a designação de edição dos Piscos da nota com que nela se elucida o verso 2 da estrofe 65, do Canto III: Sesimbra é piscosa porque em certo tempo, se ajunta ali grande número de piscos para passarem à Africa...

5 — As edições posteriores à «dos Piscos».

O mesmo mercador de livros — Estêvão Lopes — que em 1595 publicou as Rimas, deu à estampa, 2 anos depois, Os Lusíadas de Luís de Camões. Pelo original antigo... O censor do Santo Ofício, Fr. Manuel Coelho, já obedece a critério diferente do expresso na censura da ed. de 1584: «Não lhe borrei os vocábulos de que o Autor muitas vezes usa e que já alguns lhe notaram, como falar em deuses, em fado, e usar deste vocá-

bulo divino etc. porque — resumindo-o — tal linguagem a autorizam as Escrituras e os Padres da Igreja, ao falar-se dos deuses do paganismo». Ainda assim, em mais de um passo se reacenderam os escrúpulos acalmados. Assim, a estrofe 71 — IX foi castamente retocada:

De ãa os cabelos de ouro o vento leva
Que madeixa da Arábia pareciam,
Acende-se o desejo que se ceva
De ver que mais que o Sol resplandeciam;
Outra co'a pressa cai e já releva
Render-se aos leves pés que a seguiam,
E por se assegurar de quem a ofende,
Com se meter nas águas se defende.

Mas não foi muito mais além a exigência do virginal recato. Sente-se que, alguns anos decorridos, poderia o prestígio do Príncipe dos Poetas impor a ed. integral do texto... salvas pequeninas imolações à pudicícia, agora mais tolerante. Foi o que sucedeu à ed. de 1609, do impressor Craesbeck, feita à custa de Domingos Fernandes, a quem ficámos devendo uma ed. das Rimas. O anotador, o prior da Mouraria L.^{do} Manuel Correia, que se inculcava amigo de Camões, apenas limitara as exigências do seu pudor

a um retoquezinho que a evolução semântica tornará risível: na mesma estrofe 71-IX as palavras fraldas, ceva, carnes foram substituídas respectivamente por vestes, cerca, partes. Ficou assim quase intacto em seu esplendor de Renascimento o quadro sensual da ficção.

E foi a última ed. que inseriu alterações por motivos de ordem ética.

6 — As correcções para a inteligibilidade do texto.

É agora outro o empenho dos editores. Querem tornar inteligível ou acertado o que os tipógrafos obscureceram ou erraram. E a primeira correcção que ocorreu foi a que a ed. de 1598 fez ao verso 6-21, IX, porventura sugerida pela primeira tradução espanhola de Benito Caldera: o verso de difícil inteligibilidade e métrica imperfeita:

Da primeira no terreno seio
foi transformado em:

Da mãe primeira no terreno seio
quase unânimemente aceite pelas eds. posteriores.

As correcções de Faria e Sousa foram, na Lírica como no poema épico, da audácia a que já nos referimos no Prefácio do volume I. Afirma que as autorizam os mss. que tinha em seu poder.

Podemos crer, todavia, que muito mais o moveu a cegueira acrítica do seu culto pelo Poeta, não tolhida de quaisquer escrúpulos. Tudo fez, porém, no sentido, não da expurgação moral senão da inteligibilidade e da perfeição estética.

Barreto Feio, em sua ed. de 1834, foi infinitamente discreto. Emendou em 1-77, VII Gamas para Gama; em 6-47, I, adagas para adargas, mas aqui sem razão, porque o P. tinha presente o texto de Castanheda, onde aquela forma ocorre; em 8-13, II, Na moça para Da moça, o que também não parece necessário.

Ao Morgado de Mateus, cujo respeito pela ed. que considerou a primeira, já dissemos ter sido excessivo, apenas em 3-20, II, o escrúpulo lhe permitiu — e aqui justificadamente — a substituição de Cloto por Doto.

Dos escritores que lhe sucederam, apenas a Gomes de Amorim levou a excessos devastadores a persuassão de que o poema havia sido desfigurado pelos tipógrafos da 1.^a edição e, por consequência, não podia

prescindir do seu divinatório instinto poético... Os Lusíadas em suas mãos foram exercício de redacção imperfeita sob o lápis vermelho de pedagogo mal-humorado...

O Prof. José Maria Rodrigues, apesar de convicto de que ainda o mancham erros vários, sugeriu correcções nos estudos por que repartiu a sua actividade de camonista, mas não ousou inseri-las na sua ed. da Imprensa Nacional. Honra lhe seja!

II

O SIGNIFICADO E O VALOR ESTÉTICO D'OS *LUSÍADAS*

Raríssimas vezes, apesar de quanto se escreve sobre os infortúnios pessoais de Camões, um grande poeta teve, como ele, os fados conjurados para que resultasse plenamente satisfeito o desio d' eccellenza em que comungava com os seus pares italianos do Renascimento.

Trouxeram-no tais fados do ambiente bucólico e humanístico de Coimbra, para o ambiente cosmopolita e trepidante de Lisboa, agitado da vária repercussão duma epopeia espraçada por oceanos e continentes, que ainda em sua vida não tinha cessado, se bem se lhe misturassem já as elegias das decepções e todo o negrume das tragédias que foram o preço das glórias conquistadas. Depois desta

larga experiência da vida, a experiência da luta em Ceuta, seguida da trabalhada experiência da vida pelo Ultramar. Em suas andanças por lá, as lembranças de muita façanha épica, avivada pelo próprio contraste com as primeiras manifestações da decadência, mais haviam de suscitar o desejo de fixar, para a perpetuidade dos tempos, os esplendores do sol que ia extinguir-se.

Assim, pois, com o génio do Poeta colaborou a mais rica e sugestiva experiência, realizada em espaço e tempo mais que nenhuns adequados à fecundidade da aliança felicíssima.

Mas o momento histórico não deu apenas a Camões a funda emoção inspiradora suscitada pela situação singularíssima da Pátria: igualmente lhe condicionou o surpreender o Lusitano no ensejo, que não mais se repetiu, em que ele excepcionalmente representava o Homem na trágica luta pela efectivação da sua realeza na Terra.

O poema, assim não é apenas nacional: conta, é verdade, a história da formação da nacionalidade, da sua expansão gradual para além das limitadas fronteiras metropolitanas; conta os cristãos atrevimentos pelos quais a

... pequena casa lusitana
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera lá chegara.

Conta tudo isto, e vai intercalando, nas façanhas guerreiras, alguma coisa da infinita variedade da vida: os episódios que constituem, no decurso da nossa vida histórica, a parte elegíaca da mísera e comovedora humanidade: a luta de D. Afonso Henriques contra a Mãe; o seu perjúrio político, que dá ensejo à grão fidelidade portuguesa de Egas Moniz; a sua morte pranteada pelas almas e pelas coisas:

Os altos promontórios o choraram
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram
Com lágrimas correndo piedosas...

84 — III

Depois, a entrada da formosíssima Maria pelos paternais paços sublimados, a impetrar o auxílio que salvou a Península nos campos do Salado; e a morte da mísera e mesquinha que depois de morta foi rainha, de quem

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memória eterna em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.

135 — III

E a fraqueza de D. Fernando, que a experiência amorosa do Poeta desculpa, com ele incapaz de resistir a

... um olhar seguro, um gesto brando,
Ūa suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transfor-
[mando...]

143 — III

E a hesitação medrosa dos Portugueses nas vésperas de Aljubarrota, convertida em destemidez heróica pela palavra e pelo exemplo de D. Nuno... Tudo isto, e a galeria dos retratos que se sucedem no poema. Já o crítico inglês Bowra (1) soube ver como pelas grandes batalhas nos momentos críticos da vida nacional — Ourique, Salado, Aljubarrota — e como pelos retratos em que o Poeta mais se demora (e faltou-lhe atentar na simpática figura de Leonardo, ocupado sempre

1. From Virgil to Milton, (Londres, 1945).
pág. 91-93.

de pensamentos de firme namorado, ou no grãozinho de fanfarronice do espírito aventureiro de Veloso) o Poeta nos dá impressionantes sínteses da vida portuguesa e do carácter que lhe explica as virtudes e os defeitos.

Por todos estes dados objectivos, alguns rigorosamente históricos, nos deu Camões, complementarmente, o que em mais subtile e finos aspectos da vida moral em sua Lírica nos tinha oferecido — a psique integral do seu povo, revelada na vida subjectiva e na vida de acção.

Mas não se contentou disso, posto que já fosse muito. A poesia não era então apenas meio de conhecimento, senão também meio de apostolado patriótico e edificação moral. E por isso não poupa o épico os viciosos sucessores dos heróis de África e Ásia, em gostos e vaidades atolados, em ócio ignaro que o ânimo de livre fez escravo. Aconselha-lhes a que ponham na cobiça um freio duro e na ambição também e no torpe e escuro vício da tirania, infame e urgente:

Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

*Como os degenerados epígonos dos heróis,
são flagelados os que têm na mão a adminis-
tração pública:*

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e da aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

28 — IX

*E igualmente não poupa os que, usur-
pando os nomes de mandados de Deus, como
Tomé, fogem aos trabalhos do apostolado:*

Olhai que, se sois sal e vos danais
Na Pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
— Infiéis deixo — tantas heresias?

119 — X

E mais adiante, denunciando de modo mais claro a rémora que os retinha:

Tenham religiosos exercícios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda a ambição terão por vento,
Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

150 — X

Mas o horizonte da Pátria, assim dominado em suas realidades políticas e morais, em seu passado e presente, não foi de bastante largueza para o voo do génio. Quase tanto como o Português o interessava o Cristão e o Homem, e aquele na medida em que destes era a mais interessante expressão do tempo.

Camões vive comovidamente aquele momento de crise do mundo cristão. Um ano antes da publicação do poema, dava-se a batalha naval de Lepanto contra o Turco, e a ameaça, então dissipada, por muito tempo havia pairado sobre a Europa. Quando no poema se descreve a chegada dos Portugueses à Índia, o Poeta suspende a narrativa, como se o empolgasse a consciência do alcance

transcendente do facto. Todo o começo do Canto VII é a exaltação da geração do Luso. Enquanto o alemão, soberbo gado | Que por tão largos campos se apascenta, | do sucessor de Cristo rebelado, | Novo pastor e nova seita inventa; enquanto o duro Inglês, que se nomeia | Rei da velha e santíssima cidade | Que o torpe Ismaelita senhoreia [...] Nova maneira faz da Cristandade; enquanto o Galo indigno, apesar do nome de Cristianíssimo, contra ela se alia com Solimão, nas guerras entre Francisco I e Carlos V; enquanto os Italianos, em delícias | Que o vil ócio no mundo traz consigo, | Gastam as vidas, logram as divícias, | Esquecidos do seu valor antigo; enquanto, finalmente, os míseros Cristãos dão o espectáculo dos dentes de Cadmo desparzidos, | Que uns aos outros se dão à morte dura, vendo com indiferença a divina sepultura possuída de cães os quais, não contentes de tão pouco, na expansão imperialista que começara por subtrair aos domínios da Cruz Gregos, Trácios, Arménios, Georgianos,

Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra,

9 — VII

enquanto a Europa cristã deserta do seu posto, a geração do Luso vai levar a guerra, a concorrência comercial, a propaganda apostólica às terras do Oriente que são a fonte principal do poderio do Turco. Camões, que em mais de um passo do poema — e, por exemplo, na fala do Velho do Restelo — manifesta a consciência do complexo objectivo da empresa dos descobrimentos, neste momento tudo sublima no anelo proselitico:

A vós, ó geração do Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo já no Mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o Céu rotundo;
Vós a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre que nos Céus está em essência:

Vós, Portugueses, poucos quando fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais;
Assim do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na Santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

Mas o sentimento da solidariedade humana do Poeta não ultrapassará a limitação da Cristandade? Para além do Português, apenas logrará ver o Cristão, sem atingir a altitude de onde é possível ver o Homem?

Cremos que nenhum outro poema de quinhentos, melhor, nenhum outro livro daquele grande momento da História mais do que Os Lusíadas fixou para a perpetuidade das gerações o Homem que o viveu. Anima-o, por um lado, aquela confiança eufórica na própria grandeza, que não podia deixar de lhe resultar da luta triunfante contra as fatalidades do mundo físico e moral que se opunham à sua realeza; por outro lado o amargura a melancolia da mesma luta, que não é sem inquietações, dores e mortes.

O orgulho das vitórias obtidas traduz-se no desespero com que Baco apela para as divindades marinhas:

*Que descuido foi esse em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?*

Vistes que com grandíssima ousadia
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolências tais, que têm
Que do mar e do Céu, em poucos anos,
Venham deuses a ser e nós humanos.

28 e 29 — VI

O Adamastor estrondeia na sua apóstrofe o mesmo despeito contra quem lhe quebra os vedados términos. Ora como ele, tanto como outros mitos, representam as forças naturais que a audácia humana vinha gloriosamente submetendo, bem se comprehende a profunda verdade, não apenas portuguesa mas humana, do orgulho que os nossos éxitos justificavam. Rabelais já muito antes o havia expresso na bela alegria do pantagruélion, ou seja o cânhamo pelo qual, aproveitado no velame dos navios, os homens devassam todos os oceanos. E perante o facto, os deuses olímpicos tais como os deuses marinhos do nosso épico, também surpreendidos e temerosos exclamam:

«Pantagruel nous a mis em pensement nouveau et tédieux [...] Par ses enfants

(peut-être) sera inventée herbe de semblable énergie, moyennant laquelle pourront les humains visiter les sources des grêles, les bondes des pluies et l'officine des foudres [...] s'asseoir à table avec nous et nos déesses prendre à femmes, qui sont les seuls moyens d'être déifiés.»

Pantagruel, Liv. III, cap. LII.

Mas a glória ganha na luta contra as poderosas forças que limitavam a acção do Homem dizia-o a História Trágico-Marítima ao Poeta que era comprada ao preço de muita lágrima e de muito sangue. Ele o sabia melhor do que Rabelais, e por isso n'Os Lusíadas, mais do que em qualquer outro livro do tempo, às estrofes da epopeia vitoriosa se misturam as estrofes da elegia mais sentida. Logo o I canto termina pelos versos:

Ó grandes e gravíssimos perigos !
Ó caminho da vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança !

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida !
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno !

105 e 106 — I

O Adamastor, ruge contra os nautas profecia que resume algumas das mais dolorosas páginas da História Trágico-Marítima. Todas as naus que fizerem aquela viagem hão-de ter naquele passo ventos e tormentas desmedidas.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

44 — V

E depois de assim anunciar a morte de Bartolomeu Dias, seu descobridor, patenteia a que os Fados destinam a D. Francisco de

Almeida — o primeiro ilustre que a ventura com fama alta fizer tocar os Céus — e concentra em três estrofes, admiráveis por sua sobriedade e densidade, toda a grandeza trágica do naufrágio de Sepúlveda.

É assim, na previsão aterrada do que em inquietações e misérias nós demos e o Homem dá pelos triunfos da sua ambição, que o Velho do Restelo, na praia cheia das lágrimas e dos gritos lancinantes da despedida, fala aos nautas na largada. Ele exprime mais alguma coisa do que a corrente nacional contra a empresa dos descobrimentos— representada por quantos, como o Infante D. Pedro nas vésperas de Tânger,, temiam perder a boa capa pelo mau capelo: traduz a humaníssima saudade da vida simples, sem ambições desvairantes nem ansiosas inquietudes, a saudade mais de uma vez expressa nas páginas da História Trágico-Marítima:

Ó glória de mandar ! Ó vã cobiça
Desta vaidade a que chamamos fama !
Ó fraudulento gosto que se atia
Co'ũa aura popular que honra es chama !
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama !
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelas exp'rimentas !

Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!

95, 96 — IV

E depois de apostrofar a geração de Adão, condenada por desobediência não somente a perder o estado sobrenatural da graça, senão também o estado de quieta e simples inocência da idade de ouro, condenação que o leva a preferir o mal menor da guerra com o Ismaelita, que deixa criar às portas, ei-lo que volve à ideia nuclear do seu discurso:

«Ó maldito o primeiro que no Mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e a glória.»

«Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu
Em mortes, em desonras—grande engano!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!»

102, 103 — IV

*E depois de lembrar os exemplos míticos
de ambição desvairada, assim remata em de-
primida tristeza ante o irremediável:*

«Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado ⁽¹⁾ a humana geração;
Mísera sorte, estranha condição!»

95, 96, 102, 103 — IV

*Eis onde chegou, em patético interesse
pelo Homem, o poema cujo significado se
tem restringido com o curto epíteto de na-
cional. É-o, na verdade, mas ergue-se muito
acima de tal nível, pelo menos, na medida em
que o Português, com o transcendente alcance*

1. O mesmo que «por tentam».

da epopeia que realizou e da experiência que viveu, superou o horizonte restrito do próprio egoísmo.



Simples prefácio não pode converter-se em monografia, e por isso apenas rapidamente nos referiremos aos valores estéticos com que o Poeta garantiu ao conteúdo ideológico da sua obra a perpetuidade dos séculos.

Tais valores consistem, em primeiro lugar, na nobreza e vigor expressivo da linguagem, normalmente banhada de claridade intelectual, como cumpria o fosse numa época em que a inteligência reclamava a parte do leão no gozo estético e se entendia que a máxima dignidade do poeta só podia atingir-se pela actividade do pensamento culto — e pela expressão que lhe correspondesse. E se assim cumpria que fosse na poesia lírica, muito mais o devia ser na poesia épica, considerada a forma mais nobre da expressão poética. Em face de poema épico da natureza do de Camões, o leitor exigia o que Os Lusíadas lhe davam. Exigia-lhe a riqueza de ideias e até de informações sobre o mundo e a vida, sobre Deus e o homem; não se tolhesse o poeta de

evocar a História e o Mito, de desdobrar a carta geográfica, de descrever segredos da natura e costumes de gentio bárbaro, de se erguer mesmo, em poema exaltador de esforços no descobrimento do Mundo, à visão do Universo que coroasse a visão do planeta. Exigia-lhe as criações brilhantes da imaginação que ao plano do quotidiano sobrepujassem o plano do fantástico — refúgio para a evasão pedida à poesia; entidades mitológicas dramatizariam, transcendentalizando-a, a acção dos heróis, assim nimbados do halo que suscitava a visão poética. Finalmente, também esperava dele, para além do claro discurso que a inteligência não dispensava, o som alto e sublimado, a linguagem grandiloqua, posto que corrente, ornada de erudição clássica, rara, que proporcionasse o prazer do exercício intelectual — a memória culta recordando saber, a inteligência relacionando e interpretando passos para raros apenas.

Davam Os Lusíadas tudo isto, mas de modo superior e imprevisto. E em nada eles patenteiam tal superioridade de modo tão surpreendente como na intervenção das entidades mitológicas na acção heróica.

Diferentemente do que se verifica nos outros poemas contemporâneos, os deuses

vivem e agem em plano que não tem contacto com o plano em que se movem os homens. Os nautas não dão pela sua presença ou assistência, até porque nem pelas maquinações de Baco as forças da Natureza desencadeadas excedem os limites do seu poder destrutivo, nem pela protecção de Vénus as energias humanas transpõem as balizas que as circunscrevem. De maneira que tudo decorre como a história o registou, como se pela primeira vez se sentisse, em poesia, que a realidade histórica e natural pode ser de si mesma, sem as transfigurações da fantasia, carregada de substância épica.

Mais: o Mito não nos parece jogo puro, senão figuração transcendente do real. Pois não é lícito supor que Baco, o deus cuja fama os Portugueses vão eclipsar no Oriente, representa no poema, além das forças que a Natureza opõe à audácia do Homem, os próprios interesses criados de Venezianos e Mouros, que nós íamos prejudicar? E Vénus, afeiçoada à gente lusitana | Por quantas qualidades via nela | Da antiga, tão amada sua, romana, não parece que representa, como pensa Bowra (¹), o espírito ocidental, harmo-

1. *Op. cit.*, pág. pág. 110-114.

nioso e civilizador, criador de ordem, em oposição a Baco, para o mesmo crítico mitificação do espírito oriental em sua vaidade, astúcia, repugnância à ordem?

Talvez não seja necessário admitir, ainda com Bowra, que «todos os deuses camonianos corporizam poderosas forças que actuam no coração do homem e na conduta da vida»; talvez que os versos:

Deixam dos sete céus o regimento,
Que do Poder mais alto lhes foi dado,
Alto Poder, que só co'o pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado

21 — I

e ainda:

E também porque a Santa Providência
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudencia
Governa o Mundo todo que sustenta

83 — X

não traduzem pensamento coerente do Poeta, segundo o qual as divindades mitológicas seriam as causas segundas, ao serviço de Júpiter, que representaria a Providência. Porventura Camões as toma, à excepção das duas

essenciais à acção—Vénus e Baco — como símbolos transitórios, não integrados num sistema coerente assim podendo por meio deles exprimir as tendências lúdicas de toda a poesia, como sucede naquele encontro, de tão vivo lume pagão, de Júpiter com Vénus, no Olimpo. Mas basta que um crítico da categoria de Bowra veja na máquina mitológica do poema tal transcendente significado, para que fique manifesto o que ela encerra de singular e significativo no livro que logo de princípio estabelece este programa:

Ouvi que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.

II — I

e mais adiante: Homero e Virgílio

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semi-Deuses, e encareçam
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam;

Dêem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêem-lhe perder nas águas o Piloto;

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpías que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas já passadas;
Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu canto, nua e pura,
Vence toda a grandiloqua escritura.

88 e 89 — V

Esta maneira de utilizar e tratar o Mito bem parece na verdade, complementar do modo por que o Poeta trata a realidade — com a perfeita clarividência de pensamento permanentemente activo, que raro deixa ou jamais deixa sem sua iluminação as emoções e intuições do subconsciente — zona em que a poesia moderna tanto se compraz. E desde já se deixa ver que a expressão haverá de corresponder em lúcida intelegibilidade a esta clara e formosa visão do mundo da realidade e do mundo do sonho. Ela é igualmente formosa e clara, e também esplende da nobreza que a cultura do tempo não dispensa, e lhe é dada por discreta tintura latinizante, de léxico e syntaxe.

Mas o Poeta bem sente — e sabe que, para além do significado inteligível do vocabulo e da frase pode desta e daquele despren-

der-se a sugestão misteriosa da sua música, que no íntimo da sensibilidade provoca ressonâncias intraduzíveis em termos de inteligência. E porisso põe na boca do Adamastor a estrofe:

Não acabava quando ãa figura
Se nos mostra no ar robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura
O rosto carregado, a barba esquálida;
Os olhos encovados e a postura;
Medonha e má, e a cor terrena e pálida
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

39 — V

É sensível na alternância das rimas em -álida e -ura, a impressão da força gigantesca e do lúgubre mistério. Como é sensível, ainda no poder sugestivo da música verbal, a orquestração que quanto no descritivo põe arrepios nas carnes e no cabelo, e a suavização das ásperas deformidades do títan pela elegia do seu amor desprezado:

Ó Ninfa a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste angano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada ?

57 — V

É preciso dizer que aliquando bonus dormitat Homerus? Há versos do poema que são argamassa de ligação, prosa intercalar que a poesia nem de leve tocou. Isto é inevitável em toda a larga composição em que se desdobre plano lógico, cuja realização só é possível com a cooperação, às vezes indiscreta, da razão ordenadora, que não sabe traduzir-se em linguagem poética. Assim sucede, sobretudo, em todo o poema que se propõe manter-se aderente ao real, sob cujo peso e dureza mais de uma vez desmaia abatida, a imaginação criadora. Mas são tantos n'Os Lusíadas os trechos de poesia intrínseca ou extrínseca que bem se pode dizer logo surge novo, quando ainda a ressonância do anterior se não apagou na sensibilidade. E nem de outro modo era possível o infinito agrado deste convívio, que esta edição tenta aquecer de novos motivos, com o génio criador do que Cervantes chamou o Tesouro do Luso.

HERNANI CIDADE

ALVARÁ RÉGIO DA EDIÇÃO DE 1572

Eu el Rey faço saber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfectos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da Índia depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu visauo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos [«annos» em E] que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir [«emprimir» em E] em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da Índia pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volumes [«volmes» em Ee] que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, e antes de se imprimir sera vista e examinada na mesa do conselho geral [«geeral» em E] do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu

nome, por [«per» em E] mim assinada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. XX, que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por [«per» em E] aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. XXIIII de Setembro [«a vinte & quatro dias do mes de Setembro em E], de MDLXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer. (*).

(*) A ortografia é a da edição Ee,

PARECER DO CENSOR
DO SANTO OFÍCIO
NA EDIÇÃO DE 1572

Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, e não achei nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria á fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo a por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe [«fee» em E], que todos os Deoses dos Gêtios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

O TÍTULO DO POEMA

Qual a origem do título — *Os Lusíadas*? A palavra é de restritíssima voga no tempo do Poeta, que aliás apenas como título a emprega. Apontam-se os passos e os escritores que a usam, e não vão além de três — neles incluindo Célio Rhodigino, em seus *Lectionum antiquarum libri triginta* (1516), que a exumou do texto grego dos *Deipnosophistas*, de Atheneu (século III), onde, todavia, a palavra designa as ninfas que, perto de Síbaris, em suas grutas acalmavam os ardores dos jovens sibaritas ⁽¹⁾.

Entre nós usaram-na Jorge Coelho, numa oração latina publicada em 1536, mas escrita em 1526, quando da imposição do chapéu cardinalício ao Infante D. Afonso, a quem é dedicada, e André de Resende, numa das suas epístolas, no *Erasmi Encomion* e no poema *Vicentius Levita et Martyr* (1545).

Eis o passo do poema:

...ea (urbe=Lisboa) poterat securus vivere Olysses
Inter Lusíadas, nisi amor revocasset amata
Conjugis... ⁽²⁾.

Pela maior proximidade da data e pelo superior interesse do assunto é probabilíssimo que fosse nesta obra que o Poeta encontrasse a palavra, tanto mais que de vários passos do poema, registados nas *Fontes dos Lusíadas*, de

⁽¹⁾ Vid. *Ensaio*, de B. Xavier Coutinho, Porto, 1941. No ensaio *Para a história de «Os Lusíadas»*, em comentário ao artigo de A. Pimenta, publicado no *Diário de Notícias* de 24-II-933, acerca do emprego da palavra *Lusíadas* por Célio Rhodigino, mostra o Autor a fonte deste humanista no livro de Atheneu, escritor grego do século III — *Deipnosophistas*.

⁽²⁾ «Nesta [cidade...] poderia viver seguro entre os Lusíadas, se o não chamasse o amor da esposa bem-amada...».

J. M. Rodrigues, se conclui ter Camões lido com proveito a Resende.

Além disso, é o próprio humanista eborense que reivindica a invenção da palavra, e por processo que de tão fácil bem parece espontâneo, alheio a qualquer sugestão. Escreve ele:

«*A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellavimus Lusitanos, et a Lysa Lysiadas, sicut a Aenea Aeneadas dixit Virgilius. Nec male subcessit. Nam video id multis adlibuisse, praesertim autem Georgio Coelio, Lusitaniae nostrae ornamento, sive poeticam facultatem, sive Ciceronianae orationis aemulationem spectes* ⁽¹⁾».

O que, porém, importa no título não é o achado linguístico do humanista, senão o achado literário do Poeta. E consiste ele em dar ao seu poema, não um título através do qual entrevíssemos a acção dum herói, como *Aeneada*, *Il Godofredo*, *Franciade*, *Orlando Inamorato*, *Orlando Furioso* e outros; ou que evocasse uma acção militar, posto que notável, como *Ilyada*, *Pharsalia*, *Punica*, *Thebalda*, *Gerusalemme Liberata*; ou uma grande viagem, como *Odysea*, *Argonautica*.

O título *Os Lusíadas* logo nos anuncia a visão épica da história de todo um povo.

(1) «De *Luso*, de onde vem *Lusitania*, chamámos *Lusíadas* aos Lusitanos, e de *Lysa Lysiadas*, tal como Virgílio de *Aenea* derivou *Aeneadas*. E não sem êxito. Vejo, na verdade, que a muitos isto agradou, principalmente a Jorge Coelho, ornamento da nossa Lusitânia, quer consideres a faculdade poética, quer o esforço por igualar a oração ciceroniana». (Pág. 48 das *Anotationes*).

OS LUSÍADAS



CANTOS I A V

OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, e do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvez Impressor.*

1572.

CANTO I.

I

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
5 Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

1. Enquanto Virgílio, na *Eneida*, que o Poeta mais de uma vez imita, abre o poema com o verso — *Arma virumque cano*, ou seja: *Eu canto os feitos de armas e o varão...*, Camões celebra as armas (*feitos de armas*) e os «varões» (ou *barões*). O respeito pela personalidade histórica do Gama, demasiado recente para poder ser transfigurada, impedia o Poeta de o tratar como Virgílio tratou a *Eneas*, fazendo dele o símbolo do povo romano. O povo português, em suas virtudes e defeitos, é representado por toda uma galaria de personagens históricas, cada uma delas, sem deformação da própria biografia, oferecendo um traço da nossa fisionomia colectiva. Ao mesmo tempo, *Os Lusíadas*, como deste mesmo título se depreende, não diz apenas respeito à viagem do Gama; metade dele é destinada a contar a história de Portugal anterior ao descobrimento do caminho marítimo para a Índia, e, em forma profética, a que decorre desde este feito ao tempo em que viveu o Autor, e este intuito obriga a dar a muitos outros *barões* relevo igual ou superior ao do Gama.

4. A *Taprobana* era o nome clássico da Ilha de Ceilão, e é aqui tomada como o limite oriental do mundo conhecido, para além do qual se estendeu a nossa expansão. Mas Castanheda identifica a Taprobana com Sumatra. Epifânio observa que na Ode com que o Poeta introduz a obra de Garcia d'Orta — *Colóquio dos Simples*, etc. — se fala do sanguinolento *Taprobânico Achén*, um dos povos desta ilha.

8. O novo Reino foi o império português na Ásia.

II

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
5 E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
— Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III

Cessem do sábio grego e do troiano
10 As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;

4. *Os reis que andaram devastando as terras viciosas...* ou seja os portugueses que andaram combatendo por terras por onde se espalhava a religião maometana, que tornava os seus habitantes *viciosos*.

8. *Engenho e arte* são expressões frequentemente associadas na poesia clássica, como, afinal, no próprio fenómeno da criação artística se associam a *faculdade conceptiva* ao *poder de realização artística*.

9-12. O Poeta refere-se a *Ulisses* (o sábio grego), herói do poema *Odisseia*, de Homero, e a *Eneas* (o troiano), herói da *Eneida*, de Virgílio; a Alexandre Magno e ao imperador romano Trajano, ambos conquistadores de regiões orientais. Este confronto do esforço guerreiro e expansivo dos Portugueses com o dos povos que os tinham precedido é a cada passo feito pelos escritores quinhentistas, poetas como Garcia de Resende ou António Ferreira, prosadores como Castanheda ou Barros, e sempre com a convicção orgulhosa da nossa superioridade.

Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

- 5 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado.
10 Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

2. *Neptuno e Marte*, ou seja o *Oceano* e a *guerra*, de que são respectivamente os deuses, representam a *oposição dos elementos* e a *hostilidade dos homens* que havemos de vencer no estabelecimento do nosso domínio.

5-12. *Tágides* são as ninfas do Tejo, inspiradoras do Poeta, segundo a concepção da poesia antiga, que atribuíam à água de certos rios e fontes o poder de conferir a faculdade poética. Assim as águas das *Fontes de Aganipe e Hipocrene*, no Monte Hélicon, na Beócia, celebradas pelos antigos. Elas teriam inspirado a Homero, e por isso o Poeta pede às ninfas que, visto terem sido por ele celebradas em poesia lírica, lhe dêem o que é indispensável para o poema heróico — *um som alto e sublimado*, *um estilo grandíloco*, sem deixar de ser *corrente*. *Febo* ou *Apolo* é o deus das artes, que dá a inspiração poética.

V

Dai-me ãa fúria grande e sonora,
 E não de agreste avena ou frauta ruda,
 Mas de tuba canora e belicosa,
 Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
 5 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
 Que se espalhe e se cante no universo,
 Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
 10 Da lusitana antiga liberdade,
 E não menos certíssima esperança
 De aumento da pequena Cristandade;

1. *Fúria*, entusiasmo, delírio poético, semelhante ao delírio dos oráculos, porque também o poeta se considera sob possessão de potência transcendente. A *tuba canora* e *belicosa* é o símbolo da inspiração épica, tal como a *agreste avena* ou *frauta ruda* (rude) simboliza a poesia bucólica. (Vid. nota 7-13 da pág. 54 do II vol.).

9. Começa neste verso a *dedicatória* a D. Sebastião. Nesta estrofe o que tem suscitado dúvidas são os três últimos versos. Por *maravilha* (ou *assombro fatal* entende-se *maravilha infalível* (acima lhe chama *certíssima esperança*), porque é Deus que a dá ao Mundo, com o fim de a Deus, à sua fé dar a *parte grande* que há-de conquistar. *Que todo o mande* tem-se interpretado: *o qual* (Deus) *mande todo o mundo* (J. A. de Macedo e Gomes de Amorim; *para que* (a *maravilha*) *mande todo o mundo* (Epifânio e Storck, por exemplo); *o qual* (Deus) *todo o mande* (a D. Sebastião, idéia implícita na palavra *maravilha*), segundo J. M. Rodrigues e Cláudio Basto. Qualquer destas interpretações é possível, posto nos pareça a primeira

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

VII

- 5 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ãa árvore de Cristo mais amada
Que nenhũa nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
10 Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que ele pera si na Cruz tomou);

preferível às restantes, apenas na frase assim entendida havendo de menos regular a antecipação da expressão do voto na construção da frase, da qual, em mais corrente linguagem, seria a última cláusula. Entender que o voto expresso é que D. Sebastião estenda o seu império a todo o Mundo, parece incompatível com a finalidade de tal domínio. Como, depois de o obter, daria dele a Deus apenas *uma parte*, posto que *grande*?... Além disso, de nenhuma outra referência de Camões a D. Sebastião se depreende a ideia de que o *Desejado* venha a ser o imperador do Quinto Império. Essa utopia virá muito mais tarde. Por então o P. contenta-se de esperar que o rei domine o Ismaelita, o Turco e o Índio (I, 8). O Dr. José Maria Rodrigues viu na expressão *o mande* uma alteração tipográfica de *os mande*, e em *os mande* um *espanholismo*, por *vos mande*. Cremos que só em último caso seria de aceitar conjugação de tal gralha com tal *espanholismo*.

6-12. *Árvore* (genealógica) ou casa reinante. Por *Cesárea* entenda-se *imperial*, e refere-se à Casa imperial da

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando dece o deixa derradeiro;
5 Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

Alemanha, cujos reis eram considerados, desde Othon (e por virtude do coroamento de Carlos Magno pelo Papa), como os herdeiros do título de *imperadores romanos*. *Cristianíssima* era a casa reinante francesa; desde o século XIV tinham os seus reis o epíteto de *cristianíssimos*. A preferência de Deus pelo povo português estava expressa — diz o Poeta — no escudo da Nação; e alude à batalha de Ourique, depois da qual, segundo a lenda, D. Afonso Henriques, por concessão divina, mandou representar no brasão por cinco escudetes as cinco chagas de Cristo.

5-8. Camões dá eco à esperança mais de uma vez expressa por poetas do tempo: D. Sebastião submeteria terras de África, domínios orientais do Turco e terras da Índia, cujos habitantes bebem como sagradas as águas do Ganges.

IX

Inclinaí por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
5 Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos;

X

Vereis amor da Pátria, não movido
10 De prémio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
15 E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

4. É no templo eterno da Fama que o rei há-de entrar, quando na plenitude da sua força, na inteira idade.

8. Por numerosos deve entender-se *candenciados*, — com o número de sílabas determinado pela métrica.

XI

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas;
5 As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

XII

Por estes vos darei um Nuno fero,
10 Que fez ao rei e ao Reino tal serviço;
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara pera eles só cobiço;
Pois pelos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
15 Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que pera si de Eneias toma a fama.

1. Vãs = não reais.

7-8. *Rodamonte* (deformação de *Rodomonte*) é personagem do *Orlando Innamorato*, de Boiardo († 1494), como *Rogério* (*Ruggiero*) o é do *Orlando Furioso*, de Ariosto († 1533). *Orlando* é deformação de *Roland*, o herói da *Chanson de Roland* (poema francês do século XI).

13. Os *Doze Pares* são os doze paladinos de Carlos Magno, heróis das *Chansons de Geste*, poemas heróicos da França medieval, que constituem o chamado *ciclo carolíngio*. Quanto ao Magriço e aos Doze de Inglaterra, conta o Poeta o episódio no Canto VI, 43 a 69.

XIII

Pois se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
5 E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, co'a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
10 Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
15 Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

1-2. Por *Carlos* entenda-se Carlos Magno e por *César* — Júlio César Augusto, imperador de Roma.

5. Refere-se a D. João I, e à vitória de Aljubarrota.

7. Alude a D. João II.

13. *Vid.* X, 12-15 e 17-23.

14. D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, e seu filho D. Lourenço, ambos os quais foram mortos no Oriente, o primeiro vítima dos Cafres no regresso, o segundo em combate naval: por isso o *Tejo* por eles chora.

15. Albuquerque (Afonso de —) *Vid.* X, 40 a 49. D. João de Castro. *Vid.* X, 67.

XV

E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
5 Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
10 Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
15 Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro.

12. ...já forma, na métrica do tempo, uma única sílaba com a 1.^a da palavra seguinte.

13. *Tétis* é a esposa de *Néptuno*, portanto, é o mar o seu *cerúleo senhorio*.

XVII

Em vós se vêm, da olímpica morada,
Dos dous avôs as almas cá famosas,
— Ûa, na paz angélica dourada;
Outra, pelas batalhas sanguinosas;
5 Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No Templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas, enquanto este tempo passa lento
10 De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
15 Que são vistos de vós no mar irado;
E costumai-vos já a ser invocado.

2. O *avô* que se afama pela *paz angélica* é D. João III; o que se tornou célebre nas *armas sanguinosas* é Carlos V pai de D. Joana, mãe de D. Sebastião.

8. E a bem-aventurança celeste — a *suprema eternidade* que se conquista não na *inteira idade*, como o *eterno templo de Fama*, (1,9) mas no *fim da idade* Epifânio julga, cremos que erradamente, que o *Templo da Suprema eternidade* é variante da expressão *eterno templo*, de 1,9.

14. *Argonautas* são, na Mitologia, os tripulantes da nau *Argos*, em que foram em expedição à Cólquida (região banhada pelo Mar Negro), sob o comando de *Jasão*, em demanda do velo de ouro, defendido por um dragão.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
5 Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas;

XX

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
10 Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
15 Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

8. *Proteu* e não *Próteo*, como pela necessidade da métrica o Poeta acentua, era o pastor do gado marinho de *Neptuno*.

9. O *Olimpo* é um monte situado entre a Macedónia e a Tessália. Segundo a Mitologia, em sua parte superior à região das núvens, viviam os deuses, e no cimo, erguia-se o palácio de *Júpiter*.

15. *Júpiter* adiante indicado como o que vibra os raios de *Vulcano* (ou seja preparados por esta divindade do Inferno), é aqui chamado o *Tonante* porque o trovão é a expressão da sua cólera, como o raio o instrumento da sua vingança.

16. Refere-se a *Mercúrio*, o mensageiro dos deuses, neto de *Atlante*, por sua mãe *Maia*.

XXI

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
5 Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre ali, sublime e dino,
10 Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
15 Co'ũa coroa e cetro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

1. Os deuses que têm dos sete céus o regimento — (os sete céus do sistema de Ptolomeu, exposto pelo Poeta no canto X, 77 a 90) são a Lua (*Diana*), Mercúrio, Vénus, Sol (*Fébo*), Marte, Júpiter e Saturno.

6. O *Arcturo* é a constelação do Bootes ou Boieiro, pela qual se designa o Norte, como o *Austro* designa o Sul — a terra que para lá fica ou o vento que de lá vem.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam
5 (Precedem os antigos, mais honrados;
Mais abaixo, os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

XXIV

— «Eternos moradores do luzente,
10 Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
15 Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

8. *Horrendo* = *que infunde terror*.

XXV

«Já lhe foi (bem o vistes) concedido
C'um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
5 Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno;
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

XXVI

«Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
10 Que co'a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
15 Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.

10. *Gente de Rómulo*, mitológico fundador de Roma, é o povo romano.

11. Viriato foi o chefe lusitano que conduziu a luta contra os Romanos, até que foi morto à traição. O Poeta torna a referir-se-lhe no VIII canto, 5-7.

15-16. Camões refere-se a Sertório, o romano (*peregrino* é sinónimo de *estrangeiro*) que chefou os Lusitanos nas lutas pela sua independência e que fingia receber inspiração de uma *cerva* animada de espírito divino.

XXVII

«Agora, vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
5 Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

«Prometido lhe está do Fado eterno,
10 Cujá alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada
Nas águas têm passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
15 Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

4. O *Africo* era o vento de Sudoeste, e *Noto* o vento do Sul.

6. Os Portugueses, tendo atravessado no Atlântico a zona temperada do Norte e a do Sul, tinham, com efeito, passado pelas regiões em que, na mesma altura do ano, os dias são mais longos e aquelas em que eles são mais curtos.

12. O mar *que vê do Sol a roxa entrada* é o Índico, como qualquer mar oriental, mas foi somente naquele que se estabeleceu o mais importante do domínio português.

XXIX

«E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
5 Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»

XXX

Estas palavras Júpiter dizia,
10 Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O Padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
15 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a lusitana gente.

13. *Baco*, segundo a Mitologia, levou até o Ganges as suas conquistas. Assim, bem podemos considerá-lo como representando todos os interesses criados que no Oriente se levantaram contra o nosso domínio.

XXXI

Ouvido tinha aos fados que viria
Ūa gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
5 E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha
Altamente lhe dói perder a glória,
De que Nisa celebra inda a memória.

XXXII

Vê que já teve o Indo sojugado,
10 E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
15 De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

4. *Dóris*, filha do *Oceano* e de *Tétis*, casada com *Nereu*, representa o Mar.

8. *Nisa* é, segundo a Mitologia, a cidade onde *Baco* foi criado. Situa-se no Pandjab (Índia). Também se fabulou que foi este deus o seu fundador.

12. No Monte do *Parnaso*, onde a Mitologia fabulava que habitavam as *Musas*, brotava a *Fonte de Castália*, cujas águas eram de efeito igual ao das fontes de *Aganipe* e *Hipocrene*.

XXXIII

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, romana:
5 Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

XXXIV

Estas causas movim Citereia.
10 E mais, porque das Parcas claro entende
Que há de ser celebrada a clara Deia.
Onde a gente belígera se estende.

1-8. *Vénus*, segundo se infere desta estrofe, parece ser introduzida na estrutura do poema para representar a civilização ocidental, na sua expressão mais próxima da nossa — a latina. Segundo o Poeta, nós continuámos de tal civilização a valentia expansionista, a boa estrela, a própria língua.

6. A *Terra Tingitana* era a de Tânger (*Tingis* entre Gregos e Romanos). A sua posse, na verdade, não a devemos directamente aos nossos *fortes corações*, senão à nossa *grande estrela*, visto que espontaneamente os Mouros no-la abandonaram, depois que tomámos Arzila.

9. *Citereia* se chama a *Vénus*, por ser em *Citera* que se erguia um dos mais famosos templos votados ao seu culto. A ilha de *Citera*, situa-se ao Sul do Peloponeso.

10. *Parcas* eram as deusas do destino dos homens — *Cloto*, *Láquesis* e *Atropos*.

Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

5 Qual Austro fero ou Bóreas na espessura,
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
10 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deus, no Olimpo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
15 Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava;
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
20 Deitando pera trás, medonho e irado;

5. *Bóreas* é o vento do Norte.
18. *Merencório* = *aborrecido*.

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
5 E dando ãa pancada penetrante
Co'o conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;

XXXVIII

E disse assi: — «Ó Padre, a cujo império
10 Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
15 Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

7. *Apolo* ou *Febo* é o Sol. Daí a atribuição ao deus das propriedades do astro.

13. Na sintaxe de *gente* pode atender-se ao sentido masculino e plural que contém, e não à forma feminina e singular; por isso *padeçam* está no plural, e na estrofe seguinte se lhe refere o pronome os (sustentasse).

XXXIX

«Que, se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
 Pois que de Luso vêm, seu tão privado;
 5 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque enfim vem de estômago danado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem que outrem merece e o Céu deseja.

XL

«E tu, Padre de grande fortaleza,
 10 Da determinação que tens tomada,
 Não tornes por detrás, pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercúrio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve e à seta bem talhada,
 15 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da Índia, e onde a gente se reforme.»

4. *Luso*. Vid. adiante nota aos v. 6 e 7 da estr.
 21-III.

5. *Tenção* = *parecer*; *Passe* = *não seja tomada em consideração*.

6. *Estômago* é forma popular de *estômago*, e usa-se então com o sentido que hoje atribuímos a *coração*, *entranhas*.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso,
E néctar sobre todos esparziu.
5 Pelo caminho lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

XLII

Enquanto isto se passa na fermosa
10 Casa etérea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
15 Queimava então os Deuses que Tifeu
Co'o temor grande em peixes converteu.

3. *Mavorte* é forma derivada de *Mavortem* (nominativo *Mavors*, formas primitivas sincopadas nas formas *Mars* — *Martem*).

4. O *néctar* era bebida de deuses, mas também o usavam para espargir, pelo perfume que dele se evolava.

5. *Caminho lácteo* ou *Via láctea* (foi baptizada pelo povo em *Estrada de Santiago*).

14. A Ilha de S. Lourenço é hoje chamada de Madagascar.

16. Quer dizer que o Sol entrava no signo de *Pisces*, o que condiz com a história da viagem, segundo a qual Vasco da Gama largou do Rio dos Bons Sinais em 24 de Fevereiro de 1498. O mito a que se alude neste passo é o

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Serenos o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
5 O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia nome amigo,
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava
Novas ilhas que em torno cerca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
10 Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Pera se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece;
15 Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

seguinte: o gigante *Typhon* ou *Tifeu* aterrou por tal forma *Vénus*, por quem se apaixonara, e *Cupido*, filho da deusa, aparecendo-lhes de súbito nas margens do Eufrates, que, lançando-se ambos ao rio, ou, como uns dizem, foram transportados para a outra margem por dois peixes, ou neles se metamorfosearam. De qualquer maneira, foram estes peixes que depois se transformaram na constelação do seu nome.

5. *Prasso* ou *Praso*, hoje identificado com o *Cabo Delgado*, era, na Geografia de Ptolomeu, o *términus* da terra conhecida para o Sul,

XLV

Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
5 A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa dela.
— «Que gente será esta?» (em si diziam)
«Que costumes, que leis, que rei teriam?»

XLVI

As embarcações eram na maneira
10 Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
De ãas folhas de palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáeton, nas terras acendidas,
15 Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

6. O *Pado* e hoje *Pó* é o nome do *Rio Eridon*, onde o filho do Sol — *Fáeton* ou *Fastonte* (segundo se toma o nome da forma do nominativo ou da do acusativo) — despenhou o carro do pai, depois de ennegrecer os habitantes da região tropical, da qual excessivamente se aproximara. *Lampetusa* é uma de suas irmãs. A cor dos tripulantes dos batéis (*Vid.* adiante, estrofe LIII) não era negra, mas baça, como a dos Mouros, requeimados do Sol.

XLVII

De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
5 Das cintas pera cima vêm despídos;
Por armas têm adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os panos e co'os braços acenavam
10 As gentes lusitanas que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Pera que junto às ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
15 Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da âncora o mar ferido em cima salta.

7. *Toucas* ou *fotas* chamam-se hoje *turbantes*.
13. Entenda-se: os marinheiros e os que o não eram
— a gente de guerra.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O capitão sublime os recebia;
5 As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu prantado havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Fáeton queimados nada enjeitam.

L

Comendo alegremente, perguntavam,
10 Pela arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas repostas que convinham:
15 — «Os Portugueses somos do Ocidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

3. *Vid.* pág. 21, nota 13.

6. *Licor de Lieu* é o vinho. *Lieu* é epíteto de *Baco*, a quem a Mitologia atribui a plantação da vinha.

LI

«Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto;
Toda a costa africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto;
5 Dum rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte;

LII

«E, por mandado seu, buscando andamos
10 A terra oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos
— Se entre vós a verdade não se nega —
15 Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais.»

2. Entenda-se: parte sententrional (*Pólo Antártico*) e meridional (*Calisto*) do Oceano. *Calisto* era uma ninfa que, por seus amores como *Júpiter*, de quem concebeu *Arcade*, foi como este metamorfoseada em constelação: ela é a *Ursa Maior* e ele a *Ursa Menor*.

8. É um dos rios do Inferno.

12. É construção arcaica, por *é navegado*. A conjugação reflexa com sentido passivo só é hoje usada quando se não declara o agente, como: *este mar navega-se em pirogas*.

LIII

— «Somos (um dos das ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem lei e sem razão.
5 Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe hebreia teve, e o pai gentio.

LIV

«Esta ilha pequena, que habitamos,
10 É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala,
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
15 E, por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha — Moçambique.

6. É crença dos Maometanos que Maomé era descendente de Abraão e Agar, por Ismael, filho de ambos. De aí os nomes de *agarenos* ou *ismaelitas* que se dá aos Maometanos.

8. A mãe de Maomé era a hebreia Amina, e o pai o gentio Abdalá,

LV

«E já que de tão longe navegais,
Buscando o indo Idaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sàbiamente.
5 Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o regente,
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.»

LVI

Isto dizendo, o mouro se tornou
10 A seus batéis com toda a companhia;
Do capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto, Febo nas águas encerrou
Co'o carro de cristal o claro día,
15 Dando cargo à Irmã que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.

2. O *Idaspe*, por que em poesia clássica se designa a Índia, é afluente do Indo, e chama-se hoje *Ihelam*.

9. *Mouro* é designação étnica que passou a religiosa: generaliza-se a todos os indivíduos de qualquer raça que seguem a religião de Maomé.

13-15. *Febo* e *Diana* (ou seja o Sol e a Lua) são ambos filhos de *Júpiter* e de *Latona*.

LXVII

A noite se passou, na lassa frota,
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem, da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
5 Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lũa os claros raios rutilavam
10 Pelas argênteas ondas neptuninas;
As estrelas os céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
15 Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas, assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabelos espalhou
No céu sereno, abrindo a roxa entrada
20 Ao claro Hiperiónio, que acordou,

10. No sistema de Ptolomeu as esferas ou céus faziam, cada um com seu planeta, a rotação diária em torno da terra.

20. *Hiperion* ou *Hiperiónio* filho de *Celo*, foi encarregado de governar o Sol, de onde alguns o consideram o pai deste astro e outros o identificam com ele.

Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria,
O regedor das ilhas, que partia.

LX

5 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas,
Que, os aposentos cáspios habitando,
10 A conquistar as terras asianas
Vieram, e, por ordem do destino,
O império tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o capitão alegremente
O mouro e toda sua companhia;
15 Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só pera este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente,
Não usado licor que dá alegria;
Tudo o mouro contente bem recebe,
20 E muito mais contente come e bebe.

8. *Inumanas é o mesmo que não civilizadas, bárbaras.*

9. *Fôra de terras banhadas pelo Mar Cáspio que saíram os Turcos à conquista de Constantinopla.*

LXII

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão bárbara e enleada.
5 Também o mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se porventura vinham da Turquia.

LXIII

E mais lhe diz também que ver deseja
10 Os livros de sua lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E, por que tudo note e tudo veja,
Ao capitão pedia que lhe dê
15 Mostra das fortes armas de que usavam
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
— «Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
20 De mi, da lei, das armas que trazia.

Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa belicosa;
Busco as terras da Índia tão famosas.

LXV

5 «A lei tenho daquele a cujo império
Obedece o visível e invisível,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensível,
Que padeceu desonra e vitupério,
10 Sofrendo morte injusta e insofribil,
E que do Céu à Terra enfim deceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.

LXVI

«Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia,
15 Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.

2. *Gentes enojosas, torpe ismaelita, terras viciosas* são expressões que denunciam em Camões a hostilidade dos Cristãos do seu tempo contra os sectários duma religião que por seu turno os não poupava. Era natural que entre os povos mais empenhados nessa luta os sentimentos não fossem de tolerância, mesmo entre espíritos como Camões.

14-16. Algumas das formas verbais desta estrofe, por determinação da rima, são as do discurso indirecto.

OBRAS COMPLETAS DE LUÍS DE CAMÕES

Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.»

LXVII

5 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras;
Vêm arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
10 Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII

As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panelas sulfúreas tão danosas;
15 Porém aos de Vulcano não consente
Que dêm fogo às bombardas temerosas,
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode, e com razão,
20 Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

15. *Aos de Vulcano* (o deus do Inferno que fabricava os raios fulminados por *Júpiter*) são os bombardeiros, ou, como hoje diríamos, os *soldados de artilharia*.

LXIX

Porém disto que o mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Ūa vontade má de pensamento;
5 Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledó fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o capitão,
10 Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prémio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhes o mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado,
15 Que a morte, se pudesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o ódio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros súbito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
20 Que o filho de David nos ensinou!
Ó segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou:
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partiu-se nisto, enfim, co'a companhia,
Das naus o falso mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledó a todos e fingido.
5 Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno; e, recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o mouro ao cógnito aposento.

LXXIII

Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,
10 Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Ao mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído,
15 E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

7. *Obsequente ajuntamento* eram os mouros que estavam em terra, esperando o regedor com o acatamento que lhe deviam (*obsequentes*).

9-10. Refere-se a *Baco*, filho de *Júpiter* e de *Sémele*, princesa de Tebas. Como, por perfídia de *Juno*, a ciumenta esposa de *Júpiter*, *Sémele* pedisse ao deus que se lhe mostrasse em sua esplendorosa majestade, foi tal o seu espanto quando isto sucedeu, que teve parto prematuro. Foi *Júpiter* que guardou o filho numa sua coxa, o resto do tempo da gestação.

LXXIV

«Está do Fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das indianas gentes belicosas,
5 E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?!

LXXV

«Já quizeram os Deuses que tivesse
10 O filho de Filipo nesta parte
Tanto poder, que tudo somettesse
Debaixo do seu jugo e fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
15 Qu'eu co'o grão Macedónio e Romano
Dêmos lugar ao nome Lusitano?!

10. O filho de Filipe (da Macedónia) é Alexandre.
Vid. Nota a I, 3.

LXXVI

«Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
5 Eu decerei à Terra, e o indignado
Peito revolverei da maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.»

LXXVII

Isto dizendo, irado e quase insano,
10 Sobre a terra africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moveu;
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
15 Dum mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e co'o xequê mui valido.

LXXVIII

E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz que eram gentes roubadoras
20 Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

— «E sabe mais (lhe diz) como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
5 E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

LXXX

«E também sei que têm determinado
10 De vir por água a terra, muito cedo,
O capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo;
Tu deves de ir também co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo,
15 Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada.

LXXXI

«E se ainda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
20 Outra manha e ardil que te contente:

19. No conceito = na mente.

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES

Manda-lhe dar piloto, que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos.
Desbaratos, mortos ou perdidos.»

LXXXII

5 Tanto que estas palavras acabou,
O mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
10 Pera a guerra o belígero aparelho,
Pera que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
15 Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande;
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares co'ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
20 Vá cair onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio apolíneo visitava
Os Montes Nabateus acendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
5 A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais também mandado tinha a terra,
10 De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
15 Apercebido vai, como podia,
Em três batéis sòmente que trazia.

2. *Nabateus* foram um povo da Arábia Petreia, de onde ser a palavra, na poesia clássica, sinónimo de *orientais*.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo embraçado e de zagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
5 Esperam que a guerreira gente saia;
Outros muitos já postos em cilada;
E, por que o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
10 Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co'a hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando;
15 Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

LXXXVIII

Qual no corro sanguino e ledó amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e, pondo-se diante,
20 Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata, e põe por terra.

LXXXIX

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artelharia;
A plúmbea péla mata; o brado espanta;
Ferido, o ar retumba e assovia.
5 O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria;
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto aventureiro.

XC

Não se contenta a gente portuguesa,
10 Mas seguindo a vitória estrui e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
15 Já blasfema da guerra, e maldizia
O velho inerte e a mãe que o filho cria.

XCI

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem fôrça, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando;
20 Dá-lhe armas o furor desatinado.

19. Por *canto* entenda-se *pedra talhada*.

Já a ilha e todo o mais desamparando,
A terra firme foge, amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

5 Uns vão nas almadias carregadas;
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
10 Os pangaiois sotis da bruta gente.
Desta arte o Português enfim castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

XCIII

Tornam vitoriosos pera a armada
Co'o despojo da guerra e rica pressa,
15 E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa,
E, vendo sem vingança tanto dano,
20 Sòmente estriba no segundo engano.

7-8. *Quem... quem...* é equivalente a: *Há quem... há outros que...*

XCIV

Pazes cometer manda, arrependido,
O regedor daquela inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que, em figura de paz, lhe manda guerra;
5 Porque o piloto falso prometido
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

XCV

O capitão, que já lhe então convinha
10 Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
(Foi dele alegremente agasalhado)
15 E respondendo ao mensageiro, a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

14. Qual o sujeito de *foi*? Pensa Epifânio que será o mesmo *Capitão*, dando ao verbo *foi agasalhado* o sentido (que ele confessa não ter igual em qualquer passo por ele conhecido) de *foi tratado*, *foi encarado*. O Morgado de Mateus, porém, simplificara a interpretação, pondo o 6.º verso entre parêntesis, o que parece mais razoável do que supor salto de sujeito, aliás frequente na sintaxe do tempo.

15. *A tento* = *com tento*, *com prudência*.

XCVI

Desta arte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
— Fiel, alegre e doce companhia.
5 O capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil que o mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda e costas que passava.

XCVII

Mas o mouro, instruído nos enganos
10 Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativoiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
15 Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

2-3. *Anfitrite* era, como mulher de *Neptuno*, a deusa do Mar. *Nereidas*, como ela filhas de *Nereu*, são as divindades marítimas que a acompanham.

XCVIII

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sínon os Frígios enganou,
Que perto está ãa ilha, cujo assento
Povo antigo cristão sempre habitou.
5 O capitão, que a tudo estava atento,
Tanto co'estas novas se alegrou,
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso mouro determina
10 Que o seguro cristão lhe manda e pede,
Que a ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
15 À Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pola fama.

2. *Sínon* foi o grego que, no cerco de Troia, prisioneiro dos Troianos (*Frígios*), os levou a meter na cidade o cavalo em cujo bojo iam ocultos os guerreiros que facilitaram a rendição.

C

Pera lá se inclinava a leda frota;
Mas a deusa em Citere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
5 Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrairos a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado mouro, não podendo
10 Tal determinação levar àvante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas discorrendo
Os levaram por força por diante,
15 Que outra ilha têm perto, cuja gente
Eram cristãos com mouros juntamente.

CII

Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento enfim levava,
Que aqui gente de Cristo não havia,
20 Mas a que a Mahamede celebrava.
O capitão, que em tudo o mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava,
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

CIII

Estava a ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Ūa cidade nela situada,
Que na frente do mar aparecia,
5 De nobres edifícios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um rei de antiga idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

CIV

E sendo a ela o capitão chegado,
10 Estranhamente ledó, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado
Do rei, que já sabia a gente que era;
15 Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro mouro, que tomara.

CV

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
20 Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos,
Ó caminho de vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
5 Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu cereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

CANTO II.

I

Já neste tempo o lúcido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo,
5 E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

1. O *lúcido planeta* é o Sol. No sistema de Ptolomeu, geocêntrico, ele gira com os outros seis planetas em torno da Terra, apenas se distinguindo pela grandeza.

3. A *meta desejada e lenta* é o termo do curso diurno do Sol; termo *desejado*, pela ideia de repouso que se lhe liga, e *lento*, porque desejado. Faria e Sousa julgou ver no adjectivo *lento* o significado de *húmido*, que a palavra, na verdade, pode ter, mas a sua associação com o adjectivo *desejado* pela copulativa *e* parece opor-se a tal interpretação, como observa Epifânio. O argumento de que para as caravelas do Gama essa meta não era *húmida*, visto que o Sol tinha na terra o seu ocaso, não parece concludente, porque o Poeta noutro passo cometeu esse erro. *Vid.* nota 2 da pág. 96.

6. *Nocturno* não é aqui adjectivo, mas o nome próprio do deus que, entre os Romanos, presidia às trevas, também chamado *Noctifer*. É o mesmo que *Vesper*.

II

Dantre eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assi dizia:
— «Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o Reino e salsa via:
5 O rei que manda esta ilha, alvoraçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessário reformar-te.

III

«E porque está em extremo desejoso
10 De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada;
E, porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
15 Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

IV

«E se buscando vás mercadoria,
Que produz o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria,
20 Ou droga salutífera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.»

V

Ao mensageiro o capitão responde,
As palavras do rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro, obedecendo;
5 Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe depois se estão na terra
10 Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
15 Por onde o capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

8. ...*está obrigado* conta até a último tónica, quatro sílabas métricas. Na métrica do tempo a terminação nasal ou aguda não impedia a sua crase com a inicial vocálica da palavra seguinte.

14. *Cauta fantasia* = pensamento receoso, cheio de cautelas.

VII

E de alguns que trazia, condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
5 Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao rei presentes manda,
10 Por que a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda
Das naus se despedia, e o mar cortava;
15 Foram com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, depois que ao rei apresentaram
Co'o recado os presente que traziam,
A cidade correram, e notaram
20 Muito menos daquilo que queriam,
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam,
Que, onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquele, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nacido
De duas mães, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
5 Estava nua casa da cidade
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

XI

Ali tinha em retrato afigurada
10 Do alo e Santo Espírito a pintura,
A cândida Pombinha debuxada
Sobre a única Fénix, Virgem pura;
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura
15 Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.

1-3. *Baco* é sempre representado como moço. As duas mães a que o Poeta se refere já sabemos quais são. Vid. nota a 73-I.

15-16. Refere-se aos Doze Apóstolos de Cristo e ao milagre da revelação das línguas da terra, pela queda das línguas de fogo do Céu, em dia de Pentecostes. Quanto à designação da Virgem pela metáfora da *Fénix*, tem sua explicação na analogia de ser a Virgem única entre as mulheres a quem se atribui a virgindade antes e depois do parto, e a *Fénix* única entre as aves de que se fabula haver apenas uma e reproduzir-se sem fecundação — renascendo das próprias cinzas.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
5 Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu; e assi por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados,
10 Com todo o bom e honesto tratamento,
Os dous cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento;
Mas, assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
15 Apareceu no rúbido horizonte
Na moça de Titão a roxa fronte,

3. *Giolhos* é a forma arcaica de *joelhos*, ainda usada na língua falada no tempo de Camões.

6. *Pancaia* era uma ilha fabulosa nas costas occidentais da Arábia, a que se attribuía grande produção de incenso.

7. *Tioneu* é um dos epítetos de *Baco*, por ser filho de *Tione* ou *Sémele*.

12. *Santo fingimento*, por *fingimento de santidade*.

16. *Moça* ou seja *amante de Titão* é a *Aurora*, que se apaixonou pela formosura deste jovem.

XIV

Tornam da terra os mouros co'o recado
Do rei pera que entrassem, e consigo
Os dous que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo;
5 E sendo o português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram
10 Sacras aras e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
15 Que não podia certo haver suspeita
Nũa mostra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os mouros que subiam,
Que levemente um ânimo se fia
20 De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

XVII

Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
5 E nesta treição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem
E que incautos pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As âncoras tenaces vão levando
10 Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
15 Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como fã seta.

13. *Ericina* é cognome de *Vénus*. Vem-lhe do *Monte Erix*, na Sicília, onde em sua honra se erguia um templo famoso.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia;
5 E, propondo-lhe a causa a que deceu,
Com todas juntamente se partia
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

XX

Já na água erguendo vão, com grande pressa,
10 Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise; Nerine se arremessa
Por cima da água crespa, em força suma;
15 Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas;

1. *Vid.* nota da pág. 47.

11. *Cloto* não é *Nereida*, mas uma das *Parcas*. O Poeta confundiu com *Doto*, por culpa das eds. de Virgílio do seu tempo — observa Epifânio. *Nise* e *Nerine* são *Nereidas* de sua invenção.

XXI

Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa.
5 Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

XXII

Põe-se a Deusa com outras em direito
10 Da proa capitaina, e ali, fechando
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nau forçando;
15 Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

1-2. *Tritão* não é aqui o filho de *Neptuno* e de *Saldia*, mas uma das divindades marinhas assim chamadas, homem na parte superior do corpo, peixe na inferior. *Com gesto aceso* deve referir-se a *Dione*, pois que vai furiosa. *Dione* é propriamente a mãe de *Vénus*, que a concebeu de *Júpiter*, mas também assim é chamada a filha.

XXIII

Quais pera a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
5 Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente portuguesa o fim nefando.

XXIV

Torna pera detrás a nau, forçada,
10 Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
15 Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

11. *Ferve* = *agita-se febril*.
13. *Astuto* não tem aqui sentido pejorativo; significa *hábil*.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
5 Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos são sabidos
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Ei-los súbitamente se lançavam
10 A seus batéis veloces que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam;
Saltando na água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
15 Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo lícia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
20 Estando fora da água incautamente,

18. Os camponeses da Lícia, província da Ásia Menor, foram metamorfoseados em rãs.

Daqui e dali saltando — o charco soa —,
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

XXVIII

5 Assi fogem os Mouros; e o piloto
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também foge, saltando na água amara.
Mas, por não darem no penedo imoto,
10 Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina;
Qualquer das outras junto dela amaina.

3. *Couto* = abrigo.

7. *Noto* = conhecido. É latinismo, oposto a *ignoto*.

XXIV-XXVIII. Castanheda refere o episódio da tentativa da entrada no porto de Mombaça. Camões apenas afor-moseou a realidade histórica, que aos nautas pareceu miraculosa, fazendo intervir as divindades mitológicas e criando quadro que todos os ilustradores de poema têm com êxito transportado para a tela.

XXIX

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
5 E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nau passar àvante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

«Ó caso grande, estranho e não cuidado!
10 Ó milagre claríssimo e evidente!
Ó descoberto engano inopinado!
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sàbiamente,
15 Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?

XXXI

«Bem nos mostra a divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
20 Que era enganada a nossa confiança;
Mas, pois saber humano, nem prudência,
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

XXXII

«E, se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que, só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,
5 Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.»

XXXIII

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
10 A fermosa Dione, e, comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
15 Avante passa, e lá no sexto céu,
Pera onde estava o Padre se moveu.

2. *Gente peregrina* = gente estrangeira.

5. *Vid.* nota 8 da pág. 54. A construção *conduzir nalgum porto*, em vez de *a* ou *para algum porto*, é correcta no tempo de Camões, e ainda se mantém no Brasil.

10. *Vid.* nota a II 21, 2.º.

14. Segundo o sistema de Ptolomeu, o planeta *Júpiter* está situado na 3.ª esfera ou céu. *Vid.* nota ao 1.º v. de 21-I.

XXXIV

E, como ia afrontada do caminho,
Tão fermosa no gesto se mostrava;
Que as estrelas e o céu e o ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava;
5 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os pólos gelados acendia,
E tornava do fogo a esfera fria.

XXXV

E, por mais namorar o soberano
10 Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Ideia já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
15 Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

4. *Namorava* = *enamorava*.

8. Em tão vivas chamas *Vénus* tudo incendiava, que a própria esfera do fogo que, segundo o sistema pto-
lomaico, rodeia o orbe terráqueo, ficava, em comparação, fria.

11. O *Troiano* é *Páris*, filho de *Priamo*, educado no monte Ida, entre pastores. Na disputa entre *Vénus*, *Juno* e *Minerva* sobre qual era a mais formosa, foi confiada a decisão a *Páris*, perante quem cada uma das deusas se apresentou no esplendor da sua beleza.

13-16. O Poeta refere-se a *Acteon*. Vid. II vol. desta obra, págs. 114 e 115.

XXXVI

Os crespos fios de ouro se esparziam.
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
5 Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Minino as almas acendia;
Polas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'um delgado cendal as partes cobre
10 De quem vergonha é natural reparo,
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, pera que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objecto raro.
15 Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

5. *Petrina* = cinta do próprio corpo.

6. O *Minino* é *Cupido*.

12. Que *roxos lírios* são estes? A interpretação mais audaciosa é a do Prof. Afrânio Peixoto, que viu no passo alusão à mucosa das partes pudendas, dando à palavra *roxo* o sentido de *vermelho*. J. M. Rodrigues e Cláudio Basto seguem Afrânio. Epifânio, no encalço de F. e S., cita o passo do *Cântico dos Cânticos*: *Venter tuus sicut tritici vallatus liliis*. Cremos que o Poeta indica apenas as pontas roxas dos seios da deusa.

16. *Vulcano*, o deus do Inferno, era casado com *Vénus*.

XXXVIII

E mostrando no angélico semblante
Co'o riso ãa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
5 Que se aqueixa e se ri num mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

XXXIX

— «Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
10 Que, pera as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afábil e amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse;
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,
15 Faça-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.

XL

«Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
— Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
20 Sendo tu tanto contra meu desejo —
Por ele a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo.
Ora pois, porque o amo, é mal tratado,
Quero-lhe querer mal: será guardado.

XLI

«Mas mouroa enfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui...» E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa.
5 Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la; e, indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

XLII

E destas brandas mostras comovido,
10 Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do Céu subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
15 De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gèrara.

1. *Moura* por *mourra*. É revivescência gráfica do tempo em que o *r* era sempre trilado. É o caso de *aranha* ao lado de *arranhado*, *cargo* ao lado de *carregar*, *Sara*, ao lado de *Sarra*.

16. Não é unânime a tradição grega acerca de quem fosse o pai de *Cupido*; mas há quem o dê como filho de *Júpiter*.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lágrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,
5 Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

XLIV

— «Fermosa filha minha, não temais
10 Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
15 Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes do Oriente.

XLV

«Que, se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo,
5 E se o piedoso Eneias navegou
De Scila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

1-2. Narra Homero na *Odisseia* que *Ulisses*, tendo sido arrojado por uma tormenta à mitológica *Ogígia*, a ilha habitada pela ninfa *Calipso*, ali foi amorosamente acolhido por esta divindade, que durante sete anos o reteve. Garantia-lhe *Calipso* a imortalidade, enquanto ali permanesse, mas o herói a tudo preferiu as misérias de humano na própria pátria, junto da mulher, *Penélope*. Eça de Queirós escreveu sobre o tema o formoso conto — *A Perfeição*.

3. *Antenor* era herói troiano que, depois da tomada da cidade, atravessou a Trácia e a Ilíria, e veio ter aos *Illyricos Sinus*, o que uns interpretam como o Adriático, que banha a Ilíria ou as reinterâncias da costa ilírica. Vid *Eneida*, I, 242.

4. *Timavo* é um rio da Istria.

6. *Scila* e *Caribdis* são dois monstros que mitificam, o primeiro, um cachopo, o segundo um sorvedouro no Estreito de Messina, que tornam perigosa a sua travessia. O caso a que o Poeta se refere é narrado na *Eneida*, III, 684 e seg.

XLVI

«Fortalezas, cidades e altos muros,
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros
Deles sempre vereis desbaratados;
5 Os reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao rei potente sojugados;
E por eles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na Terra leis melhores.

XLVII

«Vereis este, que agora pressuroso,
10 Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar dele Neptuno, de medroso,
Sem vento suas águas encrespando.
Ó caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
15 Ó gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

9. *Pressuroso* o mesmo que *por entre pressas*, no sentido de *trabalhos*.

9-14. O caso é referido por Castanheda (VI, 71) e por Barros (Déc. III, Liv. IX, cap. I) e ocorreu na 2.^a viagem do Gama, na Costa de Cambaia: «...ũa quarta-feira, véspera de N. S. de Setembro, às oito horas da noite, saltou tamanho tremor em tódalas naus, que cada ãa se houve por perdida, parecendo-lhe que ela só padecia este tremor, sem entender a causa. Tudo era com as bombardas fazerem sinais ãas às outras, cuidando serem aguages sobre alguns baixos; tudo era posto em revolta, uns acudindo

XLVIII

«Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
5 Toda esta costa enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

«E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
10 Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado,
15 Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

ao leme que não podiam ter, outros à bomba, à sonda e muitos a barris e a távoas, em que esperavam de se salvar, não podendo entender uns aos outros, de confusos deste perigo, té que o mesmo Almirante veio em conhecimento do que era, dizendo: — Amigos, prazer e alegria! O mar treme de nós! Não hajais medo, que isto é tremor da terra». (Déc.).

1. Refere-se a Moçambique.

2. *Decente* = *bem proporcionado, gracioso*.

8. *Horrendo* = *temível*.

13-16. O Poeta refere-se mais pormenorizadamente a este milagre no Canto X, 40, e também nas *Oitavas* (III).

L

«Vereis a inexpugnável Dio forte
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo;
5 Envejoso vereis o grão Mavorte
Do peito lusitano, fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

LI

«Goa vereis aos Mouros ser tomada,
10 A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio que os ídolos adora
15 Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

vol. II, p. 188. É contado por Castanheda (II, 62): A. de Albuquerque, ao ver aparecer na água, depois da batalha com os Mouros de Ormuz, muitos corpos mortos de Mouros pregados de muitas frechas, «chorando de prazer, disse a todos que ali conheciam o milagre que N. S. fizera por eles, que as mesmas frechas que os Mouros lhes tiravam tornavam sobre eles e os matavam».

3. *Seu = deles, Portugueses. Preço e sorte = valor militar e felicidade nas armas.*

7-8. Entenda-se: *Ali verão que a voz derradeira (dos moribundos) diz ao Céu blasfêmias contra Mahamede.*

LII

«Vereis a fortaleza sustentar-e
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
5 E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cítara jamais cantou vitória
Que assi mereça eterno nome e glória.

1-2. O Poeta refere-se ao cerco que em 1507 o rei de Cananor pôs à fortaleza ali construída pelos Portugueses e tenazmente defendida por Lourenço de Brito, até ser socorrida por Tristão da Cunha. (Vid. Castanheda II, 43, 45 e 52).

3. Esta é a maneira como o Poeta escreve a palavra, que os seus contemporâneos escrevem normalmente *Calecut*.

6. Alude o Poeta a Duarte Pacheco Pereira, e ao feito do Passo de Cambalão, a que se refere igualmente no Canto X, 13. Foi uma batalha em defesa do rei de Cochim, nosso amigo, contra o rei de Calecut, que por tal amizade lhe movia guerra. Referem-na Castanheda (I, 56-60) e Barros (Déc. I, VII 2.º). *Insolente* não tem aqui sentido pejorativo, como às vezes o não tinha no latim, onde podia significar *desacostumado* ou *altivo*. Assim terá o sentido de *capaz de afrontar altivamente os inimigos e os perigos*.

LIII

«Nunca com Marte instruto e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto,
Nas civis, áctias guerras animoso,
O capitão venceu romano injusto,
5 Que dos povos de Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra scítico e robusto
A vitória trazia e presa rica,
Preso da egípcia linda e não pudica,

1-3. *Marte instruto* é a guerra ordenada, segundo as regras da estratégia. O Poeta refere-se à batalha naval que entre Marco António e Octaviano César Augusto se deu no Mar Jónio, perto do Promontório Leucate, na Ilha Leucádia, a SW. do Promontório Accio. O facto é narrado por Virgílio na *Eneida* (VIII, 675-678, 685-688), e são de lá as expressões *Marte instruto*, *ferver Leucate*, *Actias guerras*.

4. Entenda-se: *Venceu o injusto capitão romano* (Marco António)

6. *Bactra*, por *Bactro* ou *Bactriano* é o habitante da Bactriana, no Afeganistão, que também cabia nos limites muito vagos da *Scítia*.

6-7. A *egípcia linda* é Cleópatra, rainha do Egipto, a cujos amores com Marco António o Poeta se refere igualmente no Canto III, 141. Camões joga com o trocadilho — *presa*=*espólio*, e *preso*=*enamorado*.

LIV

«Como vereis o mar fervendo aceso
Co'os incêndios dos vossos; pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando;
5 E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o longico China navegando
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

LIV. Completa-se com esta estrofe o sentido da anterior: «*Nunca [...] se viu ferver Leucate [...] Como vereis o mar fervendo...*» Em *vossos* podia pôr-se ponto final. *Relegando, levando [...], triunfando [...]* navegando são circunstâncias explicativas do facto expresso na oração principal: *Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.*

3. A palavra *idolatra* é a cada passo tomada como grave nos escritores quinhentistas.

5. *Áurea Quersoneso* é a Península de Malaca.

6. *China* por *Chinês*.

LV

«De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito
Do Gangético Mar ao Gaditano,
5 Nem das boreais ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados.»

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
10 Filho de Maia à Terra, por que tenha
Um pacífico porto e sossegado,
Pera onde sem receio a frota venha;
E, pera que em Mombaça, aventurado,
O forte capitão se não detenha,
15 Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

4. Do Mar em que desagua o Ganges, ou seja o Oceano Indico, àquele que banha Cádiz, cidade ao Sul da Espanha, portanto o Oceano Atlântico.

6. O *agravado Lusitano* é Fernão de Magalhães que, por se sentir agravado de D. Manuel, foi oferecer aos Reis Católicos os seus serviços, descobrindo o Estreito do seu nome e circunnavegando o Globo. *Que mostrou* é anacronismo. A viagem de Magalhães foi posterior à do Gama, portanto a esta fala de *Vénus*. Mas também pode ser que o pretérito perfeito seja aqui empregado porque o feito o considera *Júpiter* pretérito quando, no futuro, for comparado o esforço português com *todos os passados*.

10. O *filho de Maia* é *Mercúrio*, mensageiro dos deuses.

LVII

Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à terra dece;
Sua vara fatal na mão levava
Com que os olhos cansados adormece;
5 Com esta as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado.
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Consigo a Fama leva, por que diga
10 Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome illustre a um certo amor obriga
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosíssimo e perclaro.
15 Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

1. É *Mercúrio*, nascido no Monte *Cilene*, na Arcádia. Representa-se com asas nas sandálias (*talaria*) e na cabeça, para com mais presteza executar as ordens dos deuses. A *vara fatal* é o *caduceu*, representando as duas serpentes que esta divindade com ela separou e pacificou, pelo que o *caduceu* ficou sendo o símbolo da paz, e pelas duas pequenas asas que também se lhe adaptam, o da eloquência, que rápidamente se comunica. Esta descrição de *Mercúrio* é, traço por traço, imitação da que dele faz Virgílio, na *En.* IV, 239-246.

14. *Perclaro* = *prêclaro*.

LIX

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas,
5 Porque mui pouco vale esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val' coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado,
10 E as estrelas no céu co'a luz alheia
Tinham o largo mundo alumiado,
E só co'o sono a gente se recreia.
O capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
15 Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava,

9-12. O momento indicado é depois da meia noite, quando os sonhos eram considerados verdadeiros. Camões considera as estrelas recebendo, como os planetas, a luz do Sol, por isso *alheia*.

LXI

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: — «Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano!
5 Fuge, que o vento e o céu te favorece;
Seren o tempo tens e o Oceano,
E outro rei mais amigo noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te!

LXII

«Não tens aqui senão aparelhado
10 O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
15 Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes pérfidas e feras!

10. O *cru Diomedes* é o nome de certo rei da Trácia, a quem se atribui a crueldade referida pelo Poeta.

13. *Busíris* era rei do Egipto, que sacrificava a *Júpiter* todos os estrangeiros.

LXIII

«Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade;
5 Ali, tua frota alegre recebendo,
Um rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria
E pera a Índia certa e sábia guia.»

LXIV

Isto Mercúrio disse, e o sono leva
10 Ao capitão, que com mui grande espanto
Acorda e vê ferida a escura treva
De ãa súbita luz e raio santo;
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
15 Com novo espirito ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assoprava.

4. Melinde fica situada a 3° e 17' de latitude Sul, e portanto na zona onde os dias são, durante todo o ano, iguais às noites.

7. Por influência da rima ocorre aqui *daria* forma do discurso indirecto, por *dará*, que é a usada no discurso directo.

8. *Guia* é, entre os clássicos, palavra feminina, referida a homem ou mulher.

9. *Leva o sono* = *faz desaparecer o sono*.

14. Camões escreve muitas vezes *inica*, como *longinco*, como se pronunciava. O *u* não tem aqui valor fonético. É reminiscência da grafia latina. Hoje pronuncia-se por influência erudita e da própria imagem gráfica alatinada.

LXV

— «Dai velas (disse), dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro Assento
Que só em favor de nossos passos anda.»
5 Alevanta-se, nisto, o movimento
Dos marinheiros, de ãa e de outra banda;
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força que se estima.

LXVI

Neste tempo que as âncoras levavam,
10 Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
15 Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
20 Com suave e seguro movimento.

18. *Vias húmidas* = as águas.

19. *Galerno* é aqui adjectivo, significando brando, fresco, e não o substantivo com o significado de *vento nordeste*.

Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

5 Tinha ãa volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram.
Porque haviam de ser da maura gente,
10 Pera eles arribando as velas viram.
Um, do temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, à costa dava.

LXIX

Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
15 Sem o rigor de Marte furioso
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fosse débil e medroso
Da pouca gente, o fraco peito humano
Não teve resistência; e, se a tivera,
20 Mais dano resistindo recebera.

13. *Manhoso* = *hábil*.

LXX

E como o Gama muito desejasse
Piloto pera a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
5 Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

Louvam do rei os mouros a bondade,
10 Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O capitão o assela por verdade,
Porque já lho dissera deste jeito
15 O Cileneu em sonhos; e partia
Pera onde o sonho e o mouro lhe dizia.

13. *Assela = confirma.*

15. *Vid. II, 57.*

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz febeia,
 Quando um e o outro corno lhe aqueitava,
 E Flora derramava o de Amalteia;
 5 A memória do dia renovava
 O pressuroso Sol, que o céu rodeia,
 Em que Aquele, a quem tudo está sujeito,
 O selo pôs a quando tinha feito,

2. O roubador da Europa é o Touro em que Júpiter se metamorfoseou para raptar Europa, filha de Agnor, rei da Fenícia. Quer o Poeta dizer por esta perífrase que o Sol (a luz Febeia ou de Febo) entrava no signo de Tauro; Flora mitificava a Primavera, e o corno de Amalteia era o da cabra com que a ninfa deste nome amamentara Júpiter. Era o corno da abundância, *cornu copias*). Na Canção VII (II vol., pág. 282) Escreve o Poeta:

*No Touro entrava Febo, e Progne vinha;
 O corno de Aquelão Flora entornava.*

Aqui o mito diverge, atribuindo o *cornu copias* ao touro em que Aquelão se metamorfoseara, para vencer a Hércules, na luta contra ele. Mas também se escreve que Aquelão deu ao herói o corno de Amalteia para recobrar o que ele lhe tirara.

7-8. Alusão ao domingo de Páscoa, em que Cristo pôs o remate e a consagração do milagre da sua ressurreição a quanto fizera para nos remir.

LXXIII

Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda, de arte
Que bem mostra estimar o santo dia;
5 Treme a bandeira, voa o estandarte;
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia melindana
10 Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a doutra terra atrás deixada;
Surge diante a frota lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
15 Mandam fora um dos mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.

2. *Reino Melinde*, como *Cidade Calcut*, etc., são latinismos sintáticos, correntes entre os clássicos quinhentistas.

LXXV

O rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza
Quanto a gente fortíssima merece;
5 E, com verdadeiro ânimo e pureza
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem
Pera que de seus Reinos se servissem.

LXXVI

São oferecimentos verdadeiros
10 E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavaleiros
Que tanto mar e terras têm passadas;
Manda-lhe mais lanígeros carneiros
E galinhas domésticas cevadas,
15 Com as frutas que então na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

LXXVII

Recebe o capitão alegremente
O mensaegiro ledó e seu recado,
E logo manda ao rei outro presente,
20 Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole crece,
E, como é fora delas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais um, na prática elegante,
Que co'o rei nobre as pazes concertasse
E que de não sair, naquele instante,
De suas naus em terra, o desculpasse.
5 Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

LXXIX

— «Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
10 Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
15 Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

LXXX

«Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
20 Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas,
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI

«Que geração tão dura há i de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão sòmente,
Mas inda o hospício da deserta areia?
5 Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que, com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

LXXXII

«Mas tu, em quem mui certo confiamos
10 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquela certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
15 Que pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

5. Entenda-se: *Que malefício se arreceia de tão pouca gente?*

9. *Mas tu... a teu porto...* Esta construção é o que se chama *anacolúton*. O pronome *tu* introduzia uma oração que se não concluiu, interrompida pelos incidentes. Substituiu-a a oração — *A teu seguro porto navegamos...*

12. O perdido *Ítaco* é *Ulisses*, rei da Ilha de *Ítaca*, que, no regresso do cerco de *Tróia* foi benèvolamente acolhido por *Alcínoo*, rei da Ilha de *Feaces*.

14. *Intérprete* = *mensageiro*.

LXXXIII

«E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
5 Mas saberás que o fez, por que comprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

«E porque é de vassallos o exercício
10 Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de rei o officio,
Que ninguém a seu rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício
Que ora acha em ti, promete que conheça
15 Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios pera o mar correrem.»

9-10. Entenda-se: *E porque os vassallos se devem assemelhar, na obediência ao seu rei, aos membros do corpo na obediência à cabeça...*

14. *Conheça* = reconheça, com agradecimento.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estômago da gente
Que tantos céus e mares vai passando;
5 E o rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do rei que é tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risonha vista e ledó aspeito
10 Responde ao embaixador, que tanto estima:
— «Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima,
Que vosso preço e obras são de jeito
Pera vos ter o mundo em muita estima;
15 E quem vos fez molesto tratamento
Não pode ter subido pensamento.

3. *Vid.* nota 6, da pág. 22.

LXXXVII

«De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência.
5 Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

«Porém, como a luz crástina chegada
10 Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, há tantos dias;
E, se vier do mar desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
15 Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos».

6-7. Entenda-se: *Também eu não consentirei que a excelência de peitos tão leais sofra quebra...*

9. *Lux crástina* = *lux do dia seguinte*.

LXXXIX

Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona, e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro.
5 Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Pera acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam ali os raios de artifício,
10 Os trémulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céu, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos Ciclopas o exercício
Nas bombas que de fogo estão queimando;
15 Outros, com vozes com que o céu feriam,
Instrumentos altissonos tangiam.

2. *O filho de Latona é Apolo ou o Sol. O Sol, em Melinde, não se escondia nas águas, mas na terra. O erro é perfeitamente explicável em Poeta da orla marítima ocidental.*

13. *Ciclopas ou Ciclopes eram os obreiros de Vulcano, o deus do Inferno que fabricava os raios para Júpiter.*

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulfúreo escondido;
5 A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra. E assi festeja
Um ao outro, a maneira de peleja.

XCII

Mas já o céu inquieto, revolvendo,
10 As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Memnon, a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
15 Quando o rei melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

9-12. Entenda-se: o céu, em seu permanente movimento aparente em torno da terra, incitava todos ao trabalho, e a madrugada dum novo dia punha termo ao sono nocturno. *Memnon*, rei da Etiópia, era filho de *Titão da Aurora*.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaiaas,
Lustram os panos da tecida seda.
5 Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV

Um batel grande e largo, que toldado
10 Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o rei de Melinde, acompanhado
De nobres do seu Reino e de senhores;
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores:
15 Na cabeça ãa fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida;

3. *Cabaia* é túnica turquesca, aberta de um lado e descendo até o joelho.

4. *Lustram* é verbo intransitivo, significando *emitem brilho*.

15. *Fota* é o mesmo que *turbante*.

XCV

Cabaia de damasco rico e dino,
Da tíria cor, entre eles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
5 C'um resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljófar ao veludo.

XCVI

Com um redondo amparo alto de seda,
10 Nũa alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssonos ao ouvido,
15 De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

2. *Tíria* é adjectivo derivado de Tiro, a cidade fenícia onde se tecia a celebrada púrpura.

XCVII

Não menos guarnecido, o lusitano,
Nos seus batéis da frota se partia
A receber no mar o melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
5 Vestido o Gama vem ao modo hispano,
Mas francesa era a roupa que vestia,
De cetim da adriática Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza;

XCVIII

De botões de ouro as mangas vêm tomadas,
10 Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
15 Ao itálico modo a áurea espada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.

6. *Roupa*, nota Epifânio, tem o significado que ainda se conserva em *roupão* e na palavra correspondente francesa *robe*.

12. Perífrase, por *ouro*.

14. O *gibão* ou *jubão* (lembrar o *jupon*, francês) era uma espécie de colete, que se usava por sob a *roupa*.

15. *Ao itálico modo* diz Faria e Sousa que é *segura a talabarte*.

16. *Pruma* = *pluma*.

XIC

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o múrice excelente
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
5 Tal o fermoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela ninfa, filha de Taumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
10 Os ânimos alegres, ressonando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horrições bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
15 Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

2. O *múrice* é o nome do molusco que segrega a púrpura.

7-8. O Poeta alude ao arco-íris. *Iris* era filha de *Taumante*, também chamado *Taumas*, forma derivada do nominativo da palavra, enquanto a primeira vem do acusativo.

15. *Brados* = *estrondos*.

CI

Já no batel entrou do capitão
O rei, que nos seus braços o levava;
Ele, co'a cortesia que a razão
(Por ser rei) requeria, lhe falava.
5 C'ũas mostras de espanto e admiração,
O mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.

CII

E com grandes palavras lhe oferece
10 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse;
Diz-lhe mais que por fama bem conhece
A gente lusitana, sem que a visse;
15 Que já ouviu dizer que noutra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra;

1-2. A ordem das palavras é: *Já o rei entrou no batel do capitão.*

9. *Grandes = grandiloquentes.*

16. *Tivesse = tivera.*

CIII

E, como por toda África se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino onde as Hespérides viveram;
5 E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram
E o mais que pela Fama o rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia:

CIV

— «Ó tu, que só tiveste piedade,
10 Rei benigno, da gente lusitana,
Que, com tanta miséria e adversidade,
Dos mares experimenta a fúria insana;
Aquele alta e divina Eternidade,
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
15 Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

4. Filhas de *Héspero*. O jardim que possuíam, guardado por um dragão, que *Hércules* matou, localizava-se para Ocidente, e assim se poderia supor que se situasse na Península, posto que também se julgou ficar na Itália.

9. *que só tiveste...=que foste o único que teve...*

CV

«Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo,
Refúgio achamos, bom, fido e jocundo.
5 Enquanto apacentar o largo Pólo
As estrelas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.»

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
10 Pera a frota, que o mouro ver deseja;
Vão as naus ãa e ãa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja;
Mas pera o céu Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja
15 E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

1. *De todos os africanos, queimados pelo Sol.*

3. *Eolo (ou melhor Êolo) é o rei dos ventos e das tempestades.*

5-6. *Enquanto o largo Pólo alimentar as estrelas com as exalações da terra e do mar, como se cria...*

13. *Vulcano = artilharia.*

CVII

Mas, depois de ser tudo já notado
Do generoso mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
5 Mandava estar quieto e ancorado
Na água o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem notícia e fama.

CVIII

Em práticas o mouro diferentes
10 Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última, onde mora;
15 Agora pelos povos seus vezinhos;
Agora pelos húmidos caminhos.

3-4. O instrumento desusado que mostrava a sua
terribilidade, é a artilharia. Está o singular pelo plural.

CLIX

— «Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta (lhe dizia), diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distintamente;
5 E assi de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co'os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são do preço.

CX

«E assi também nos conta dos rodeios
10 Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios,
Que a nossa África ruda tem criado;
Conta, que agora vêm co'os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
15 Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI

«E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem há que por fama não conhece
 As obras portuguesas singulares?
 5 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, pera julgaes
 Que os Melindanos têm tão rudo peito,
 Que não estimem muito um grande feito.

CXII

«Cometeram soberbos os Gigantes
 10 Com guerra vã o Olimpo claro e puro;
 Tentou Perito e Téseu, de ignorantes,
 O Reino de Plutão horrendo e escuro.
 Se houve feitos no mundo tão possantes,
 Não menos é trabalho ilustre e duro,
 15 Quanto foi cometer Inferno e Céu,
 Que outrem cometa a fúria de Nereu.

9. Diz a Mitologia que os *Gigantes* ou *Titanes* tentaram escalar o *Olimpo*, morada dos deuses, acumulando serras sobre serras. *Guerra vã*, porque lhes foi inútil a tentativa. *Júpiter* fulminou-os, ficando todos soterrados.

11-12. *Téseu* (por conveniência do metro) ou *Teseu*, rei de Atenas, e *Perito* ou *Períto*, rei dos *Lápit*as, tentaram raptar *Prosérpina*, mulher de *Plutão*, dos *Infernos*, onde este reinava. *Perito* foi devorado pelo cão *Cérbero*; o companheiro ficou prisioneiro, até *Hércules* o libertar.

16. *Nereu* é deus marinho, filho do *Oceano* e de *Tétis*. Teve de sua irmã *Dóris*, que desposou, cinquenta filhas, chamadas as *Nereidas*.

CXIII

«Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
5 Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome aventajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.»

2. *Tesifonio* ou *Ctesiphon* foi o architecto do templo de Diana em *Éfeso*, considerado uma das maravilhas do Mundo. Também se lhe chama *Chersiphron*.

3. *Heróstrato* ou *Eróstrato*. Atribui-lhe o mito o feito a que o Poeta alude.

CANTO III.

I

Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao rei o ilustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama.
5 Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, ó linda dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor divino, como sói.

II

Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
10 Como merece a gente lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana;
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
15 Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.

1. *Calíope* é a Musa da poesia épica.

6. O claro inventor da medicina, pai de *Orfeu*, era *Apolo*.

7. *Dafne*, *Clície* e *Leucotoe* (ou *Leucótoe* e *Leucótee*) foram amadas de *Apolo*.

12. *Aganipe* era filha do Rio Permesse, que corre junto do monte Hélicon, e, metamorfoseada em fonte, tinha a virtude de inspirar poetas.

13. O *Pindo* era a serra entre a Tessália e o Epiro, consagrada às *Musas*.

16. *Orfeio* em vez de *Orfeu*, é forma determinada pela rima.

III

Prontos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantado o rosto, assi dizia:

- 5 — «Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

IV

- Que outrem possa louvar esforço alheio,
10 Couse é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
15 Mas, pois o mandas, tudo se te deve:
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

- Além disso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
20 Mais me há-de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona que o Cancro senhoreia,
Meta setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
5 Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o Mar Mediterraneo.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo,
10 Com Ásia se avizinha, mas o rio
Que dos Montes Rifeios vai correndo,
Na alagoa Meótis, curvo e frio,
As divide, e o mar que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
15 Onde agora de Troia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

1. O *Cancro* é o Trópico de Câncer, entre o qual e o Círculo Polar Ártico, que limita a *zona que por fria se arreceia*, é situada a Europa.

6. *Vid.* I, 21.

10-11. Refere-se ao Rio Tânaís ou Don, que dos *Montes Ripheios* ou *Ripeios* se vem meter no Mar de Azof (*alagoa Meótis*).

13. O Poeta alude ao Mar Egeu, na verdade mau de navegar, por seus escolhos e frequentes tempestades.

VIII

Lá onde mais debaixo está do Pólo,
Os Montes Hiperbóreos aparecem
E aqueles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem;
5 Aqui tão pouca força têm de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está, contino, pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scitas grande quantidade
10 Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a egípcia terra;

1. O sujeito é Europa.

2. *Montes Hiperbóreos* é designação geográfica que, aplicada primeiro a uma cordilheira que a fantasia situava nos limites setentrionais da terra, designou depois diversas outras, e entre elas as da Sarmácia asiática, no *mappa mundi* de Ptolomeu.

3-4. É dos *Montes Rifeios* que sempre sopra o vento, e daí o seu nome, como o Poeta o diz. *Rife* significa em grego *ímpeto*.

IX. Referem alguns escritores a contenda que os Scitas tiveram com os Egípcios sobre qual povo era mais antigo. Uns e outros — diz Camões — decidiriam a questão, interrogando a tradição bíblica, que ensina terem todos os povos a mesma origem no *campo damasceno*, ou seja, no campo onde viveu Adão e mais tarde se fundaria a cidade de Damasco.

Mas quem tão fora estava da verdade
(Já que o juízo humano tanto erra),
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo damasceno o perguntara.

X

- 5 Agora nestas partes se nomeia
A Lápia fria, a inculta Noruega,
Escandinávia ilha, que se arreia
Das vitórias que Itália não lhe nega;
Aqui, enquanto as águas não refreia
10 O congelado Inverno, se navega
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brúsio, Suécio e frio Dano.

4. *Perguntara* por *perguntasse*.

6. *Lápia* = *Lapónia*.

7. *Escandinávia* ilha ou *Escândia*: assim por excelência se considerava, na geografia de Ptolomeu, das quatro *Ilhas Encândias* que o *Oceano Sarmático* (Mar Báltico) banhava, a Suécia e Noruega, e depois, apenas a Suécia meridional. Os Godos, estabeleceram-se nesta última região; os Ostrogodos (ou Godos orientais) invadindo a Europa ocidental, incorporaram num grande império a Itália, a Sicília, a Dalmácia e a França meridional. O Poeta identifica-os com os conquistadores da Suécia, e sem erro, porque eram o mesmo povo, posto que dividido em Visigodos e Ostrogodos, segundo habitavam a Ocidente ou a Oriente do país de origem — a região ao norte do Mar Negro, banhada pelo Don e pelo Dnieper.

11-12. O sentido é: *um braço do Báltico* (ou seja, o Sunda e os Beltas) *é navegado pelos Prussianos, Suecos e Dinamarqueses*.

XI

Entre este Mar e o Tánais vive estranha
Gente: Rutenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polónios.
5 Sujeitos ao império de Alemanha
São Saxones, Boémios e Panónios,
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amásis e Albis rio.

2. Os *Rutenos* são um povo da Galícia e Ungria setentrional; *Moscos*=*Moscovitas*; *Livónios* são os habitantes da Livónia, região russa banhada pelo Báltico, *Sármatas* são os habitantes da *Sarmácia*, situada entre a Germânia e a Scítia.

4. Por *Hercínia silva* designa Júlio César as montanhas da Alemanha central e meridional, e da Austria até os Cárpatos: Os *Marcomanos*, que numa parte desta região habitavam, diz o Poeta que estão no seu tempo representados pelos *Polónios* ou *Polacos*, mas não é exacto, pois aquele povo, deslocando-se das margens do Reno para Oriente, jámais passou além da Boémia e Morávia.

6. Os *Panónios* eram os habitantes da *Panónia*, que no Império Romano ficava situada ao Sul do Danúbio, abrangendo regiões hoje distribuídas pela Ungria, Eslavónia e Bósnia.

8. *Amásis* e *Albis* são os Ems e o Elba.

XII

Entre o remoto Istro e o claro Estreito
Aonde Hele deixou co'o nome a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
5 Onde, co'o Hemo, o Ródope sujeito
Ao Otomano está, que sometida
Bizâncio tem a seu serviço indino:
Boa injúria do grande Constantino!

1-4. *Ister* ou *Hister* chamavam os Romanos ao baixo Danúbio. Diz a Mitologia que *Hele*, arrebatada com seu irmão *Frixo* por um carneiro alado, ouvindo no ar o estrondo das ondas, aterrada caiu no Estreito que de seu nome se chamou *Helesponto*. A *Trácia* correspondia às moderna Bulgária e Roménia; era ali que *Marte* habitava, segundo a Mitologia.

5-8. O *Hemo* são os *Bálcãs*. O *Ródope*, ramificação dos *Bálcãs*, situa-se a Ocidente da *Trácia*. Estas regiões estavam, como Bizâncio, sob o domínio do Turco (o *Otomano*). Constantino, de cujo nome viera a esta cidade o de Constantinopla, fora o primeiro imperador que fizera do Cristianismo a religião oficial; daí a *boa* (grave) *injúria* à sua memória nesta sujeição ao Turco.

XIII

Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a água fria;
E vós também, ó terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
5 Que criastes os peitos eloquentes
E os juízos de alta fantasia,
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras
E não menos por armas que por letras.

XIV

Logo os Dálmatas vivem; e no seio,
10 Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, — que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações várias sujeitou:
15 Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

2. O *Áxio* é o Rio Vardar, que desagua no Golfo de Salónica.

9. A *Dalmácia* era a designação latina da província do Império Romano que se estendia do lado do mar, da Istria à Albânia.

10. *Vid.* II, 45.

11. «*Soberba* (magnífica) Veneza... que *tão baixa* começou»: a antítese alude ao humilde nascimento da esplêndida cidade, fundada nas ilhas próximas da costa italiana pelos que fugiam às devastações do exército de Atila.

15-16. O braço que vem da terra ao Mar é a Itália, metrópole do Império Romano, e por isso exaltada pelo Poeta.

XV

Em torno o cerca o Reino neptunino,
Co'os muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tão illustre fez o pátrio Marte;
5 Mas, depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bélica arte:
Pobre está já de antiga potestade.
Tanto Deus se contenta de humildade!

XVI

Gália ali se verá, que nomeada
10 Co'os cesáreos triunfos foi no mundo;
Que do Séquana e Ródano é regada
E do Garuna frio e Reno fundo;
Logo os montes da Ninfa sepultada,
Pirene, se alevantam, que, segundo
15 Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

5-8. Depois que em Roma vive o sucessor de S. Pedro, considerado o *porteiro do Céu*, diminuiu o antigo poder temporal incompatível com a humildade cristã.

10. Refere-se aos triunfos de Júlio César, conquistador da Gália, hoje a França.

11. *Séquana* era o nome latino do Sena, como *Garuna* o é do Garona.

13-16. Refere-se aos Pirinéus, a que, segundo o mito, deu o nome a ninfa *Pirene*, ali devorada pelas feras, quando fugia do pai, encolerizado por ela se ter rendido a *Hércules*. Nestes montes, acrescenta uma lenda, arderam um dia as florestas que os cobriam, por descuido de pasto-

XVII

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
5 Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.

XVIII

Com Tingitânia entesta, e ali parece
10 Que quer fechar o Mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Tebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
15 Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é melhor.

res, correndo neles rios de prata derretida. Como Diodoro Sículo, o autor desta narrativa, não fala em rios de ouro, supõe Epifânio que o Poeta terá lido *auri* onde no latim estava *puri* (*argenti*).

1. *Espanha* é, no tempo, a designação de toda a Península.

4. Refere-se o Poeta à *roda da Fortuna* inconstante ou *inquieta*, como dois versos adiante lhe chama.

6. *Noda* (*mancha*) vem de *nota*, como *nódoa* vem de *notula*; mas também se pode explicar pela contracção das duas últimas vogais de *nódoa*.

9. *Tingitânia* = *Marrocos*.

12. *Vid.* no vol. II desta obra a Elegia — *Aquela que de amor descomedido*, verso 25 e seg. da pág. 209.

XIX

Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sujeitando Parténope inquieta;
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente maometa;
5 Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Espanha e senhor dela;
Bétis, Lião, Granada, com Castela.

1. *Tarragonês* = *Aragonês*, por se julgar *Aragonense* corruptela de *Tarraconense*, antiga província da Hispânia romana. O Reino de Aragão dominou o de Nápoles (*Parténope*) no tempo do seu rei Afonso V.

3-4. Foi nas Astúrias que se refugiaram os Visigodos que não aceitaram o jugo da *gente maometa* (dos Maometanos), dali iniciando as guerras da reconquista.

5-6. O Castelhano é *grande* e *raro*, porque possui o maior e o menos povoado dos Reinos da Península. É também o possuidor de toda a Espanha constituída pelas Nações indicadas: assim o determina a sua estrela ou planeta, cuja influência nos destinos dos indivíduos e dos povos, como o ensinava a astrologia, é crença quase geral no tempo de Camões.

8. Por *Bétis* se entende a antiga *Bética*, ou seja a região banhada pelo *Bétis* (Guadalquivir).

XX

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino lusitano
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
5 Este quis o Céu justo que florea
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

XXI

Esta é a ditosa pátria minha amada,
10 À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
15 Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela então os íncolas primeiros.

14-15. O Poeta não está certo do sentido do passo em que Plínio se refere a *Luso* e *Lysa* e seu parentesco ou relações com *Baco*. É o seguinte: *Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniam*. Mas no índice da mesma ed. (Paris, 1532) ocorre: *Lysa* (aliás *Lysas*) *Bachi comes... Lusus Bachi comes*. Já na primeira referência a *Luso* lhe chama apenas *privado* de *Baco* (I, 39). Observa Epifânio no comentário da sua ed. d'*Os Lusíadas* a este mesmo passo que se Camões, no Canto VIII, 3, chama sem hesitações a *Luso* filho daquele deus, é porque entretanto teria lido o texto de André de Resende, no *Vincentius*, em que, esclarecendo aquele texto, se afirma que *Luso* é filho, e *Lísia* companheira de *Baco*.

XXII

Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
5 Esta, o velho que os filhos próprios come,
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi desta arte:

1. Desta (*Lusitânia*) nasceu o pastor *Viriato*, palavra que deriva de *viria*=*bracelete*, mas a que o Poeta dá o étimo *vir*=*homem*.

5. O *velho que come os próprios filhos* é *Saturno* ou *Cronos*=o *Tempo*. Diz a Mitologia que *Saturno* devorou os próprios filhos, condição que *Títan*, seu irmão, lhe impôs para reinar. É impressionante este modo de mitificar o *Tempo*, que destrói quanto gera.

6. O Céu é qualificado de *ligeiro e leve*, por uma espécie de transposição de imagens, que leva a atribuir ao Céu onde se resolvem os destinos deste Mundo, as qualidades do Céu do Cosmos, no sistema de *Ptolomeu*, de movimento *ligeiro e leve*.

XXIII

Um rei, por nome Afonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
5 Voando deste rei a fama estranha
Do Herculano Calpe à Cáspia Serra,
Muitos, pera na guerra esclarecer-se,
Vinhão a ele e à morte oferecer-se.

XXIV

E com um amor intrínseco acendidos
10 Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
15 Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prémio digno e dões iguais.

1. É Afonso VI.

6. Do Calpe a que anda ligado o nome de *Hércules* (*Vid.* nota ao v. 4, 18-III) aos montes vizinhos do Mar Cáspio.

7. *Esclarecer-se* = *tornar-se ilustre*.

XXV

Destes Anrique (dizem que segundo
Filho de um rei de Ungria exprimentado)
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre nem prezado;
5 E, pera mais sinal de amor profundo,
Quis o rei castelhano que casado
Com Teresa, sua filha, o conde fosse;
E com ela das terras tomou posse.

XXVI

Este, depois que contra os descendentes
10 Da escrava Agar vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prêmio destes feitos excelentes
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
15 Um filho que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino lusitano.

10. *Agarenos* vem de *Agar*, mãe de *Ismael*, de onde também se lhes chama *Ismaelitas*.

14. Há aqui uma troca de sujeito, o que mais de uma vez se observa no Poeta como nos prosadores do seu tempo. O pronome *Este*, do verso 9, foi o sujeito substituído.

XXVII

Já tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade Hierosólíma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista
Que viu de Deus a carne em si lavada;
5 (Que, não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Judeia sojugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram),

XXVIII

Quando, chegado ao fim de sua idade,
10 O forte e famoso úngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
15 Que do mundo os mais fortes igualava:
Que de tal pai tal filho se esperava.

2. A Cidade Hierosólíma (Vid. nota ao v. 2, 73-II) ou seja Jerusalém, foi tomada em 1099. Não consta que D. Henrique tivesse tomado parte na sua conquista. Sabe-se que estava de volta em 1105.

5. Gotfredo ou Godofredo de Bouillon foi o chefe da 1.ª cruzada e o conquistador da Palestina, onde fundou um efémero reino crítico.

XXIX

Mas o velho rumor — não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza —
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu não se despreza.
5 O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque pera casar seu pai lhas dera.

XXX

Mas o Príncipe Afonso (que desta arte
10 Se chamava, do avô tomando o nome),
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome:
15 Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.

2. As duas palavras *Não há* formam uma sílaba métrica, o que é frequente na poesia do tempo.

4. O Conde de Trava não foi marido, mas amante de D. Teresa.

12. *Comer* é palavra muito usada no tempo, no sentido de receber rendimentos do que se senhoreia.

15. *Causas* = *problemas*; *conceito* = *mente*.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
5 Com ele posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

XXXII

Ó Progne crua! Ó mágica Medeia!
10 Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais!
Incontinência má, cobiça feia
São as causas deste erro principais:
15 Scila, por ãa, mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

9. *Progne*, filha de *Pândion*, rei de Atenas, para vingar-se de seu marido *Tereu*, que tinha abusado de sua irmã dela — *Filomela*, matou o próprio filho — *Itis*, dando-o a comer ao pai — *Tereu*. Foi metamorfoseada em andorinha, e *Filomela* em rouxinol. *Medea*, filha de *Ectes*, rei da Cólquida, abandonada pelo marido *Jasão*, que lhe preferiu a filha de *Creonte*, rei de Corinto, matou os dois filhos que dele tivera.

15. *Scila*, filha de *Niso*, rei de Mégara, enamorada de *Minos*, que cercava esta cidade, arrancou da cabeça de seu pai, para o dar ao amado, o cabelo de que dependia o destino da cidade: governá-la-ia quem o tivesse. *Niso*, ao persegui-la para a punir, foi metamorfoseado em esmerilhão.

XXXIII

Mas já o príncipe claro o vencimento
Do padrasto e da inica mãe levava;
Já lhe obedece a terra, num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
5 Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo castelhano,
10 Pera vingar a injúria de Teresa,
Contra o, tão raro em gente, lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angélica defesa,
15 Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

9. D. Afonso VII.

11. *Contra o lusitano* (D. Afonso Henriques) *ajudado de tão pouca gente*. Manuel Correia fez estampar na sua ed.: *raro e ingente*.

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado;
5 Mas, com se oferecer â dura morte
O fiel Egas, amo, foi livrado,
Que, de outra arte, pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassalo, canhecendo
10 Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao castelhano, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
15 De Egas Moniz, mas não consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

6. *Amo* = *aio* (de D. Afonso Henriques).

XXXVII

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o rei castelhano já aguardava
Que o príncipe, a seu mando sometido,
Lhe desse a obediência que esperava.
5 Vendo Egas que ficava fementido,
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal comprida.

XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte
10 A alevantar com eles a fiança,
Descalços e despídos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
— «Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança
15 (Dizia), eis aqui venho oferecido
A te pagar co'a vida o prometido.

12. Nas expressões *a piedade*, *a vingança* o *a* é preposição.

XXXIX

«Vês aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte,
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte;
5 Vês aqui as mãos e a língua delinquentes.
Nelas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sínis e do touro de Perilo.»

XL

Qual diante do algoz o condenado,
10 Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e já entregueado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do príncipe indignado
Egas estava, a tudo oferecido;
15 Mas o rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode enfim, que a ira, a piedade.

8. *Scinis* escreve o Poeta, mas é *Sínis* nas melhores eds. Era um salteador gigantesco, que para matar as vítimas as atava a ramos de árvore que previamente encurvava. *Perilo* inventou para comprazer à ferocidade de *Faldrio*, tirano de Agrigento, um touro de metal que se punha em brasa e em cujo bojo eram introduzidas as vítimas.

11. Já contrai-se, na métrica do verso, com a primeira sílaba da palavra seguinte.

15. A ordem é: *vendo o rei*, etc.

XL I

Ó grão fidelidade portuguesa
De vassalo que a tanto se obrigava!
Que mais o persa fez naquela empresa
Onde o rosto e narizes se cortava?
5 Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava
Que mais o seu Zopiro são prezara
Que vinte Babilónias que tomara.

XL II

Mas já o príncipe Afonso aparelhava
10 O lusitano exército ditoso
Contra o Mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no Campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
15 Defronte do inimigo sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno.

7. Zópiro (Zopíro por imposição do metro) era oficial do exército com que Dário, rei dos Persas, cercava Babilónia. Como o cerco durava havia 20 meses, Zópiro mutilou-se horivelmente, e assim se apresentou aos sitiados, como vítima da crueldade de Dário, contra quem mostrou desejos de vingança. Os sitiados confiaram-lhe o comando da cidade — que ele não tardou em entregar ao seu rei.

XLIII

Em nenhũa outra cousa confiado
Senão no sumo Deus que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo bätizado
Que, pera um só, cem mouros haveria,
5 Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavaleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco reis mouros são os inimigos,
10 Dos quais o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama
15 De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram.

13. Assim o conta a *Chronica Gothorum*, cit. por Alexandre Herculano, in *Hist. de Portugal*.

14. Alusão a *Pantasileia*, rainha das *Amazonas*, ao mesmo tempo formosa e heróica, que foi em socorro dos *Troianos*, depois da morte de *Heitor*.

16. Entenda-se: já beberam das águas do *Termodonte*, rio do Ponto, na Ásia Menor, onde as *Amazonas* habitavam.

XLV

A matutina luz, serena e fria,
As estrelas do Pólo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Afonso, o animava;
5 Ele, adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
— «Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!»

XLVI

Com tal milagre os ânímos da gente
10 Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos inimigos, gritando, o céu tocavam,
15 Dizendo em alta voz:— «Real, real,
Por Afonso, alto Rei de Portugall»

3-8. *Vid.* nota 11, da página 130. A lenda da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques começou a divulgar-se já no século XV; e não obstante, andou incorporada na História de Portugal, até que Alexandre Herculano a expunziu, não sem a reacção violenta que é conhecida. No tempo de Camões ninguém a negava.

9-16. Também é lendária a aclamação de D. Afonso Henriques na batalha de Ourique.

XLVII

Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pola montanha, o rábido Moloso
Contra o touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso;
5 Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

Tal do rei novo o estômago acendido
10 Por Deus e pelo povo juntamente,
O bárbaro comete, apercebido
Co'o animoso exército rompente.
Levantam, nisto, os perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
15 As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

9. *Vid.* pág. 22, 6.

13. *Perros* ou *cães* é a designação injuriosa dada aos Muçulmanos.

14. *Tocam a arma* significa: dão o sinal: As armas!

XLIX

Bem como quando a flama, que ateadada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas), animada
Co'o vento, o seco mato vai queimando;
5 A pastoral companha, que deitada
Co'o doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato e foge pera a aladeia:

L

Desta arte o Mouro, atónito e torvado,
10 Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa.
O Português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
15 Uns caiem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

8. *Recolhe o fato* o mesmo é que recolhe vestuário, objectos de uso pessoal, e ainda o próprio rebanho.

15. *Meios* e não *meio*, escreve o Poeta. Ao advérbio substitui-se o adjectivo, provavelmente por atracção sintáctica, como o julga Leite de Vasconcelos. Tal syntaxe é autorizada pelos melhores escritores.

16. O *Alcorão* é, como se sabe, o livro sagrado dos Muçulmanos.

LI

Ali se vêm encontros temerosos
Pera se desfazer ãa alta serra,
E os animais correndo furiosos
Que Neptuno amostrou, ferindo a terra;
5 Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
10 Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando;
Correm rios de sangue desparzido,
15 Com que também do campo a cor se perde,
Tornado carmesi, de branco e verde.

4. Diz a Mitologia que entre *Neptuno* e *Minerva* se pactuou que daria o nome à cidade de Atenas aquele dos dois que oferecesse ao homem dom de mais utilidade. *Neptuno* fere a terra com o seu tridente, e brotou um cavalo; *Minerva*, a um golpe da sua lança, fez dela surgir uma oliveira.

LXIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os troféus e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro hispano,
Três dias o grão rei no campo fica.
5 Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco reis vencidos;

XLIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
10 Dinheiros, por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
Daquele de quem foi favorecido;
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número comprido,
15 Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

4-8. O vencedor só se considerava tal, se se mantivesse no campo durante três dias, sem reacção do vencido. Diz Duarte Galvão que foi durante esse tempo que Afonso Henriques modificou o nosso escudo, pondo-lhe sobre campo branco uma cruz toda azul, partida em cinco escudos pelos cinco reis que vencera, etc.

13. Em cada um dos cinco escudos, pinta cinco besantes.

LV

Passado já algum tempo que passada
Era esta grão vitória, o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.
5 Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicaastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres vilas sometidas
10 Ajunta também Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lũa conhecidas
Sojuga a fria Sintra o duro braço,
Sintra, onde as Naiades, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
15 Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.

7. O Poeta escreve ou o tipógrafo lhe compôs erradamente *Scabelicaastro*. Scalabicaastro é a designação latina de Santarém.

11. O *Promontório da Lua*, para o geógrafo Ptolomeu, foi — afirma-se — o Cabo Carvoeiro; mas também se identificou com o Cabo da Roca.

13. As *Náiades* (*Naiádes* por virtude do metro) são as ninfas das fontes, rios e lagos.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Fácilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo.
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
5 Tu, a quem odece o mar profundo,
Obedecestes à força portuguesa,
Ajudada também da forte armada
Que das boreais partes foi mandada.

LVIII

Lá do germânico Albis e do Reno
10 E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos;
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
15 Cujá alta fama então subia aos Céus,
Foi posto cerco aos muros ulisseus.

3-4. Refere-se a *Ulisses*, de quem *Homero* salientara a eloquência (*facundo*). Foi por sua astúcia que os Gregos, no cerco de Tróia (*Dardânia*), construíram o célebre cavalo que, levando guerreiros sitiante no bojo, os Troianos imprudentemente introduziram na cidade.

9. *Vid.* nota 8 da pág. 114.

16. *Ulisseus* = da cidade fundada por *Ulisses*.

LIX

Cinco vezes a Lũa se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade, entrada, se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
5 Foi a batalha tão sanguina e fera
Quanto obrigava o firme prossuposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte, enfim, tomada se rendeu
10 Aquela que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu
Dos frios povos scíticos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Íbero o viu e o Tejo amedrontados,
15 E enfim co'o Bétis tanto alguns puderam
Que, à terra, de Vandália nome deram.

6. *Prossuposto* = *propósito*.

12. *Scíticos* foram chamados os Alanos, Hunos e Godos que invadiram o Império Romano. *Vid.*, quanto aos domínios da Scítia, nota ao v. 7.º, 128-III.

14. O *Íbero* é o Rio Ebro.

16. Andaluzia deriva de *Vandalicia*, designação do Reino que os Vândalos fundaram no Sul da Península.

LXI

Que cidade tão forte porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
5 Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

LXII

E vós também, ó terras transtaganas,
10 Afamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregndo-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres!
15 Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E Alcáçare-do-Sal estão rendidas.

8. *Lava* por *lavam*; o Poeta — ou o tipógrafo por ele — faz concordar o verbo com *tom* e não com *águas*. Preferiria à lógica da sintaxe a eufonia do verso?

10. Já no tempo de Camões o Alentejo era afamado pela cultura cerealífera. *Ceres* era a deusa das searas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vêm sustentar de longe a terra e a gente,
5 Pelos arcos reais que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Odebeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade de Beja vai tomar
10 Vingança de Trancoso destruída
Afonso, que não sabe sossegar,
Por estender co'a fama a curta vida;
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
15 Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

1-2. *Sertório*, general romano, por ocasião das lutas entre Mário e Sila, estabeleceu-se na Lusitânia, fazendo de Évora sua capital, (*certo assento*), no intuito de dirigir a guerra dos Lusitanos contra Roma, dominada pelo partido que odiava. O Poeta refere-se-lhe ainda no Canto VIII, 7-8.

3-5. Refere-se Camões ao aqueduto que traz a água à cidade, construção do tempo de D. João III.

8. Camões refere-se mais circunstanciadamente a Geraldo sem Pavor em VIII, 21.

LXV

Com estas sojugado foi Palmela
 E a piscosa Sesimbra, e, juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrela,
 Desbarata um exército potente
 5 (Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),
 Que a socorrê-la vinha diligente
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado.

5. Este verso foi alterado na ed. de 1609 para: *Sentiu-o a vila e viu-o a Senhor dela*, e na de Manuel Correia, em 1613, a última palavra para *o Senhor*. Tem sido geralmente admitida esta alteração. Epifânio adopta-a: «a vila é Palmela; o senhor dela, o rei de Badajoz; o pronome o, complem. de *sentiu* e *viu*, refere-se ao pensamento exposto no 3.º verso, de que D. Afonso era ajudado na sua estrela». J. M. Rodrigues, em face do passo de Duarte Galvão, que foi aqui a fonte de Camões, propõe a substituição do verso por: *Sentiu-o Palmela e viu-o a Serra dela*. «Ora Sesimbra foi subjugada antes de Palmela, tendo os Mouros de a abandonar. Senhor daquela vila, D. Afonso Henriques foi ver Palmela, que continuava em poder dos Muçulmanos. Nesta ocasião, surgiu perto de Palmela o rei de Badajoz, que vinha socorrer Sesimbra, pois não a supunha já conquistada pelo rei cristão. Travou-se a batalha nas proximidades da serra «que por i vai», ficando desbaratado o rei mouro. Quem *sentiu* o desbarato foi Palmela e não Sesimbra; quem o *viu* foi a serra daquela. A *vila* seria Sesimbra, já ocupada pelo rei português. O verso 6.º liga-se directamente com o 4.º» (*in-Dois versos dos Lusíadas*, 1911). O ilustre camonista, todavia, na sua ed. da Imprensa Nacional, não ousa fazer a alteração proposta, contentando-se de meter o 5.º verso entre parêntesis. Assim o fazemos nós também, certos de que, mesmo que nos não tolhesse o referido texto, não vale a pena a modificação que, aliás, não punha ainda clara a narrativa, não se dando nela remédio à inversão que parece pôr a conquista de Sesimbra depois da vitória de Palmela.

LXVI

O rei de Badajoz era, alto mouro
Com quatro mil cavalos furiosos,
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
5 Mas qual no mês de Maio o bravo touro,
Co'os ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

LXVII

Desta arte Afonso, súbito mostrado,
10 Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o rei mouro, e só da vida cura;
De um pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura,
15 Sendo estes que fizeram tanto abalo
Nomais que só sessenta de cavalo.

1. Entenda-se: *Era o rei de Badajoz* (que comandava esse *exército potente*), *alto mouro*, etc.

16. *Nomais*=*não mais*.

LXVIII

Logo segue a vitória, sem tardança,
O grão rei incansável, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
5 Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deus, que pera longe guarda
10 O castigo daquele que o merece,
Ou, pera que se emende, às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se até 'qui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece,
15 Agora não lhe deixa ter defesa
Da maldição da mãe, que estava presa.

12. *Homem* é aqui sujeito indeterminado como o indefinido francês *on*, que é aquela mesma palavra na forma derivada do nominativo *homo* (*homem*), como o francês *homme*, deriva de *hominem*.

16. *Que estava presa* = *quando estava presa*. Por ocasião do desastre de Badajoz, ocorrido em 1169, havia 39 anos que D. Teresa tinha morrido.

LXX

- Que, estando na cidade que cercara,
Cercado nela foi dos Lioneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Lião sendo, e não dos Portugueses.
- 5 A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
À batalha onde foi vencido e preso.

4. Badajoz estava, na verdade, situada em terras que pertenciam virtualmente ao Reino de Lião e Castela; e se D. Afonso Henriques a acometeu, foi para vingar a ofensa que D. Fernando, o rei vizinho, havia feito a D. Urraca, sua mulher e filha de D. Afonso Henriques, separando-se dela.

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruína,
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti vitória dina,
5 Posto que o frio Fásis ou Siene,
Que pera nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente,
Temessem o teu nome gèralmente;

1. Gneo Pompeu foi vencido por César, seu sogro, na batalha de Farsália, o que pôs termo desastroso à sua gloriosa carreira militar. Este passo — nota-o Faria e Sousa — é sugerido pelo poeta latino Lucano, no seu poema *Pharsalia* — (II, 583-594).

3. *Némesis* era, entre os gregos, a divindade do equilíbrio e da justa medida, oposta aos excessos da felicidade, tanto como do infortúnio.

5. *Fásis* é um rio da Cólquida, na Rússia Transcaucásica. *Siene* é hoje a cidade Assuan, cujos habitantes, sob o Trópico de Câncer, não projectam sombra ao meio dia nem para o Norte nem *para nenhum cabo* (para nenhum dos Pontos Cardiais), pois o Sol incide sobre eles verticalmente.

7. *Bootes* Vid. I, 21. *Linha ardente* é o Equador.

LXXII

Posto que a rica Arábia e que os feroces
 Heníocos e Colcos, cuja fama
 O véu dourado estende, e os Capadoces
 E Judeia que um Deus adora e ama,
 5 E que os moles Sofenos e os atroces
 Cilícios, com a Arménia, que derrama
 As águas dos dous rios cuja fonte
 Está noutro mais alto e santo monte,

2-6. Os *Heníocos* ficavam entre o rio acima citado —Tássis—e a Lagoa Meótis; os *Colcos* eram os habitantes da Cólquida.

3. Por *véu dourado* entenda-se o *velo de ouro* que, segundo a Mitologia, os argonautas foram buscar à Cólquida. É tal velo que dilata pelo mundo a fama deste país. Os *Capádoces* (por virtude do metro e da rima *Capadóces*) são os habitantes da Capadócia, na Ásia Menor; os *Sofenos* habitavam na Sofene, na Arménia; os *Cilícios* do Sul da Ásia Menor, eram afamados por suas piratarías. Todos estes povos tinham sido submetidos por Pompeu.

8. O *monte mais alto e santo* de onde manam os dois rios — Tigre e Eufrates — era, segundo o *Génesis*, o Paraíso. Dali saía um rio que se dividia em quatro canais: o Tison e o Geon, o Tigre e o Eufrates. (*Gen II, 10-14*).

LXXIII

E posto, enfim, que desde o mar de Atlante
Até o scítico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo emátio só te viu vencido;
5 Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser depois rendido!
Assi o quis o Conselho alto celeste
Que vença o sogro a ti, e o genro a estel

LXXIV

Tornado o rei sublime, finalmente,
10 Do divino Juízo castigado,
Despois que em Santarém soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E despois que do mártire Vicente
O santíssimo corpo venerado,
15 Do Sacro Promontório conhecido,
À cidade ulisseia foi trazido;

1. *Atlante* é a cordilheira do Norte de África, que dá nome ao Oceano Atlântico, e em que foi convertido o gigante *Atlas* ou *Atlante*, segundo derivamos o nome do nominativo ou do acusativo.

2. O *Tauro* para os antigos geógrafos atravessava toda a Ásia, tomando diversos nomes, segundo a região.

4. O *Campo emátio* = *da Emátia*, na Macedónia; mas a designação abrange a Tessália, onde, em Farsália ou Farsalo, Pompeu foi vencido.

13-16. Dois anos depois de levantado o cerco de Santarém, em 1173, foi trazido a Lisboa — a *cidade ulisseia* — do Promontório Sacro (o Cabo de S. Vicente) o corpo deste santo, orago de Lisboa.

LXXV

Por que levasse àvante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho
Que às terras se passasse do Alentejo
Com gente e co'o belígero aparelho.
5 Sancho, de esforço e de ânimo sobejo,
Àvante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co'o sangue mauro, bárbaro e nefando.

LXXXVI

E, com esta vitória cobiçoso,
10 Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago como este temeroso
No bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
15 Assi estragado, o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

11-15. *Estrago e estragado* significam o mesmo que *derrota e derrotado*.

LXXVII

Já se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Céu;
Já vêm no Promontório de Ampelusa
E de Tinge, que assento foi de Anteu;
5 O morador de Abila não se escusa,
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

1-2. Foi com a cabeça de *Medusa*, cortada por *Perseu*, que este herói converteu em monte o gigante *Atlas*, que sustentava o Céu sobre os ombros.

3. O *Promontório de Ampelusa* é hoje o Cabo Espartel, a Ocidente de Tânger (*Tinges* ou *Tinge*). Camões dá a este último topónimo o género masculino, decerto porque o toma como designando o monte em que o gigante *Anteu* edificou a cidade deste nome.

5. *Abila* é o nome fenício do Cabo fronteiro ao *Calpe*. A métrica manda ler *Abíla*.

8. *Juba* foi o rei da Numídia partidário de Pompeu que a derrota levou ao suicídio, e assim se chamou também o filho deste, que foi geógrafo e historiador, restabelecido por Augusto no trono paterno, que depois trocou pelo da Mauritânia. O Poeta pode referir-se a um ou a outro, sendo, porém, mais provável que ao primeiro, que o suicídio ennobreceu.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Miralmomini em Portugal;
Treze reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o ceptro imperial;
5 E assi, fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates ásperos, fazendo
10 Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso,
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
15 Tudo provê com ânimo e prudência,
Que em toda a parte há esforço e resistência.

2. *Miralmomini* é o mesmo que *Emir Elmumentin*, abreviado em *Miramulin* = imperador dos crentes.

6. É como se dissesse: e aqui e além bem podia fazer mal (devastando terras e sacrificando vidas).

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
5 Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade,
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente, à guerra usada,
10 Vai socorrer o filho; e assi ajuntados,
A portuguea fúria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
15 De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

1. Em *já obrigado* o adv. forma uma única sílaba com a primeira do particípio, tal como no 2.º v. da estrofe seguinte *assi ajuntados*.

14. *Marlotas* é vestuário árabe.

LXXXII

Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmomini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe fuge a vida.
5 A quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida,
Que, em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

LXXXIII

De tamanhas vitórias triunfava
10 O velho Afonso, príncipe subido,
Quando, quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido:
A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
15 E pagaram seus anos deste jeito
À triste Libitina seu direito.

16. *Libitina* era a deusa que entre os Romanos presidia aos funerais.

LXXXIV

Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram
Com lágrimas correndo piedosas;
5 Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão
«Afonso! Afonso!» os ecos, mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
10 Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Bétis de sangue se tingia,
E o bárbaro poder desbaratara
Do ismaelita rei de Andaluzia,
15 E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram,

LXXXVI

Depois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
20 Cujos campos o bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da germânica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.

LXXXVII

Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Frederico, que moveu
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
5 Quando Guido, co'a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a fermosa armada, que viera
10 Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
15 Do Germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrui e doma.

1-8. O *roxo Frederico* (é a pronúncia popular) é Frederico I, o Barba Roxa, imperador da Alemanha, chefe da 3.^a cruzada realizada no propósito de reconquistar Jerusalém — a cidade onde Cristo padeceu. O Reino cristão da Síria, fundado na 1.^a cruzada chefiada por Godofredo de Bouillon, foi destruído em 1187 na planície de Tiberíades, onde Saladino, sultão do Egipto, desbaratou o exército cristão comandado por Guido de Lusignan, e, segundo as crónicas, atormentado de sede.

12. Por *Santo Marte* entenda-se a guerra em defesa da Cruz.

LXXXIX

E se tantos troféus do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
5 Até que na cerviz seu jugo meta
Da suberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas, entre tantas palmas salteado
10 Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e rei terceiro.
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcácere-do-Sal por derradeiro,
15 Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

6. *Tuí* é aqui dissílabo agudo. É a pronúncia da região minbota que lhe fica fronteira — informa J. M. Rodrigues, dela natural.

8. *Humildes tinhas* = *mantinhas humilhadas, sujeitas*.

XCI

Morto depois Afonso lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
5 De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão desonesto
10 Como Nero, que um moço recebia
Por mulher e, depois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
15 Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o mole rei Sardanapalo;

5. Entenda-se *que pretende outro rei* — e por isso alevantou como rei ao irmão de Sancho, Afonso, conde de Bolonha.

6. Mesmo na gravidade do poema épico, o Poeta não despreza o jogar com equívocos ou trocadilhos.

16. Depois dos exemplos de imperadores romanos sensuais e cruéis, dá o Poeta o exemplo de Sardanapalo, rei de Nínive, efeminado (*mole*).

XCIII

Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris, achado
Género de tormentos inumanos;
5 Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excelente.

XCIV

Por esta causa, o Reino governou
10 O conde bolonhês, depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
15 Em dilatá-lo cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

2. Um dos tiranos da Sicília foi *Fálaris*, indicado no verso seguinte. Vid. III. 39.

16. *Tão pequeno* liga-se a *terreno*.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fora
O Mouro, mal querido já de Marte.
5 Este de todo fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bélica arte,
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Dinis, que bem parece
10 Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina;
Com este o Reino próspero floresce
(Alcançada já a paz áurea divina)
15 Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

4. *Mal querido já de Marte*, porque perdera a energia de outros tempos.

12. Trata-se da liberalidade muito gabada em Alexandre Magno.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pisar de Mondego a fértil erva.
5 Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva;
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.

1-2. D. Denis fundou em 1290 em Lisboa, e transferiu-o depois para Coimbra, o *Estudo Geral*, que depois se chamou *Universidade*. Minerva (ou Palas) é a deusa da sabedoria e das artes.

3. Sobre *Hélicon* ou *Helicon* Vid. I, 4.

5. *Atenas* é a capital da *Hélada*, criadora da Filosofia e das Artes, primeiro foco da cultura Europeia.

8. *Bácaro* é planta da região mediterrânica, usada pelos Romanos na formação de capelas — informa o Conde de Ficalho, in-*Flora dos Lusíadas*. Storck vê nesta aproximação no mesmo verso da palavra *bácaro* com *louro* a intenção de lembrar a palavra «*bacalaureato*» sincopada, por intermédio do francês, em *bacharelato*. As capelas tecidas de ouro são *láureas* ou *graus académicos*.

XCVIII

Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros;
5 Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

XCIX

Este sempre as soberbas castelhanas
10 Co'o peito desprezou, firme e sereno,
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas porém, quando as gentes mauritanas
A possuir o hespérico terreno
15 Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

5. *Atropos* é uma das *Parcas*. Vid. I. 34.

7. D. Afonso IV, é sabido, revoltou-se contra seu pai, cioso da afeição que ele consagrava ao filho bastardo, poeta como o pai, D. Afonso Sanches.

9-12. Houve, na verdade, desinteligências entre Afonso IV e seu genro Afonso XI, de Castela, motivadas pelo casamento do príncipe D. Pedro com D. Constança, filha de D. João Manuel.

14. Sobre o *hespérico terreno* vid. II, 108.

C

Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Idáspicos enchendo;
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
5 Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos tartésios ajuntada

1. A Semirâmis, lendária rainha da Síria, atribui-se o comando de forças que lhe chegaram para conquistar a Pérsia, o Egipto e grande parte da Etiópia, e realizar depois uma expedição à Índia. Um milhão e meio de soldados — escreve-se.

2. *Campos do Idaspe*, rio indiano, confluyente do Indo.

3. *Átila* foi chefe dos Hunos, o mais temível invasor da Europa. Não há confusão entre os Hunos, da raça mongólica, e os Godos que eram germânicos. Se Camões emprega o epíteto *Gótico* é no sentido geral em que frequentemente era usado para designar o que respeitava aos povos que invadiram a Europa, à época em que o facto se deu, à arte que então se criou.

8. *Tartésios Campos* = os campos da antiquíssima cidade de Tartessos, perto da foz de Guadalquivir.

CI

E, vendo o rei sublime castelhano
A força inexpugnável, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
Já perdido ãa vez, que a própria morte,
5 Pedindo ajuda ao forte lusitano,
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

CII

Entrava a fermosíssima Maria
10 Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados;
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
15 Diante do pai ledó, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

4. Alusão à conquista da Hispânia, em 711, pelos Arabes:

CIII

— «Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão rei de Marrocos conduziu,
Pera vir possuir a nobre Espanha.
5 Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o salso mal a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto!

CIV

«Aquele que me deste por marido,
10 Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da maura espada;
E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada,
15 Viúva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

CV

«Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
À miseranda gente de Castela.
5 Se esse gesto, que mostras claro e ledó,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.»

CVI

Não de outra sorte a tímida Maria
10 Falando está que a triste Vénus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Pera Eneias, seu filho, navegando,
Que a tanta piedade o comovia,
Que, caído das mãos o raio infando,
15 Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

1. *De puro medo* significa apenas *de medo*, *de medo sem mistura de qualquer outro sentimento*. Não é, assim, necessário supor, como J. M. Rodrigues, que o Poeta tivesse escrito *frio medo*.

2. O *Muluca* é o rio a Leste de Marrocos, o da região de onde vinha o exército mauritano.

10-16. Alusão à *Eneida*, I, 227-296.

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados;
5 A canora trombeta embandeirada
Os corações, à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
10 Das insígnias reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E sòmente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
15 Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, rainha dela.

CIX

Juntos os dous Afonsos, finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
20 Pera quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Cristo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quase rindo
Do poder dos Cristãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antemão, entre o exército agareno,
5 Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome «Sarraceno»;
Assi também com falsa conta e nua
À nobre terra alheia chamam sua.

CXI

Qual o membrudo e bárbaro gigante,
10 Do rei Saul com causa tão temido,
Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
15 Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana:

6. Nome «Sarraceno». No tempo de Camões escrevia-se indiferentemente *Sara* ou *Sarra*, nome da mulher legítima de Abraão, de quem era escrava Agar. Julgando-se que *Sarraceno* derivava de *Sarra*, concluiu-se que os *agarenos* (nome derivado de *Agar*) queriam inculcar com aquela designação que descendiam da mulher legítima e não da escrava. Afinal, *sarraceno* era primitivamente o nome de uma tribo árabe, depois generalizado a todos os Maometanos.

9-16. Alusão ao duelo, ocorrido no reinado de Saul, do gigante Golias com o pastor David, narrado na *Bíblia*, I Reis, 17.

CXII

Desta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o Inferno horrífico se rende.
5 Com ela o Castelhana, e com destreza,
De Marrocos o rei comete e ofende;
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
10 Por cima dos arneses — bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,
Uns «Mafamede», e os outros «Santiago».
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
15 Onde outros, meios mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

5 Com ela, a *alta fortaleza* de Deus.

CXIV

Com esforço tamanho estrui e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
5 De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se ia o Sol ardente recolhendo
10 Pera a casa de Tétis, e inclinado
Pera o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes reis desbaratado
15 Com tanta mortindade, que a memória
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

10-12. *A casa de Tétis é o Oceano. Vid. I, 16. Entenda-se: o claro dia memorado já ia declinando (estava inclinado para o Poente), trazendo o Véspero (o planeta Vénus). Véspero é, pois, complemento directo e o sujeito é o dia. O dia inclina-se para o Poente... o dia traz Véspero...* Suposto que por dia se significa não o espaço de tempo em que o Sol iluminava a terra, mas o próprio movimento celeste que o produzia, tudo fica bem claro.

15. *Mortandade ou mortindade são palavras ambas derivadas de mortalitatem. Caído o l, é tão fácil a absorção de a pelo i como o do i pelo a.*

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co'o sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
5 Nem o Peno, asperísimo contrário
Do romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
10 Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste
E não força de braço, ó nobre Tito,
15 Que assi dos vates foi profetizado,
E depois por JESU certificado.

1-4. Alusão à batalha de *Aquae Sextiae* (Aix, no Sul da França), onde Caio Mário derrotou os Teutões e Ambrões, pondo fora de campo mais de 100.000 homens. É também acerca da mesma batalha que se conta o episódio dos soldados terem de beber, devorados pela sede, das águas ensanguentadas do rio que corria próximo.

5. *Peno* = *cartaginês*. Refere-se a *Aníbal* e à batalha de Canas onde, segundo Eutrópio, foram recolhidos *tres modios anulorum aureorum*.

10. *Cocito* é um rio do Inferno

11-16. Alusão a Jerusalém, conquistada pelo futuro imperador Tito, como os profetas (*vates*) o tinham predito e o tinha determinado a *vingança* divina contra a *pertinácia* dos Judeus na repulsa da Nova Lei.

CXVIII

Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
5 O caso triste e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro amor, com força crua,
10 Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
15 É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;
20 Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

CXXI

Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam:
5 De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto enfim cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

CXXII

De outras belas senhoras e princesas
10 Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
15 O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

1. *Respondiam* = *correspondiam*.

CXXIII

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
5 Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra ãa fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-a os horríficos algozes
10 Ante o rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
15 Do seu príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

CXXV

Pera o cé cristalino alevantado
Com lágrimas os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
20 Um dos duros ministros rigorosos),
E depois nos minimos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfindade como mãe temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

23. *Orfindade* — Cp. com *Mortindade*, 7.º 115-III.

CXXVI

— «Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sòmente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
5 Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram
E co'os irmãos que Roma edificaram,

CXXVII

«Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
10 (Se de humano é matar ãa donzela
Fracca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
15 Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

7-8. A mãe de Nino é *Semíramis*, alimentada por aves. Os irmãos que edificaram Roma são *Rómulo* e *Remo*, alimentados por uma loba.

16. A culpa que não tinha em vez de o facto de não ter culpa.

CXXVIII

«E se, vencendo a maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem pera perdê-la não fez erro;
5 Mas, se to assi merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Scítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente;

CXXIX

«Põe-me onde se use toda a feridade,
10 Entre leões e tigres; e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre os peitos humanos não achei.
Ali, co'o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei
15 Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.»

7. *Scítia* era para os antigos o que a Sibéria é para os modernos. A *Líbia* é a África setentrional.

CXXX

Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movido das palavras que o magoam,
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
5 Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra ãa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?!

CXXXI

Qual contra a linda moça Policena,
10 Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
15 Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se oferece:

6. *Ali apregoam* são quatro sílabas métricas até a última tónica, pela contracção de *li* com *A*.

9. *Policena*, a mais formosa das filhas de *Príamo*, rei de Tróia, e a única sobrevivente, foi sacrificada porque assim o exigiu a sombra de *Aquiles*, morto, aparecida aos Gregos, quando no regresso do cerco. *Pirro*, que a imolou, era filho do morto.

CXXXII

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sustinha
 As obras com que Amor matou de amores
 Aquele que depois a fez rainha,
 5 As espadas banhando e as brancas flores
 Que ela dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam, férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

2-6. Para Afrânio Peixoto *sustinha* tem o sentido de *suspendia*. As obras são os seios e as brancas flores a pele branca dos mesmos. A uma e outra coisa *sustinha* o colo alabastrino; e nele, no seu sangue, se banham as espadas e as brancas flores. Lembremos, porém, os versos da *Écloga Ao longo do sereno* (pág. 21 do II vol.):

*É esta a alva coluna, o lindo esteio
 Sustentador das obras mais que humanas
 Que eu nos braços tenho, e não no creio?*

Neste passo é evidente que a *coluna sustenta as obras encima e não embaixo*. E é mais natural que fosse com a formosura da cabeça, olhos e faces, do que com a tentação dos seios, que D. Inês *matasse de amores* a D. Pedro. Mas, se tomarmos as *brancas flores* como a pele branca das faces, como pode o Poeta falar delas, depois de as ter incluído entre as obras, ou sejam as perfeições da cabeça? E qual o nexó gramatical entre as *brancas flores* e o resto? É complemento desgarrado de *sustinha*? É complemento de *banhando*? Cremos mais lógica esta última hipótese. Os brutos matadores banham as espadas e a pele branca sobre que o sangue esparrinhava — pele dos seios ou de alguma outra parte do corpo sobre que igualmente caíam lágrimas. José Maria Rodrigues supôs que *brancas flores* fosse complemento «não de banhando mas de sustinha». E como não admitisse que o colo sustivesse o todo e as partes, supôs que em vez de *obras* o Poeta teria escrito *olhos*. Por fim, admitiu a explicação de Afrânio.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
5 Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
10 Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
15 Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor co'a doce vida.

4. *Atreu*, rei de Mecnas, para se vingar do irmão *Tiestes*, ofereceu-lhe num banquete a carne dos próprios filhos deste. Os poetas romanos conceberam que o Sol retrocedeu de horror, ao contemplar o espectáculo.

11. *Lascivas* = brincalhonas.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
5 O nome lhe puseram, que inda dura,
«Dos amores de Inês», que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!

CXXXVI

Não correu muito tempo que a vingança
10 Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
Que ambos, inimigos das humanas vidas,
15 O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lépidio e António fez Augusto.

12. Os *fugidos homicidas* — Pero Coelho, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco—encontravam-se homiziados em Castela. D. Pedro de Portugal e D. Pedro de Castela, mais cruel ainda do que o seu homónimo português, fizeram entre si o *escambo* dos fidalgos homiziados nos respectivos países, crueldade que impressionou vivamente os próprios contemporâneos, segundo refere Fernão Lopes. Dos portugueses só Lopes Pacheco logrou escapar, disfarçado no traje do mendigo que o avison, andando à caça.

16. Marco Emílio Lépidio, Marco António e Octaviano, que depois de imperador se chamou Augusto, quando formaram o triunvirato, pactuaram publicar a lista dos inimigos que haviam de ser mortos.

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios;
5 As cidades guardando, justicoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando
10 (Vede da natureza o desconcerto!),
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o Castelhana devastando
As terras sem defesa, esteve perto
15 De destruir-se o Reino totalmente,
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

8. *Alcides é Hércules*. Vem-lhe o nome de *Alceu*, pai de *Anfitrião*, marido de *Alcmena*, que o concebeu de *Júpiter*. Vid. *Auto dos Enfatriões* III vol. *Teseu* era outro gigantesco herói da Mitologia. Ambos calcurriaram muito mundo, pelo que o Poeta dá a *Alcides* o epíteto de *vagabundo*, que se pode estender a *Teseu*.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Lianor a seu marido
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido;
5 Ou foi que o coração, sujeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se faz o fraco — e bem parece,
Que um baxo amor os fortes enfraquece.

2. D. Leonor Teles, com quem D. Fernando casou, contrariando a vontade de toda a Nação, era já casada com João Lourenço da Cunha, de quem a paixão do rei provocou e fez sancionar o divórcio.

CXL

Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu;
5 Pois por quem David santo se condena?
Ou quem o tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo insina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

3. *Foram os Troianos que roubaram a bela Helena.* Era ela casada com *Menelau*, rei de Esparta. Foi *Páris*, filho de *Priamo*, rei de Tróia, que a raptou. O trágico cerco desta cidade foi a pena a que o Poeta se refere.

4. *Ápio Cláudio*, quando decênviro, abusou duma donzela de nome *Virgínia*. Chamado a juízo, suicidou-se no cárcere. *Sexto Tarquínio*, filho do último rei de Roma, violentou *Lucrecia*, mulher de *Tarquínio Colatino*, que se suicidou para não sobreviver à desonra. A monarquia foi abolida e a família real proscrita. Ele próprio morreu mais tarde, assassinado.

5. *David* praticou adultério com *Betsabé* e promoveu na guerra a morte do marido da adúltera. O castigo foi dado ao rei pela censura que em nome de Deus lhe fez o profeta *Natã*, que lhe anunciou a morte do filho do seu pecado. (Vid. *Bíblia*, *Livro dos Reis*, II, cap. XI e XII).

6. A tribo (para Camões o nome é masculino) de *Benjamim* foi quase toda massacrada pelas outras tribos, porque alguns indivíduos dela tinham ofendido gravemente a mulher dum membro da tribo de *Levi*.

8. *Sarra* ou *Sara*, mulher de *Abraão*, fugida com o marido no Egipto à fome da Judeia, passava por irmã dele, por conselho do próprio *Abraão*. Daí chamá-la o *Faraó* para si, do que resultaram as pragas que o afligiram e à sua casa. *Siquém* violentou a *Dina*, filha de *Jacob*. Os irmãos desta vingaram-na, matando muitos *Siquemitas* e saqueando-lhes a cidade.

CXLI

E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Ônfale andava transformado.
5 De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra afeiçoada.
Tu também, Peno próspero, o sentiste,
Depois que ãa moça vil na Apúlia viste.

1. *E pois* = e ainda.

3-4. O filho de Almena é *Hércules*, que se apaixonou por *Ônfale*, nela portanto *transformado*, segundo o princípio platónico: *Transforma-se o amador na coisa amada...* Vid. soneto que começa por este mesmo verso, no I vol. desta obra. *Hércules* chegou a fiar na roca, com grave desprestígio da sua dignidade de herói.

5. Dos amores de Marco António com Cleópatra (no verso *Cleopátra*, por necessidade do metro) resultou a morte de ambos. Camões alude ainda aos dois amantes, no Canto VI, 2.

8. O *Peno próspero* é o general cartaginês Aníbal, que, quando a sorte das armas lhe corria *próspera*, após a batalha de Canas, viu na *Apúlia* a mulher que por seus encantos o prendeu.

CXLII

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
5 Quem de ãa peregrina fermosura,
De um vulto de Medusa pròpriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?

CXLIII

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
10 Ua suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado por certo está Fernando
Pera quem tem de amor experiência;
15 Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

6. *Vid.* III, 77.

CANTO IV.

I

Despois de procelosa tempestade
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
5 Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensameno:
Assi no Reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando faleceu.

II

Porque, se muito os nossos desejaram
10 Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joane, sempre illustre, alevantando
15 Por rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

11. A ed. *princ.* traz *tãbem*.

15-16. D. João, mestre de Avis antes de subir ao trono, era filho de D. Pedro e da dama galega D. Teresa Lourenço. Verdadeiro, (herdeiro), porque, apesar de bastardo, demonstrou João das Regras que a ele pertencia por justiça o cetro.

III

Ser isto ordenação dos Céus divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de ãa minina,
Ante tempo falando, o nomeou,
5 E, como cousa enfim que o Céu destina;
No berço o corpo e a voz alevantou:
— «Portugal, Portugal, (alçando a mão
Disse) polo Rei novo, Dom João!»

IV

Alteradas então do Reino as gentes
10 Co'o ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero conde e da rainha,
15 Com quem sua incontinença desonesta
Mais, depois de viúva, manifesta.

1-8. É Fernão Lopes que o conta: «...da filha de Estêvão Anes Derreado, morador em Évora, moça pequena de oito meses nada (nascida), que no berço onde jazia se levantou em cu três vezes, dizendo com a mão alçada: *Portugal, Portugal, por El-Rei D. João*». (*Crónica de D. João I-II*, no sermão prégado na Sé de Lisboa por Fr. Pedro, na celebração da vitória de Aljubarrota).

11. *Absolutas* = realizadas com soltura por homens soltos de toda a disciplina.

14. O Conde é Fernão Peres de Trava.

V

Mas ele, enfim, com causa desonrado,
 Diante dela a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado,
 Que tudo o fogo erguido queima e corre:
 5 Quem, como Astianás, precipitado,
 Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito;
 Quem nu por ruas e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
 10 As cruezas mortais que Roma viu,
 Feitas do feroz Mário, e do cruento
 Sila, quando o contrário lhe fugiu.
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto conde ao mundo descobriu,
 15 Faz contra Lusitânia vir Castela,
 Dizendo ser sua filha herdeira dela.

5-7. *Quem... a quem... = um... a outro...*

5. *Astianás* foi precipitado de uma torre, no cerco de Troia. O mesmo sucedeu ao bispo de Lisboa, que se julgava partidário do Castelhana, pois castelhano era, o mesmo sucedendo ao prior de Guimarães e ao tabelião Silves, que com o prelado se encontravam.

8. Refere-se o Poeta à abadessa do Convento de S. Bento, em Évora, que o povo arrancou do tesouro da Sé, onde se refugiara, abraçada com o cálix.

9-12. Alude Camões às guerras civis ocorridas em Roma entre Mário e Sila, que um ao outro disputavam o governo. *Feitas do feroz M. = feitas pelo feroz M.*

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o castelhano está que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
5 Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta, pera as guerras,
De várias regiões e várias terras.

VIII

Vêm de toda a província que de um Brigo
10 (Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tirano e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
15 Os campos lioneses, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excelente.

1-2. *Beatriz era a filha que está casada com o rei que pede o Reino* — D. João I de Castela.

9-10. *Brigo* era um dos reis da Hispânia, segundo as lendas que corriam no tempo entre os cultos, que não entre o povo. Com elas e outras porventura de invenção própria tecen Fr. Bernardo de Brito a sua *Monarquia Lusitana*. Camões põe-no em dúvida — *se foi*.

11-12. Entre os vários Fernandos a que Camões pode aludir, observa Epifânio que Fernão Gonçalves vem citado juntamente com Rodrigo (ou seja Rui Diaz de Bivar, o *Cid campeador*, herói do *Cantar de mio Cid*, célebre poema medieval castelhano) por M. Fernandez de Enciso, em passo que o *Livro de Marinharia* literalmente traduz.

IX

Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as águas lavam.
5 A nobre Ilha também se apercebia
Que antigamente os Tírios habitavam,
Trazendo por insígnias verdadeiras
As Hercúleas Colunas nas bandeiras.

X

Também vêm lá do Reino de Toledo,
10 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai, suave e ledó,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
15 Que, pera resistirdes, vos armastes,
Àqueles cujos golpes já provastes.

1. Os *Vândalos* são os Andaluzes. *Vid.* III, 60.

5. Cádiz, antiga colónia fenícia ou *tíria* (de Tiro, cidade fenícia).

8. *Vid.* III, 18.

9-10. O *Reino de Toledo* é Castela Velha, cuja capital é esta cidade, que já o fora do Reino de Castela.

12. É a tradução de *Cuenca*.

14. *Sórdidos* é epíteto que tem sua explicação não apenas no conceito que os homens do Sul fazem dos homens do Norte — minhotos ou galegos — sem hábitos de limpeza no corpo nem na casa, senão também na evocação das lutas do princípio da nacionalidade. A ordem dos dois últimos versos é: *Que vos armastes para resistirdes àqueles...*

XI

Também movem da guerra as negras fúrias
A gente biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos esranhos compadece.
5 A terra de Guipúscoa e das Astúrias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou dele os soberbos moradores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

3. *Polidas razões*=*linguagem culta*. Nas Vascongadas, onde vive a *gente biscainha* (ou de *Biscaia*) e abrangem Guipúscoa, fala-se a língua *éuskara* ou *euskaldanac*, único vestígio linguístico dos povos primitivos da Península. Daí a deformação que imprimem à língua castelhana que falam, pelo que se chama *vasconço* todo o falar impuro e confuso.

7. Na 1.^a ed. *matadores*, em vez de *moradores*. Manuel Correia justifica esta última lição, atribuindo ao Poeta o dar tal designação aos Biscainhos e Asturianos «pelo que eles cuidavam, não pelo que fizeram». Deve ser, porém, erro tipográfico, que a ed. de 1644 corrige.

8. São os Castelhanos os *senhores* dos povos a que se alude antes.

XII

Joane, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansão hebreio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu Reino se aparelha;
5 E, não porque conselho lhe falece,
Co'os principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
10 Da opinião de todos, na vontade;
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade;
15 Negam o rei e a Pátria, e, se convém,
Negarão, como Pedro, o Deus que têm.

2. Conta a Bíblia, no *Livro dos Juizes*, que ao gigante Sansão provinha a força dos cabelos da cabeça, perdendo-a logo que Dalila, sua mulher, traindo-o, lhos cortou. *Hebreio* em vez de *hebreu*, porque a palavra tem aqui de ler-se como trissilabo.

9. *Desconcerte* = *divirja*.

16. Alude o Poeta ao que narra o *Evangelho de S. Mateus* (XXVI, 67-75): S. Pedro negou a Cristo, quando, perguntado por uma criada sobre se era seu discípulo, por três vezes respondeu negativamente.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álveres; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
5 Aquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

— «Como?! Da gente ilustre portuguesa
10 Há de haver quem refuse o pátrio Marte?!
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Há de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
15 De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?!

3. Os irmãos de D. Nuno eram Diogo e Pedro A. Pereira. Comungavam com a maior parte da nobreza no erro, que o Condestável neles via tão claro, de se inclinar para Castela.

10. Quem refuse o pátrio Marte = quem se recuse a bater-se numa guerra em defesa da Pátria.

XVI

«Como? Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
5 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

XVII

«Com quem foram contino sopeados
10 Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avôs?
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
15 Torne-vos vossas forças o rei novo,
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

7-8. Conta Duarte Galvão que, no recontro de Arcos-de-Val-de-Vez, em tempo de Afonso Henriques, fizeram os Portugueses prisioneiros sete condes e outros muitos cavaleiros.

12. Camões acentua *avôs*, mas o sinal diacrítico apenas marca a tonicidade e não o timbre da vogal terminal, que todavia outros factos mostram ter sido fechada no tempo de Camões.

XVIII

«Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
5 E se com isto enfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

«Eu só, com meus vassallos e com esta
10 (E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada;
Em virtude do rei, da Pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
15 Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu rei forem contrários!»

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,
Já pera se entregar quase movidos
À fortuna das forças africanas,
5 Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar, ou nelas for perdida:

XXI

Dest'arte a gente força e esforça Nuno,
10 Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
15 Vão correndo e gritando a boca aberta:
— «Viva o famoso rei que nos liberta!»

1-5. Alude o Poeta a um episódio da guerra entre Romanos e Cartagineses, quando estes, sob o comando de Aníbal, invadiram a Itália e triunfaram em Canas (*Vid.* III, 116). Tito Lívio narra o facto *in*-XXII, 50-53. Canúsio é hoje Canosa e Cornélio Moço é Públio Cornélio Cipião, depois chamado o *Africano*.

2. Na 1.^a ed. *Camísio*.

10. *Que* refere-se a gente e não a Nuno.

13. *Animais de Neptuno* — *Vid.* III, 51.

XXII

Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a Pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
5 Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
10 Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem pera reger era os mui possantes
15 Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto;

8. A *tenção* é, no escudo, o desenho que a *letra* acompanha, e uma e outra coisa formam a *empresa*, ou seja o símbolo do propósito que anima o cavaleiro. Camões refere-se aos cavaleiros que constituíam a *ala dos Namorados*, organizada para a batalha de Aljubarrota.

13. *Armígeros* = *homens armados*; é um latinismo.

16. Xerxes, rei da Pérsia, atravessou o Helesponto (Dardanelos) para combater a Grécia, com um exército numerosíssimo (diz a tradição que de mais de dois milhões).

XXIV

Dom Nuno Álveres digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Pera Franceses, pera Italianos.
5 Outro também famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
10 Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castelos o pendão,
15 Com Joane, rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

3. O *fero Huno* é Atila (*Vid.* III, 100).

10-11. É equívoco do Poeta, pois foi a Alvaro Vaz de Almada e não a Antão Vasques de Almada que Henrique VI de Inglaterra deu o título de Conde de Avranches, na Normandia, então pertencente à Inglaterra.

XXVI

Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
5 Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
10 Pífaros sibilantes e atambores;
Alférezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
15 Entra em Astrea o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

2. *Alegre medo* = medo misturado de confiança alegre.

15. *Astrea* que deu nome ao signo do Zodíaco — *Virgo* ou *Vírgem* — é a deusa da Justiça, que foi recebida no Céu depois de decorrida na terra, sob sua influência, a *Idade de Ouro*.

XXVIII

Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
OuvIU-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso;
5 OuvIU-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terrível escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos ali se vêm sem cor,
10 Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro imigo
15 Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

3. *Artabro* (Promontório) é o nome latino do Cabo da Galiza, que primeiro se identificou com o Finis-terra, mas depois se reconheceu ser o Ortegal.

13-16. E se de facto o *terror não é maior do que o perigo*, tem toda a *aparência* de o ser, é da psicologia humana que o seja: porque o *perigo*, no momento em que, da especiação do combate, em que ele se mede e receia, se passou ao combate, esse é, na verdade, reduzido pela fúria cegadora, que chega a esquecê-lo por completo. Esta interpretação, que julgamos a mais verdadeira, é a de Cláudio Basto, em sua ed. d'*Os Lusíadas*.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns, leva a defesa da própria terra,
Outros, as esperanças de ganhá-la.
5 Logo, o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
10 Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam;
Espedçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
15 Recrecem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

7. *Encontra* = tem encontros, embates.
16. *Apouca* = diminui o número.

XXXII

Eis ali seus irmãos contra ele vão
(Caso feio e cruell), mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão
Quem contra o rei e a Pátria se alevanta.
5 Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!),
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.

1. *Vid.* IV, 14.

3. A construção sintática mais lógica seria: *que menos é [...] do que levantar-se contra o rei e a Pátria.*

8. Alude Camões às guerras civis entre Júlio César e Pompeu (*Magnus*, de cognome, por ter submetido os partidários de Mário) *Vid.* III, 71-73.

XXXIII

Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas pátrias com profano
Coração vos fizestes inimigos:
5 Se lá no Reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns treedores houve algũas vezes.

1-2. Sertório já sabemos que armou os Lusitanos contra Roma, sua Pátria. O *nobre* (ou famoso) *Coriolano* é Mário, que para Roma tinha conquistado a cidade de Coríolos; exilado entre os Volscos, armou-os contra Roma, de cujo cerco apenas as súplicas da mãe e da mulher o fizeram desistir. Catilina, que os ataques de Cícero (*Catilinárias*) tornaram célebre, também conspirou contra a Pátria, ou antes, contra a constituição por que ela se regia.

5. *Sumano* é o mesmo que *Plutão*. O seu Reino é o Inferno.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo leão,
5 Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tutuão:
Perseguem-no co'as lanças, e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso;

XXXV

Com torva vista os vê, mas a natura
10 Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; ali perecem
15 Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

3-4. *Está ali* são três sílabas métricas, como no verso seguinte em *está o* se contam duas.

6. É localidade marroquina, ao Sul de Ceuta (antigamente *Ceita*, de onde *ceitil*).

13. *Vid.* nota 3-4.

16. *Virtutem* no latim significa *força, valentia*, e é neste sentido que a palavra aqui é empregada.

XXXVI

Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
5 Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara,

XXXVII

Corre raivosa e freme, e com bramidos
10 Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
— «Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
15 Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

4. *Coração* = *coragem*.

8. *Massília*, terra dos *Massilos*, que habitavam a Numídia. A derivação é moderna, mas antigo o emprego de *Massilos* no sentido de Africanos.

10. Estes montes são a *Sierra de Bullones*, que corre ao Norte de Marrocos.

XXXVIII

«Vêdes-me aqui, rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro.
Pelejai, verdadeiros Portugueses!»
5 Isto disse o magnânimo guerreiro,
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.

XXXIX

Porque eis os seus acesos novamente
10 De ãa nobre vergonha e honroso fogo;
Sobre qual mais, com ânimo valente,
Perigos vencerá do márcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
15 Assi recebem junto e dão feridas
Como a quem já não dói perder as vidas.

12. O jogo márcio ou de *Marte* é a guerra.

13. A ed. de 1597 substitui *fogo* por *sangue*. Mas não é ininteligível a expressão: o *fogo ardente* ou seja — a fúria do combate (derramando o sangue).

XL

A muitos mandam ver o Estígio Lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.
O mestre morre ali de Santiago,
Que fortíssimamente pelejava;
5 Morre também, fazendo grande estrago,
Outro mestre cruel, de Calatrava;
Os Pereiras também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o Céu e os fados.

1. O Inferno.

3. O Mestre de Santiago não há notícia de que tenha morrido nesta batalha. Fernão Lopes não refere tal morte e na sua narrativa da batalha de Valverde alude ao facto de ser abatida a bandeira do Mestre (de Santiago).

16. *O outro mestre cruel — o de Calatrava...* Fernão Lopes inclui entre os mortos o filho do Mestre de Calatrava — João Peres de Godoy — mas em outro passo dá a Pedro Alvares Pereira como Mestre desta Ordem. Este morreu, na verdade, mas o facto vem indicado no verso seguinte: ele e seu irmão Diogo são os Pereiras a que o Poeta se refere.

XLI

Muitos também do vulgo vil sem nome
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifuco Cão perpétua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
5 E, por que mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruce
10 Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
15 Já de Castela o rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.

1. Por vil entenda-se humilde.
3. O cão de três fauces era o Cérbero, que guardava a porta do Inferno.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida;
5 Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasfemando
10 Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
15 Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, destitotas.

16. *Desditotas* podia ler-se *desditósas*.

XLV

O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas depois e romarias
As graças deu a quem lhe deu vitória.
5 Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira
10 Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
15 Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força portuguesa.

1-3. *Vid.* III, 53.

11. *Vid.* IV, 9. Mais precisamente, foi na Estremadura espanhola que se deu a batalha de Valverde.

13. A Andaluzia é parte da Antiga Bética.

XLVII

Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
5 Depois que quis o Padre omnipotente
Dar os reis inimigos por maridos
As duas ilustríssimas inglesas,
Gentis, fermosas, ínclitas princesas.

XLVIII

Não sofre o peito forte, usado à guerra,
10 Não ter imigo já a quem faça dano,
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro rei que se desterra
Da Pátria, por fazer que o Africano
15 Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

7. D. Filipa de Lencastre, que casou com
D. João I, de Portugal, era irmã de D. Catarina, a quem
D. João I de Castela tomou por mulher.
10. Já a... são uma só sílaba.

XLIX

Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
5 O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Maometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da juliana, má e desleal manha.

1. *Nadantes aves* = navios.

2. *A furiosa Tétis* (mulher do Deus do Mar, Néptuno).

4. *Vid.* III, 18 e 137.

5. O monte *Abila* é a serra que se prolonga por um istmo no monte que domina *Ceuta* ou *Ceita*.

6-8. O domínio de Ceuta pelos Portugueses torna a Espanha *segura* contra o perigo de nova invasão árabe e até contra os danos da pirataria mauritana. Uma e outra coisa tinham derivado da traição do Conde Julião, governador daquela cidade no tempo em que ela pertencia aos Visigodos, e que, para se vingar do seu rei Vitiza, a entregou aos Árabes, facilitando assim aos Maometanos a conquista da Espanha.

L

Não consentiu a morte tantos anos
Que de herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse;
5 Mas pera defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Inclita geração, altos infantes.

LI

Não foi do rei Duarte tão ditoso
10 O tempo que ficou na suma alteza,
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?
15 Pois inda neste Reino e neste rei
Não usou ela tanto desta lei.

8. Os infantes foram D. Duarte sucessor de D. João I, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando.

10. Entenda-se: o tempo que durou o seu reinado.

15-16. Entenda-se por *Pois*: Mas a verdade é que... Com efeito, a Fortuna não usou com D. Duarte nem com o Reino em seu tempo da lei da alternância do bem com o mal, pois o bem se não gozou.

LII

Viu ser cativo o santo irmão Fernando
(Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
5 Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita:
Mais o público bem, que o seu, respeita.

LVII. Na tentativa da conquista de Tânger, os sitiadores foram por seu turno sitiados e os Sarracenos estabeleceram a restituição de Ceuta como condição da entrega do infante D. Fernando, que ficou como refém. Ceuta não foi restituída e o infante não foi libertado, apesar de tanto o pedir. O epíteto de *santo* que lhe foi dado não o ganhou porque ele *respeitasse*, como diz o Poeta, mais o *bem público do que o seu*; apenas o merece, porque muito e resignadamente sofreu no cativeiro. A estrofe seguinte, assim, não tem verdade histórica, na parte que se refere ao infante: exprime apenas a tradição ainda hoje corrente.

LIII

Codro, por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, por que a Pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
5 Este, por que se Espanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.

1. *Codro* foi o último rei de Atenas. Como os Dórios lhe invadissem o Reino e os oráculos tivessem anunciado aos invasores que só venceriam, se não matassem o rei inimigo, *Codro* fez-se matar por eles, entrando disfarçado no seu campo.

3-4. O Cônsul Atilio Régulo, preso em Cartago, foi enviado a Roma pelos Cartagineses, para que persuadisse ao Senado a entrega dos cativos. Foi o contrário que ele aconselhou, se bem na certeza da vingança dos Cartagineses, que o fizeram sofrer morte cruel.

7. Como um terramoto abrisse larga fenda no solo de Roma, os oráculos anunciaram que só seria fechada, se nela fosse lançado o que de mais valioso houvesse para o povo romano. Cúrcio, entendendo que nada valia tanto como o valor e as armas, ornando com elas a sua destemidez, lançou-se no abismo — que logo se fechou.

8. Os Décios foram Públio Décio Mus, um seu filho e um neto, cada um dos quais deu em sua batalha a vida pela Pátria.

LIV

Mas Afonso, do Reino único herdeiro,
(Nome em armas ditoso, em nossa Hespéria),
Que a soberba do bárbaro fronteiro
Tornou em baixa e humílima miséria,
5 Fora por certo invicto cavaleiro,
Se não quisesa ir ver a terra Ibéria;
Mas África dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o rei terríbil.

LV

Este pôde colher as maçãs de ouro,
10 Que sòmente o Tiríntio colher pôde;
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do bárbaro, que acode
15 A defender Alcácer, forte vila,
Tângere populoso e a dura Arzila.

1. *Único herdeiro* significa *herdeiro sem par*, (no valor?).

2. *Vid.* II, 108.

3. *O bárbaro fronteiro* = *o Mouro do outro lado do Estreito*, a quem D. Afonso V conquistou terras.

5-6. Se não fora o meio desastre da batalha de Toro, em Espanha, seria *invicto cavaleiro*.

10. O *Tiríntio* é *Hércules*, por ser educado em *Tírins*, na Argólida. Assenhoreou-se dos pomos do *Jardim das Hespérides* que se situava ora na Itália, ora na Península Ibérica, ora em Marrocos. (*Vid.* II, 103).

15-16. Alude o Poeta a Alcácer-Seguer, tomada em 1458, e Arzila, em 1471. Tânger foi ocupada logo a seguir, porque os Mouros a abandonaram.

LVI

Porém elas, enfim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
As portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
5 Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura dinas elegante
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama portuguesa.

LVII

Porém depois, tocado de ambição
10 E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
15 Desde Cális ao alto Pirinéu,
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

LVII. Morto Henrique IV de Castela, o trono por direito dinástico devia pertencer a sua filha D. Joana, casada com D. Afonso V. Mas à circunstância de estar casada com rei estrangeiro acrescia a fama que a dizia filha de D. Beltrão de la Cueva, amante da rainha sua mãe e irmã de D. Afonso V. Castela preferiu à *Beltraneja* a irmã da rainha castelhana, D. Isabel, casada com o rei D. Fernando de Aragão, tal como nós tínhamos preferido o Mestre de Avis, irmão de D. Fernando, a D. Beatriz, casada com o rei espanhol e duvidosa filha do mesmo D. Fernando.

15. *Calix* = *Cadix*.

LVIII

Não quis ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
5 Saiu-se enfim do transe perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado, o pai sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento,

3-5. O Poeta alude à batalha do Toro. O sujeito de *saiu-se* é o *pai sanguinolento* (por voluntariamente andar envolvido em guerras *sanguinolentas*).

7-8. Conta-se na *Crónica de D. Afonso V* que este rei retirou desbaratado da batalha para a fortaleza de Castro Nuño, convencido de que também era vencido o príncipe D. João, no que se enganava. Este ficou no campo, enquanto o inimigo retirava.

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
5 Desta arte foi vencido Octaviano,
E António vencedor, seu companheiro,
Quando daqueles, que César mataram,
Nos Fílipicos Campos se vingaram.

LX

Porém, depois que a escura noite eterna
10 Afonso aposentou no Céu sereno,
O príncipe que o Reino então governa
Foi Joane segundo e rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
15 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos que eu vou buscando agora.

4. *Inteiro* pertence para *dia*.

5-8. Nos campos de *Philippos*, cidade da Macedónia, deu-se uma batalha entre as forças de César Octaviano e de Marco António, de um lado, e as de Bruto e Cássio (os assassinos de Júlio César) do outro. Cássio foi derrotado por António, mas Bruto venceu a Octaviano.

LXI

Manda seu mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Parténope enterrada:
5 Nápoles, onde os fados se mostraram
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar no fim de tantos anos
Co'o senhorio de ínclitos Hispanos.

LXII

Polo mar alto Sículo navegam;
10 Vão-se às praias de Rodes arenosas,
E dali às ribeiras altas chegam
Que com morte de Magno são famosas;

1-3. Refere-se o Poeta a Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, que D. João II enviou em demanda do Preste João das Índias, afamado rei cristão com o qual era possível uma aliança contra os Maometanos, que tornasse mais fácil, e material e espiritualmente mais frutuoso, o estabelecimento dos Portugueses no Oriente. Foram os dois talvez por Valência, de onde embarcaram para Barcelona; daqui dirigiram-se directamente por mar a Nápoles, e não, como diz Camões, por França.

4-12. *Nápoles* ou *Parténope* (esta ninfa, tendo-se afogado de paixão pelo desprezo de *Ulisses*, foi o seu corpo lançado à costa italiana, no sítio onde esta cidade foi fundada) estivera sujeita a Normandos, Alemães e Franceses, e, no tempo de Camões, pertencia à coroa de Aragão. Desta cidade, pelo Mediterrâneo Oriental (o *Mar Sículo* ou da *Sicília*), embarcaram para Rodes, donde seguiram para Alexandria — as *ribeiras* afamadas com a morte de Pompeu (*Magno* — *Vid.* IV, 32.), ocorrida, depois da batalha de Farsália, quando desembarcava no porto de Pelúsia).

Vão a Mênfis e às terras que se regam
Das enchentes nilóticas undosas;
Sobem à Etiópia sobre Egipto,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

XLIII

- 5 Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as Serras Nabateias,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou;

1-2. De Alexandria vão os emissários ao Cairo, que se identifica com a antiga cidade de Mênfis, cujas ruínas lhe ficam ao Sul. São estas as terras regadas periodicamente pelas cheias do Nilo (as *enchentes nilóticas*), de modo que a conjunção *e* não é *copulativa*, senão *explicativa*, como se se dissesse: *e assim...*

3-4. A viagem não foi directa do Cairo para a *Etiópia sobre o Egipto* (para a distinguir da *Etiópia Oriental*, que se estendia até a Cafraria, e *Etiópia Ocidental*, que abrangia a Guiné; a *Etiópia sobre* (ou *sob*) o Egipto era a Abissínia, onde estava implantado o Cristianismo monofisita, e além disso deturpado. Dirigiram-se os dois portugueses do Egipto, por Suez, a Tur (ou *Toro*, como escreve Camões, seguindo Castanheda), na Península do Sinai, e dali para Aden.

5-6. Atravessaram, para ir a Adem, o Mar Vermelho — *as ondas Eritreias* — por onde a pé enxuto, segundo a Bíblia, os Judeus, sob o comando de Moisés e perseguidos pelos Egípcios, passaram à Arábia.

7. Neste trajecto para Adem, ficavam-lhe atrás as *Serras Nabateias* que se situam a NW da Arábia e, segundo alguns autores, tiraram o nome de *Nabajoth*, primogénito de Ismael.

As costas odoríferas sabeias,
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descoberta,
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.

LXIV

- 5 Entram no Estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memória;
Ali co'o Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem têm por glória.
Dali vão em demanda da água pura
10 (Que causa inda será de larga história)
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

1-2. *As costas odoríferas sabeas* ficam na Arábia Feliz e são célebres pela produção de incenso e mirra, planta em que *Myrrha*, mãe de *Adónis*, foi metamorfoseada.

3-11. Em Adem os emissários separaram-se, combinando encontrar-se no Cairo, Diogo de Paiva partiu para a Etiópia e Pedro da Covilhã para a Índia, passando por Cananor, Calecut e Goa, de onde se dirigiu para Ormuz, no *Estreito Pérsico*, que abre para o golfo que banha a região onde, segundo a Bíblia, ficava a *Confusa Babel*—a célebre torre onde se confundiram as línguas, como castigo à tentativa de por ela escalar o Céu — e onde desaguam o *Tigre* e o *Eufrates* (*Vid.* nota 8 da pág. 148). Este itinerário é diferente do resumido por Camões, que põe a demanda da Índia depois da passagem por Ormuz.

12. Trajano não passou além do Golfo Pérsico, em sua expedição à Índia.

LXV

Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.
5 Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia;
Lá morreram enfim e lá ficaram,
Que à desejada Pátria não tornaram.

2. A Carmânia ficava a Sueste da Arábia, banhada pelo Golfo Pérsico e pelo Mar Arábico; a Gedrósia situava-se na parte meridional da Pérsia, onde hoje fica o Baluchistão.

5-8. Foi esta a sorte dos dois viajantes: tendo combinado, como dissemos, encontrar-se no Cairo, quando Pero da Covilhã lá chegou por Sofala, Adem e Tur, soube da morte do companheiro e foi encontrado por dois judeus com cartas de D. João II. Como o rei lhe mandava que acompanhasse um dos judeus — Abraão — a Ormuz, assim o fez, depois de entregar ao outro uma carta para o monarca. Lá foram a Ormuz, de onde Abraão regressou a Portugal, seguindo Covilhã para a Abissínia, por Jidá, Meca, Medina, Sinai, Tur e Zeila. Na Abissínia foi bem acolhido pelo Negus Alexandre e por lá ficou, impedido de sair, mas em situação desafogada e brilhante. (Este itinerário é estudado pelo Conde de Ficalho em *Viagens de Pero da Covilhã*).

LXVI

Parece que guardava o claro Céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos,
5 Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos.
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
10 Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado, no tempo que a luz clara
15 Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam quando caem,

14-16. Pode entender-se: *No tempo em que a luz clara...* ou *no tempo que à luz clara...* como propõe Epifânio, sendo a *luz clara* a da madrugada, perante a qual a noite vai cedendo. De qualquer modo, é à segunda parte da noite que se refere, neste como nos dois versos seguintes: as estrelas que *saiem* são as que, em seu movimento aparente, *sobem* no horizonte; as que *caiem* são as que *descem* para o Ocidente, depois da meia noite, tempo em que se repousa e em que, no dizer dos antigos, os sonhos são verdadeiros. Cremos desnecessária a proposta modificação de *a luz clara* para *à luz clara*. É como se o Poeta escrevesse: *Durante a noite, na segunda parte dela...*

LXVIII

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
5 Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia
10 Tão alto que tocava à prima Esfera,
Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera;
E lá bem junto donde nace o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
15 Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.

3. O conceito = o pensamento.

5-6. A explicação deste verso está nos seguintes:
O sono, ou seja *Morfeu*, deus dos sonhos, *ocupou-lhe os olhos* = *fê-lo dormir*, mas não lhe deixou em repouso o coração, a que logo descerrou o sonho simbólico e profético que a seguir se expõe.

9. *Aqui* = *então*.

10. *Prima esfera* = *a esfera ou o Céu da Lua*, no sistema de Ptolomeu.

14. *Olhos longos* = *olhos que miram ao longe*.

LXX

Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam.
5 Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, dêz que Adão pecou aos nossos anos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das águas se lhe antolha que saíam,
10 Pera ele os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabelos lhe caíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
15 A cor da pele, baça e denegrida;
A barba, hirsuta, intonsa, mas comprida.

1. Entenda-se: *feras e outras alimárias* que não são feras.

5-6. *Contrárias a outra companhia* (que não a animal).

10. Em alguns exemplares da 1.^a ed. do poema ocorre *Por ele*, mas a lição que adoptamos é, sem dúvida, a correcta.

13. Na 1.^a ed. ocorre *saíam*, mas não parece de admitir que o Poeta repetisse a terminação do 1.^o verso. Muitos editores adoptam *caíam*.

16. *Intonsa mas comprida*, com a adversativa onde logicamente deveria empregar-se a copulativa? Terá o Poeta escrito *mais*, no sentido de *muito*, como pensa o Prof. J. M. Rodrigues?

LXXII

De ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha;
5 E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem com Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os braços de Aretusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
10 Dest'arte pera o rei de longe brada:
— «Ó tu, a cujos Reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada:
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
15 Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

1. *Ambos de dois, ambos os dois, ambos e dois* são formas ainda correntes entre o povo.

7-8. *Alfeu* é rio do Peloponeso, que aqui e além corre subterrâneamente. Diz a Mitologia que a ninfa *Aretusa*, perseguida pelo deus do rio, foi por *Diana* convertida em fonte a que deu o seu nome, na *Ilha Ortigia* — bairro de Siracusa, na Sicília; mas o deus, atravessando o mar, foi juntar as suas com as águas dela.

LXXIV

«Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, rei que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
5 Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.»

LXXV

Não disse mais o rio ilustre e santo,
10 Mas ambos desaparecem num momento.
Acorda Emanuel c'um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemispério sonolento;
15 Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

1-2. *Terra celeste* = *Paraíso*. O Ganges — supôs-se — seria um dos quatro braços em que se dividia o rio que, segundo a Bíblia, regava o Paraíso.

13. *Febo* = *O Sol*.

14. Em grego *Hemispherio*, de onde em alguns autores latinos, *Hemispermum*. A letra grega que representamos por *ph* é ϕ , que soa aproximadamente como *pf*. Desta espécie de dupla consoante ficou nas palavras portuguesas de mais remota importação o primeiro elemento — *p*. A divisa de D. Manuel — *spera in Deo* — faz assim trocadilho com a *esfera* (*sphera*) que tomou para emblema.

LXXVI

Chama o rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
5 Determinam o náutico aparelho,
Pera que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em efeito
10 Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Presago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mi se via,
15 Me põe o ínclito rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos reis que a mais obriga,
Me disse: — «As cousas árduas e lustrosas
20 Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende.
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

«Eu vos tenho entre todos escolhido
 Pera ãa empresa, qual a vós se deve,
 Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
 O que eu sei que por mi vos será leve.»
 5 Não sofri mais, mas logo: — «Ó rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve
 É tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

«Imaginaí tamanhas aventuras
 10 Quais Euristeu a Alcides inventava:
 O leão cleonéu, harpias duras.
 O porco de Erimanto, a hidra brava,
 Decer enfim às sombras vãs e escuras
 Onde os campos de Dite a Estige lava;
 15 Porque a maior perigo, a mor afronta,
 Pera vós, ó rei, o espirito e carne é pronta.»

4. *Por mi* = *por amor de mim*.

10-14. *Euristeu* foi o rei de Micenas que, segundo a Mitologia, obrigou *Hércules* (*Alcides*) às empresas que se chamam *trabalhos de Hércules*, algumas das quais foram: trazer-lhe a pele do leão do bosque de Némea, situado entre *Cleonas* (donde *cleonéu*) e *Fliunte*; afugentar as monstruosas aves de rapina — *Estinfálides* — (que indevidamente Camões chama *Harpias*), que viviam junto de *Estínfalo*, nome de lago, rio e cidade da Arcádia; trazer ainda vivo o javali que do *Erimanto*, monte da Arcádia, descia a devastar as terras próximas; matar a hidra da lagoa de Lerna, perto de Argos; descer ao Inferno, o *Reino das Sombras* ou *Campos de Dite* (*Plutão*), banhados pela *Lagoa Estige*, para se apoderar do cão *Cérbero*.

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
5 A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
10 De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valor;
15 Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.

12. *Furor* = *ardor militar*

14. *Valor* = *prestígio*.

LXXXIII

Foram de Emanuel remunerados
Por que com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos succedessem.
5 Assi foram os Mínias ajuntados,
Pera que o véu dourado combatessem,
Na fatídica nau que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclita Ulisseia
10 Co'um alvoroço nobre e co'um desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
15 Porque a gente marítima e a de Marte
Estão pera seguir-me a toda parte.

5. *Mínias* = os argonautas, quase todos descendentes dos filhos de *Mínias*, rei da Tessália.

6-8. *Vid.* III, 72.

8. *Mar Euxínio* ou *Euxino* = *Mar Negro*.

9. *Ulisseia* = *Lisboa*. *Vid.* III, 57.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
5 Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes;
Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.

LXXXVI

Depois de aparelhados, desta sorte,
10 De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhámos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
15 Implorámos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

8. A nau *Argos* dos *Argonautas*, assim chamada porque foi *Argo* o seu construtor, foi posta entre as constelações por *Minerva*.

16. *Aspirasse* = favorecesse com seu bajo protector.

LXXXVII

Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
5 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade, aquele dia,
10 (Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sòmente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
15 Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

1-4. O templo a que o Poeta se refere é o que o Infante D. Henrique mandou fundar em Restelo, sob a invocação de Nossa Senhora de Belém. Este nome é o da terra da Judeia, onde o Filho de Deus incarnou.

8. *Com dificuldades me contenho de chorar.*

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres co'um choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
5 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: — «Ó filho, a quem eu tinha
10 Só pera refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro:
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vãs, ó filho caro,
15 A fazer o funéreo enterramento
Onde estejas de pexes mantimento?»

XCI

Qual em cabelo: — «Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa:
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
5 Como por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?»

XCII

Nestas e outras palavras que diziam,
10 De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os mininos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
15 A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

3. *Is=Ides*. Aquela forma ainda se usa no Norte.

7. *Vão contentamento*=*contentamento que breve se dissipa*.

11. Na 1.º ed. *os seguiam*, mas é erro evidente.

16. *Com elas* concorda com o sentido plural da palavra *areia* — quantidade de grãos, igualada, segundo a hipóbole poética, pela quantidade de lágrimas.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
5 Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

CXIV

Mas um velho de aspeito venerando,
10 Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descotente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
15 Co'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

5. Houve aqui mudança de sujeito, que, no pensamento do Autor, ao iniciar a estrofe, deveria ser *Nós outros...*

16. *Experto = cheio de experiências.*

XCV

— «Ó glória de mandar! ó vã cubiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto que se atica
Co'ũa aura popular que honra se chama!
5 Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exprimentas!

XCVI

«Dura inquietação de alma e da vida,
10 Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
15 Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

XCVII

«A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
20 Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos? que palmas? que vitórias?

XCVIII

«Mas ó tu, geração daquele insano,
Cujo pecado e desobediência
Não sòmente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
5 Mas inda doutro estado mais que humano.
Da quieta e da simpres inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

XCIX

«Já que nesta gostosa vaidade
10 Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
15 De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá,

1-6. *Aquele insano é Adão, que por desobediência não só foi expulso do Paraíso — Reino soberano —, se não também perdeu o estado de inocência — idade de ouro.*

9. *Vaidade* deve ler-se como palavra de quatro sílabas, pelas exigências do metro.

15-16. O Poeta refere-se a Jesus Cristo que, segundo conta S. Mateus — XXVI-38-39, 42 — recebeu os sofrimentos que o levaram à morte e pediu ao Pai lhos evitasse, se fosse possível.

C

«Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
5 Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desesjas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

CI

«Deixas criar às portas o inimigo
10 Por ires buscar outro de tão longe
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo,
Por que a fama te exalte e te lisonje,
15 Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

12. *Deitando a longe* = *deitando fora, perdendo*.
15-16. *Com larga cópia* (de títulos). Os que D. Manuel tomou eram: *Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém Mar em África, senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia*.

CII

«Oh! maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Dino da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
5 Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

CIII

«Trouxe o filho de Jápeto do céu
10 O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras. Grande engano!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
15 Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

2. *Pôs velas em lenho seco* = *construiu o navio*.

9-10. *O filho de Jápeto é Prometeu*, que, segundo Mitologia, fez o homem de terra e água — a *estátua ilustre* de que o Poeta fala adiante — animando-o depois com fogo que arrebatou do Céu.

CIV

«Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
5 Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana gèração!»
Mísera sortel! Estranha condição!»

1-2. O moço miserando é *Faeton* ou *Faetonte*, o filho do Sol, que despenhou o carro do pai no rio *Eridano*, por isso afamado. *Vid.* I, 46.

3-4. O grande architector é *Dédalo*. Para fugir do *Labirinto de Creta* que tinha construído, inventou umas asas presas ao corpo por meio de cera. O filho, *Icaro*, tão alto subiu com elas, que o Sol lhe derreteu a cera e ele caiu no Egeu, que por isso ficou chamado *Mar Icário*.

7. *Intentado* = por tentar.

CANTO V.

I

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
5 E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: — «Boa viagem!» —. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
10 No Animal Nemeio truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava, enfermo e lento;
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento,
15 Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

10. O *Animal Nemeio* é o mesmo que o *leão cleonéu* do IV, 80, feito constelação. O Poeta indica por esta perífrase que o Sol (o *eterno lume*) entrava no signo de Leo, facto que ocorre em 14 de Julho. A partida, segundo os cronistas, foi em 8 do mesmo mês. Resulta a diferença do atraso de quase 10 dias do Calendário, relativamente aos factos astronómicos, antes da reforma gregoriana de 1582.

12. A *sexta idade*, segundo os escritores eclesiásticos, começara com o nascimento de Cristo e duraria até a consumação dos séculos. Era a idade da decrepitude do mundo, e por isso o Poeta o qualifica de *enfermo e lento*.

14-15. Outra perífrase para indicar a data de 1497.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;
5 Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar e céu.

IV

Assi fomos abrindo aqueles mares
10 Que geração algũa não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique descobriu;
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
15 Deixando à mão esquerda, que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.

12. O Poeta refere-se ao Infante D. Henrique († 1460) o promotor das navegações ao longo da costa africana de NW., até à Serra Leoa.

14. *Vid.* III, 77.

15-16. O Poeta alude às suspeitas que, por 1497, havia sobre a continuidade para o Sul do Continente Americano, descoberto em 1492 por Colombo.

V

Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama,
Das que nós povoámos a primeira,
Mais célebre por nome que por fama;

V. Segundo a interpretação do Prof. José Maria Rodrigues, o Poeta entrelaça no poema duas rotas: a do Gama, de Lisboa às Canárias, destas à Ilha de Santiago de Cabo Verde e daqui através do *imenso lago* com rumo Sul (estrofes 3, 4, 8, 9); e a rota da nau *S. Bento*, em que o próprio Camões foi levado à Índia — «de Lisboa à Madeira, daqui a Cabo Verde, depois, a par da costa africana, e, passando o Arquipélago de Bijagós (Dórcadas), pelo *grandíssimo golfo*» (estrofes 3, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13). O Sr. Almirante Gago Coutinho contesta a duplicidade da rota, afirmando que o Poeta, aproveitando «a tradição oral, que corria a bordo das naus da Índia», nos deu a verdadeira rota do Gama, determinada por perfeito conhecimento do regime dos ventos. O assunto é tratado com desenvolvimento no livro *O roteiro da viagem de Vasco da Gama e a sua versão nos «Lusiadas»*, do Almirante Gago Coutinho e numa série de artigos de *Biblos*, de 1929 a 1934, do mesmo Autor e do Prof. Rodrigues. Para eles chamamos a atenção do leitor mais curioso. No estreito espaço que a tal matéria podemos dedicar, apenas nos é possível, em nota rapidíssima, dizer que ao Poeta cumpria mais informar das *novas ilhas e novos ares que o generoso Henrique descobriu*, do que dar com rigor científico a rota seguida. Assim, tocando ou não nos pontos referidos, vinha ao propósito do poema escrever: *Passámos a grande Ilha da Madeira... Deixámos a costa de Massília... Passámos o Trópico de Câncer...* a costa de que destaca o Cabo Verde... e isto com as breves notas sobre a beleza da Madeira, como sobre o Senegal e os povos que bebem das suas águas. Ao referir-se ao Cabo Verde, dir-se-ia que recua, falando das Canárias. Se é recuo cronológico e topográfico, não o é lógico. Tendo percorrido a costa, indicando o que nela havia de notável, ocorre falar das Ilhas de Cabo Verde, que já nos pertenciam, e assim mais lhe interessavam, com rápida alusão às Canárias, a propósito daquelas.

Mas, nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Vénus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

VI

- 5 Deixámos de Massília a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra — a nenhum fruto enfim disposta,
10 Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia —
Que aparta a Barbária de Etiópia.

4. O verso, todo ele evocativo do esplendor da vida helénica, alinha designações heterogéneas: Cipro (ou Chipre) e Citera são ilhas mediterrânicas, onde Vénus era cultualizada (*Vid.* I, 24); mas Gnido ou Cnido não é uma ilha, senão um promontório da Cária, na Ásia Menor, onde Vénus também tinha um templo; e Pafos é a cidade da Ilha de Chipre, onde ficava situado o templo célebre consagrado à deusa.

5-12. O Poeta refere-se à desolada região ocidental do Saará, limitada pela Mauritânia (Barbária) e pelo Rio Senegal (o *Sanagd* da estrofe seguinte). Ao Sul deste estende-se o que no tempo se considerava ainda continuar a Etiópia.

10. E dos avestruzes que se fabula digerirem ferro.

VII

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho do Climene a cor do dia.
5 Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canárias Ilhas,
10 Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos, navegando, pelas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas,
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
15 Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

1-4. O limite é o Trópico de Câncer. Entre este e o de Capricórnio estende-se a zona tórrida, a que a terra oferece à incidência perpendicular dos raios solares. Os carros por o carro. O filho de Climene (a pronúncia correcta é Clímene) é Faetonte. Vid. I, 49.

7. O Cabo Arsinário, na designação de Ptolomeu, identificava-se com o Cabo Verde, mas considera-se hoje o Cabo Branco. Sobre a sintaxe do último verso, Vid. I, 52.

12. As Hespéridas, filhas de Hespério ou Héspero (e sendo este último o nome próprio, Hespério é adjectivo ligado ao substantivo velho) eram frequentemente identificadas com as Ilhas de Cabo Verde. Sobre a imprecisão desta geografia mitológica, Vid. II, 108 e IV, 54.

IX

Aquela ilha aportámos que tomou
 O nome do guerreiro Santiago,
 Santo que os Espanhóis tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 5 Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o imenso lago
 Do salgado Oceano, e assi deixámos
 A terra onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui, rodeando a larga parte
 10 De África, que ficava ao Oriente
 — A província Jalofo que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Logramos o metal rico e luzente,
 15 Que do curvo Gambeia as águas bebe,
 As quais o largo Atlântico recebe —,

2-4. Já foi notada esta confusão de Camões, de Santiago Menor, cuja festa se celebra no dia 1 de Maio, em que foi descoberta a ilha por isso mesmo chamada de *Santiago*, com Santiago Maior, celebrado a 25 de Junho.

6. Segundo o Almirante Gago Coutinho, o *imenso lago* «é aquela parte do Atlântico entre as ilhas de Cabo Verde e a costa de África, onde não reinam tempestades...». Essa curva da derrota até à Serra Leoa, ao largo da qual passam, sem a avistar, é o primeiro ramo da derrota em dupla curva, ainda hoje seguida pelos navios de vela.

11. *Jalofo* é a região situada entre os rios Senegal e Gâmbia; *Mandinga* é a que fica ao Sul do Gâmbia.

13-14. Eram os indígenas de Mandinga que vendiam aos Portugueses o ouro que iam adquirir no Interior.

15. O antecedente do relativo é *Mandinga*, ou sejam os habitantes desta região.

XI

As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãs que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
5 Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De víboras encheste a ardente areia!

XII

Sempre enfim pera o Austro a aguda proa,
10 No grandíssimo golfão nos metemos,
Deixando a Serra aspérrima Leoa,
Co'o cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
15 Ficou, co'a ilha ilustre que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.

XI. *Dórcadas* ou melhor *Górgades*, devem ser as ilhas que constituem o Arquipélago de Bijagós. As *Górgades* eram habitadas pelas *Górgonas*, filhas de *Fórcis*, a quem a Mitologia atribui um só olho para todos três. Aquela a quem o Poeta se refere é *Medusa* (Vid. III, 77). *Perseu*, munido dos talaes de *Mercúrio*, cortou a cabeça desta *Górgona* e, levando-a pelos ares, por sobre os areais da Líbia, neles nasciam víboras das gotas de sangue caídas.

10. No *grandíssimo golfão* = no Atlântico Sul. Segundo Gago Coutinho, entraram no *segundo ramo da derrota em dupla curva*, que termina no Cabo da Boa Esperança.

13-15. O *grande rio* é o Níger, e a *ilha ilustre* é a de S. Tomé, nome do Apóstolo que tocou o lado de Cristo, para se certificar da ressurreição. (S. João XX, 25 e 27). O sentido é: *Deixando a Serra Leoa, ficou-nos (para trás) o grande rio [...] co'a ilha ilustre...*

XIII

Ali o mui grande Reino está de Congo,
Por nós já convertido à Fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
5 Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido Pólo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

Já descoberto tínhamos diante,
10 Lá no novo Hemisfério, nova estrela,
Não vista de outra gente, que, ignorante,
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante
E, por falta de estrelas, menos bela
15 Do Pólo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece ou mar acabe.

6. *Sobre o Pólo de Calisto, vid. I, 51.*

7. *O término ardente é o Equador.*

10. O Poeta refere-se à constelação do Cruzeiro do Sul.

15. Como no v. 6 se fala do Pólo de Calisto, móvel em torno do eixo da Esfera, aqui se chama fixo ao Pólo Antártico da Terra.

XV

Assi passando aquelas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous invernos fazendo e dous verões,
Enquanto corre de um ao outro Pólo,
5 Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigosas
10 Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
15 Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

1-2. O Poeta refere-se às regiões intertropicais. Nelas o Sol passa duas vezes no ano pelo zénite de cada lugar.

7-8. As Ursas Maior e Menor são as constelações também chamadas *Calisto* e *Arcade* ou *Arcas*. *Calisto*, ninfa de *Diana*, teve de *Júpiter* um filho — *Arcas*. Juno, a ciumenta esposa do deus, metamorfoseou-os em ursas, mas *Júpiter* colocou-os no céu. No hemisfério norte jãmais estas constelações, dentro do círculo polar, se vêem mergulhar no Mar, no movimento aparente do céu; mas já assim não sucede quando as vemos do hemisfério sul. Daí a alusão do Poeta ao pedido de *Juno* às divindades marítimas, para que não consentissem que as Ursas as poluissem, mergulhando no mar.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela aparência,
5 E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

XVIII

Vi, claramente visto, o lume vivo
10 Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
15 Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas águas do Oceano.

9-12. O Poeta refere-se ao fogo de Santelmo, fosforescência dos mastros do navio em ocasião de tempestade, tomada pelos marinheiros como sinal da presença protectora do santo.

XVIII. Refere-se ao fenómeno da tromba marítima, de que nas quatro estrofes seguintes faz a descrição.

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se;
5 De aqui levado um cano ao pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos fàcilmente não podia:
Da matéria das nuvens parecia.

XX

Ia-se pouco e pouco acrescentando,
10 E mais que um largo masto se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava co'as ondas ondeando;
Em cima dele ãa nuvem se espessava,
15 Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande de água em si tomada.

4. *Rodear-se = arredondar-se.*
6-7. *Vid. nota ao v. 4-52, I.*
10. *Masto = mastro.*

XXI

Qual roxa sanguessuga se veria.
Nos beijos da alimária (que, imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente;
5 Chupando, mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas, depois que de todo se fartou,
10 O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Por que co'a água a jacente água molhe;
As ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
15 Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natural

XXIII

Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
5 Que grandes escrituras que deixaram!
Que influência de sinos e de estrelas,
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta que no céu primeiro
10 Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro,
Pronto co'a vista, «Terra! Terra!» brada.
15 Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

6. *Sinos* = *signos*, as constelações do Zodíaco, a que a astrologia attribuía, como aos planetas, influência nos destinos humanos.

7. *Qualidades* deve estar aqui no sentido que a palavra dava a filosofia escolástica — entidades abstractas por que se explicavam todos os fenómenos naturais — a *qualidade crescitiva* da planta, por exemplo.

9-10. O Poeta refere-se à Lua, que, no sistema de Ptolomeu, se movia com o céu primeiro. É com o feminino da palavra *Lua*, que tem presente no espírito, e não com o masculino da palavra *planeta* (aliás frequentemente tomado como feminino), que concorda a palavra *apressada*. O sentido é que desde Lisboa a Santa Helena já a Lua cinco vezes passara do quarto crescente a Lua cheia.

XXV

A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam;
As velas, já chegados, amainamos;
5 E, pera que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos
Pelo novo instrumento do astrolábio,
Invenção de sutil juízo e sábio,

XXVI

Desembarcamos logo na espaçosa
10 Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pisou;
Porém eu, co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
15 Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

1. *A maneira = à maneira.*

16. *A universal pintura é a carta geográfica, onde o Gama marcava a posição em que se encontravam. Estavam na Ilha de Santa Helena.*

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro Pexe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
5 Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquele
10 Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
15 A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

2. Entenda-se o Trópico de Capricórnio. O Capricórnio é uma constelação zodiacal representada por uma figura metade cabra, metade peixe.

12. *Polifemo* é o nome do formidável ciclope de que *Ulisses* se libertou por astúcia, cegando-o do único olho que tinha e fazendo sair os seus companheiros da caverna onde o gigante os tinha encerrado, dependurados de carneiros, que este, à porta, palpava, para se certificar se eram os prisioneiros.

13-14. Sobre o metal supremo da rica pele de Colcos. Vid. III, 72.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
5 Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Pera a povoação, que perto tinha

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
10 Todos nus e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
15 Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

12. Entenda-se: *peças como as que est'outro leva.*

XXXI

É Veloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado
Em que algum bom sinal saber procuro,
5 Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece, e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
10 Polo tomar; mas, antes que chegasse,
Um etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
15 Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

11. Camões generaliza aos habitantes da Ilha de Santa Helena a designação por que já sabemos eram abrangidos os habitantes da Guiné.

13. *Pressa* = *opressão*, *aflição*.

XXXIII

Da espessa nuvem setas e pedradas
Choveram sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
5 Mas nós como pessoas magoadas,
A reposta lhe demos tão depressa,
Que em mais que nos barretes, se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV

E, sendo já Veloso em salvamento,
10 Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
15 Que estarmos inda muito longe dela.
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
— «Oulá, Veloso amigo! aquele outeiro
20 É melhor de decer que de subirl»
— «Si é, — responde o ousado aventureiro —,
Mas, quando eu pera cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

XXXVI

Contou então que, tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
5 E tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nós pera tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao Reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cinco sóis eram passados
10 Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Pròsperamente os ventos assoprando,
Quando ãa noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
15 Ùa nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

7. Sobre *Reino escuro*. Vid. II, 112.

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
5 — «Ó Potestade — disse — sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

XXXIX

Não acabava, quando ãa figura
10 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
15 Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
5 Co'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

XLI

E disse: — «Ó gente ousada, mais que quantas
10 No mundo cometeram grandes coisas:
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
15 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho;

3. O *Colosso de Rodes* era uma estátua que se erguia à entrada dum porto da Ilha de Rodes, considerada por sua grandeza uma das sete maravilhas (*milagres*) do Mundo. Era consagrada ao Sol.

16. Nunca sulcados por navio próprio ou alheio.

XLII

«Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
5 Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pola terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra.

XLIII

«Sabe que quantas naus esta viagem
10 Que tu fazes fizerem, de atrevidas,
Inimigas terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E na primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
15 Eu farei de improvisio tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo.

13-16. O Poeta refere-se à furiosa tormenta provocada por um tufão, que sofreu naquelas paragens a armada capitaneada por Pedro Álvares Cabral, de que sossobraram quatro naus, sem escapar nenhum dos tripulantes.

XLIV

«Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança,
5 Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

«E do primeiro ilustre, que a ventura
10 Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus;
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
15 Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

1-2. De uma das quatro naus a que se refere a nota anterior era capitão Bartolomeu Dias, o descobridor do Cabo.

9-16. O Poeta alude a D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, morto pelos Cafres perto do Cabo da Boa Esperança. Veja-se o que Camões ainda diz sobre ele no canto X, 26-38.

XLVI

Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado;
5 Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

LXVII

«Verão morrer com fome os filhos caros,
10 Em tanto amor gèrados e nascidos;
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros,
À calma, ao frio, ao ar verão despidos,
15 Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente;

XLVI. Esta estância e as duas seguintes resumem o naufrágio do galeão capitaneado por Manuel de Sousa Sepúlveda, narrado pela *História Trágico-Marítima*.

XLVIII

«E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida e implacábil espessura;
5 Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.»

LIX

Mais ia por diante o monstro horrendo
10 Dizendo nossos fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: — «Quem és tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!»
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
15 Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

L

— «Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
5 Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promotório,
Que pera o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

LI

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
10 Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
15 Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

3-4. Ptolomeu, grego do II séc. D. C.; Pompónio Mela, hispano, do I séc. D. C.; Estrabo ou Estrabão natural do Ponto, A. e D. C.; o romano Caio Plínio Segundo (23-70 D. C.) foram os mais conhecidos geógrafos da Antiguidade.

10. *Encélado*, *Egeu* ou *Egeon* são gigantes a quem se refere a *Eneida*; *Centimano* (ou melhor *Centímano* se lermos independentemente do metro) *que tem cem mãos*, não é nome de gigante, mas epíteto dado a *Briareu* ou *Egeon* e a *Tifeu*, gigantes que igualmente foram na escalada do Céu.

11. O nome de *Adamastor* designa um gigante, num epitalâmio de Sidónio Apolinário.

12. É *Júpiter* quem vibra os raios de *Vulcano*.

LII

«Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das águas a princesa;
5 Um dia a vi, co'as filhas de Nereu,
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

«Como fosse impossíbil alcançá-la
10 Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mi lhe fala;
Mas ela co'um fermoso riso honesto,
15 Respondeu: — «Qual será o amor bastante
De ninfa, que sustente o dum Gigante?

1. *A alta esposa de Peleu é Tétis, filha de Nereu e Dóris.*

LIV

«Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano».
Tal resposta me torna a mensageira.
5 Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abundanças,
O peito de desejos e esperanças.

LV

«Já néscio, já da guerra desistindo,
10 Ûa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços pera aquela que era vida
15 Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

5-7. Aqui há salto de sujeito: *Eu... encheram-me...*
Esta sintaxe é frequente no tempo e ainda hoje se encontra.

LVI

«Oh! que não sei de nojo como o contel
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
5 Estando co'um penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E junto dum penedo outro penedo!

LVII

«Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
10 Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
15 A buscar outro mundo onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

«Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos.
5 E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo:

LIX

«Converte-se-me a carne em terra dura,
10 Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam;
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
15 Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.»

1-4. Referência à derrota dos *Titanes* por *Júpiter*, quando tentaram a escalada do Céu.

LX

Assi contava, e co'um medonho choro
Súbito deante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e co'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
5 Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Flégon e Piróis vinham tirando,
10 Co'os outros dous, o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
15 Por ela abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

9. São os nomes de dois dos cavalos do carro do Sol; os outros dois são *Eoo* e *Éton*.

LXII

A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etiópes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que tão mal nos receberam;
5 Com bailos e com festas de alegria
Pola praia arenosa a nós vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apacentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres, queimadas, vêm em cima
10 Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua língua cantam, concertadas
15 Co'o doce som das rústicas avenas,
Imitando de Títiro as camenas.

16. *Títiro* é o nome de um dos pastores da 1.^a Écloga de Virgílio. *Camenas* podem ser o mesmo que Musas, e aqui, mais simplesmente, composições poéticas.

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco doutras peças que levaram;
5 Mas, como nunca enfim meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos,
As velas dando, as âncoras levamos.

LXV

Já aqui tinham dado um grão rodeio
10 À costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do céu, e o Pólo Antártico ficava.
Aquele ilhéu deixámos onde veio
Outra armada primeira, que buscava
15 O Tormentório Cabo, e, descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

11-12. *O ardente meio do céu é o Equador.*

12. *Ficava para trás, como no verso 7.º da estrofe XII deste canto.*

13. *É o Ilhéu da Cruz, assim chamado pelo padrão que Bartolomeu Dias ali ergueu, com uma cruz em cima, assinalando o termo da viagem em que descobriu o Cabo das Tormentas, depois chamado da Boa Esperança.*

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças.
5 Co'o mar um tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nele são mudanças,
Corrente nele achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
10 Segundo pera trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava;
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
15 Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

9. Entenda-se: *Era a força do mar em demasia maior, ou seja muito maior.*

13. *Noto é o vento do Sul, que as naus tinham agora pela popa.*

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente;
5 Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por ele nos metemos.

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos
10 E do rio fresca água, mas contudo
Nenhum sinal aqui da Índia achámos
No povo, como nós outros quase mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos
Sem sair nunca deste povo rudo,
15 Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte orientall

4. Em Jesus Cristo, segunda pessoa da Trindade cristã, vivem, em quanto Deus, em união as três pessoas que a constituem.

LXX

Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
5 E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!

LXXI

Corrupto já e danado o mantimento,
10 Danoso e mau ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento
Que sequer da esperança fosse engano!
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora lusitano,
15 Que durara ele tanto obediente
Porventura a seu rei e a seu regente?

7. *Céus não naturais* é expressão que adiante se esclarece: *diferentes daquele em que os Portugueses nasceram.*

15. *Que repete a conjunção integrante do verso 13.º.* É vulgar tal repetição na syntaxe do tempo.

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
Contra o seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
5 Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.

LXXIII

Deixando o porto, enfim, do doce rio
10 E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando pera o pego toda a armada,
Por que, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada
15 Que a costa faz ali daquela banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,
Pera onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina dũa e doutra nau;
5 Quando, indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi de ãa novidade alvoroçado.

LXXV

E foi que, estando já da costa perto,
10 Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
Batéis à vela entravam e saíam.
Alegria mui grande foi, por certo,
Acharmos já pessoas que sabiam
15 Navegar, porque entre elas esperámos
De achar novas algũas, como achámos.

2. São Nicolau é o advogado dos navegantes.

LXXVI

Etiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam;
Palavra algũa arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
5 E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela arábica língua, que mal falam,
10 E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem que, por naus que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que lá donde sai o Sol se abalam
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,
15 E do Sul pera o Sol, terra onde havia
Gente, assim como nós, da cor do dia.

1. *Etiopes*, porque a Etiópia não só compreendia a Abissínia, mas alargava-se para o Ocidente até à Guiné e para o Sul abrangia toda a costa oriental da África. É deste sentido o título do livro de Fr. João dos Santos — *Etiópia Oriental*. *Vid.* V, 32.

11-12. *Vid.* nota ao v. 4-52. I.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Sinais.
5 Um padrão nesta terra alevantámos,
Que, pera assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX

Aqui de limos, cascas e de ostrinhos,
10 Nojosa criação das águas fundas,
Alimpámos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vêm sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
15 Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

8. Foi o anjo Rafael que, segundo a Bíblia, guiou Tobias de Nínive até junto de Gabelo, devedor de seu pai. (Tobias IV, V.).

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura.
5 Assi no Céu sereno se dispensa;
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença crua e feia,
10 A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos pera sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
15 As gengivas na boca, que crecia
A carne e juntamente apodrecia.

1. ...da esperança liga-se a alegria, do 3.º verso.
4. *Ramnúsia* é *Némesis*, assim chamada por ser venerada num templo que havia em Ramosunte, ao Norte da Ática. Sobre esta deusa, *Vid.* III, 71. *Recompensa*, forma verbal, tem aqui o significado de *contrabalança*.
5. *Se dispensa* = *se estabelece*.

LXXXII

Apodrecia co'um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Sururgião sutil menos se achava;
5 Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pola carne já podre assi cortava
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Enfim que nesta incógnita espessura
10 Deixámos pera sempre os companheiros
Que, em tal caminho e em tanta desventura,
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
15 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o ilustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pola costa abaixo o mar abrimos
20 Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique enfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganosa
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui, no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
5 Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento,
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
10 Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
15 Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

9. *Julgas... se...* tem sido modificado para *Julga... se...* e para *Julgas... que...*? Cremos não valer a pena alterar a lição da *ed. princ.*, porque não é impossível que o Poeta tenha escritos: *Julgas... se*, no sentido de: *Estás agora a julgar* (em face do que vos digo) *se...*?

LXXXVII

- Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem têm contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
5 Essoutro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz altíssima e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre co'o som se ensoberbece;

1-4. O Poeta refere-se a Homero. A *água aónia* é a da Fonte de Aganipe, na Aónia, inspiradora de poetas. (*Vid.* III, 2). As cidades citadas são algumas das que lhe disputaram a naturalidade.

4. Alguns editores têm substituído *Ios* por *Chios* (Quios); mas, não obstante ser esta cidade a que mais geralmente é julgada a da naturalidade do Poeta, *Ios* — ilha do Arquipélago — também é incluída entre as suas possíveis pátrias.

5. *Ausónia* é designação poética da Itália.

7. O *Míncio* é o rio que banha Mântua, cidade a cujo termo pertence Andes, onde Virgílio nasceu. O *Tibre* banha Roma, onde o Poeta viveu e cujas míticas origens e grandeza histórica celebrou no poema *Enéida*.

LXXXVIII

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam;
5 Dêm-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêm-lhe perder nas águas o piloto;

3-4. *Circe* é a feiticeira que, na sua ilha *Eea*, transformou em cevados metade dos companheiros de *Ulisses*, por meio de certa beberagem; a *Polifemo* já nos referimos (*Vid.* V, 28); as *Sirenas* ou *Sereias* atraíam com seu canto os navegantes para os devorar (*Odisseia IX*). Todas estas entidades mitológicas aparecem no poema de Homero — *Odisseia* — e todas elas dramatizam de perigos e trabalhos a viagem de *Ulisses*.

6. Os *Cícones* são um povo da Trácia com o qual *Ulisses* teve de combater. A terra onde se esquecem os companheiros (de *Ulisses*) é a dos *Lotófagos* (comedores de loto — açofeifa); foi à força que o herói conseguiu, para continuar a viagem, arrancá-los da terra a que os prendia a misteriosa força daquele fruto.

8. *Eneias* perdeu o piloto *Palinuro*, na viagem da Sicília para Ocidente.

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpías que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas já passadas;
5 Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandflocá escritural»

1-2. O Poeta refere-se ao episódio da *Odisseia*, em que os companheiros de *Ulisses*, crendo que continha ouro ou prata o odre que *Éolo* tinha dado ao herói e onde se encontravam todos os ventos menos o que lhes era favorável, provocaram temerosa tormenta que os fez arribar de novo à ilha de onde haviam saído — a *Ilha de Éolo*. Sobre *Calipsos*, *vid.*, II, 45.

3. *Vid.* IV, 80. O Poeta alude ao que conta Virgílio na *Eneida*, sobre a descida destes monstros repugnantes a conspurcar a comida com que o herói e os companheiros se estavam alimentando.

4. Tanto *Ulisses* como *Eneias* descem ao Inferno, o *Reino das sombras dos mortos* — as *sombras nuas já passadas*.

XC

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
5 Louva o rei o sublime coração
Dos reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
10 O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
15 Por vir a descansar nos tétios braços;
E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

10. A ordem é: *cada qual o caso...*

13. O mancebo Délio é Apolo (o Sol), nascido na Ilha de Delos.

14. *Lampécia*=*Lampetusa*. Vid. I, 46.

15. Os *Tétios braços*, ou *braços de Tétis*, o mesmo é que Oceano. Vid. I, 16. Já dissemos que só por hábito de ocidental Camões figura o fenómeno do pôr-do-sol como se estivesse à beira-mar de Portugal, onde o astro descansa nos *tétios braços*.

XCII

Quam doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados;
5 As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
10 De Aquiles, Alexandro, na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Milcíades, famosos,
Temístocles despertam só de inveja;
15 E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

3. *Qualquer nobre trabalha...=qualquer pessoa animada de nobres sentimentos se esforça...*

9-12. Entenda-se: Alexandre (A. Magno, o famoso imperador macedónio) não tinha em tão grande conta os feitos de Aquiles na guerra, como tinha a Homero, que em versos melodiosos (=numerosos) o cantou.

13-14. Conta Cícero que Temístocles, o herói da batalha de Salamina, deambulando pelas ruas de Atenas, em noites de insónia, a quem o interrogava respondia que o excitavam os troféus de Milcíades, o vencedor dos Persas em Maratona.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
5 Si; mas aquele herói que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lira mantuana, faz que soe
Eneias, e a romana glória voe.

XCV

Dá a terra lusitana Scipiões,
10 Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos;
15 Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira.

5-8. *Aquele herói* é o Imperador Augusto, cuja amizade tanto contribuiu para o prestígio da arte de Virgílio — a *lira mantuana*.

9-12. Scipiões, Césares, Alexandros e Augustos é o plural pelo singular (exceptuando os Scipiões, porque houve mais de um, e célebres como capitães: Públio Cornélio Scípião é o herói de Zama; o outro, Públio Cornélio Scipião Emiliano, o vencedor de Cartago). Todos os outros são os conhecidos generais, a cada passo citados e aqui apontados como não sendo *duros e robustos*, (rudes) como os heróis portugueses, mas sim pessoas cultas e enamoradas de cultura, como se exemplifica nos versos seguintes.

13-16. É, depois de perfilhado por Júlio César, Caio Júlio César Octaviano. *Fúlvia* casou em terceiras núpcias.

XCVI

Vai César sojugando toda França,
E as armas não lhe impedem toda a ciência;
Mas, nũa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
5 O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

XCVII

Enfim, não houve forte capitão
10 Que não fosse também douto e ciente
Da lácia, grega ou bárbara nação,
Senão da portuguesa tão sòmente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excelente
15 É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.

com Marco António, o triúnviro (*Vid.* III, 136). Traía a mulher com Gláfira, nome que tanto pode designar a mulher de certo sacerdote, Arquelau, como uma célebre actriz de mimos.

1-2. É sabido que Júlio César escreveu sobre a guerra com os Gauleses, que dirigiu, o livro *De bello gallico*.

5-6. Diz-se que colaborou nas comédias de Terêncio.

11. *Bárbara*, entre os Romanos, era toda a nação que não fosse a própria nem a grega.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Vergílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles feros.
5 Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

XCIX

As Musas agradeça o nosso Gama
10 O muito amor da Pátria, que as obriga
A dar aos seus, na lira, nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
15 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino e que o cantassem.

13-16. Estas alusões à família do Gama, já morto havia muito, podem compreender-se como mera aplicação a ela da afirmação genérica do pouco apreço dos nobres lusos pela poesia, de que deriva a inferior categoria social dos que por mais nada se distinguiam do que por cultivá-la, mas também podem traduzir ressentimentos familiares. A família do Poeta era aparentada com a do Gama por seu avô Antão Vaz, casado com D. Guiomar Vaz da Gama. De qualquer modo, estas estrofes são comentário à situação social em que o Poeta se via, ou na Índia ou no regresso a Portugal — e antes como depois da publicação do poema.

C

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é sòmente o prossuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito;
5 Porém não deixe enfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

ÍNDICE DO I VOLUME:

	<i>Pág.</i>
PREFACIO	VII
CENSURA E ALVARÁ DA ED. PRINCEPS...	LIII
NOTA ACERCA DO TÍTULO DO POEMA.....	LVIII

Canto I	I
Canto II	53
Canto III	109
Canto IV	187
Canto V	245

CORRIGENDA E ADITAMENTOS:

À memória do Poeta e à benevolência do leitor se pede desculpa dos erros de revisão, que circunstâncias especiais tornaram menos cuidada. Assim, há palavras com letras a mais ou a menos, e trocadas, como: *venidero* por *venideros* (p. X, 13), *corrigido* por *corrigidos* (p. XI, 17), *gramática* por *gramático* (p. XVI, 2), *traduzem* por *traduzam* (p. XLVIII); *andavam* por *andam* (p. XI, 28); *movim* por *moviam* (p. 19, v. 9); *promete-lhes* por *prometo-lhos* (p. 26, 13); *ainda* por *inda* (p. 40, 17); *pressa* por *presa* (p. 45, 14); *alo* por *alto* (p. 57, 10); *esranhos* por *estranhos* (p. 192, 4); *quando* por *quanto* (p. XXXVII, 19 e 88, 8); *aladeia* por *aldeia* (p. 135, 8); *cé...* *alevantado* por *céu...* *alevantando* (p. 174, 17); *entre os feitos* por *entre feitos* (p. 176, 12); *faz o fraco* por *faz e fraco* (p. 182, 7); *coisas* por *cousas* (p. 265, 10).

Há erros de pontuação, como *postura*; por *postura* e como *via*, por *via* (pp. LI, 10 e 226, 11); além de outros de menor importância.

De frases erradas registamos: *mais uma vez* por *mais de uma vez* (VIII, 19); *com ela* por *e com ela* (p. XVII, 15); *orquestração que* por *orquestração de* (p. LI, 18); *Colatino que* por *Colatino, a qual* (p. 128, nota 7); *mito* por *Antiguidade* (p. 108, 3); *esta última* por *aquela* (p. 182, nota 7); *estejas* por *sejas* (p. 236, 16).

Houve ainda alguns lapsos mais graves, como: *irmãos Jesuítas G. da C.*, por *jesuítas e irmãos G. da C.*, *um dos quais S. J.* (p. XXII, 2); *meridional* por *setentrional* (p. 28, nota 2, 1); *Júpiter* por *Vénus* (p. 67, nota 14, 1); *céu* por *céu e Júpiter* na 6.^a (mesma pág. e nota 2).

Previne-se ainda o leitor de que na linha 17 da p. XLVII, se compôs em redondo *posto que* e *ornada de erudição*, que deviam vir em itálico.

Quanto a aditamentos:

À nota da pág. 82, acrescente-se: Notemos, todavia, que no seu tempo a palavra *estrela* era de mais extenso significado: por ela se designavam também os planetas. Na pág. 123, a 1.^a nota, aos versos 1-2, será: *Vid. 9, VIII*. Na pág. 229, acrescente-se a nota 1-2: *Vid. pág. 148, nota 8*. Na pág. 276, a primeira nota seja: 2. *Vid. nota da pág. 283*.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA



LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORIA LISBOA